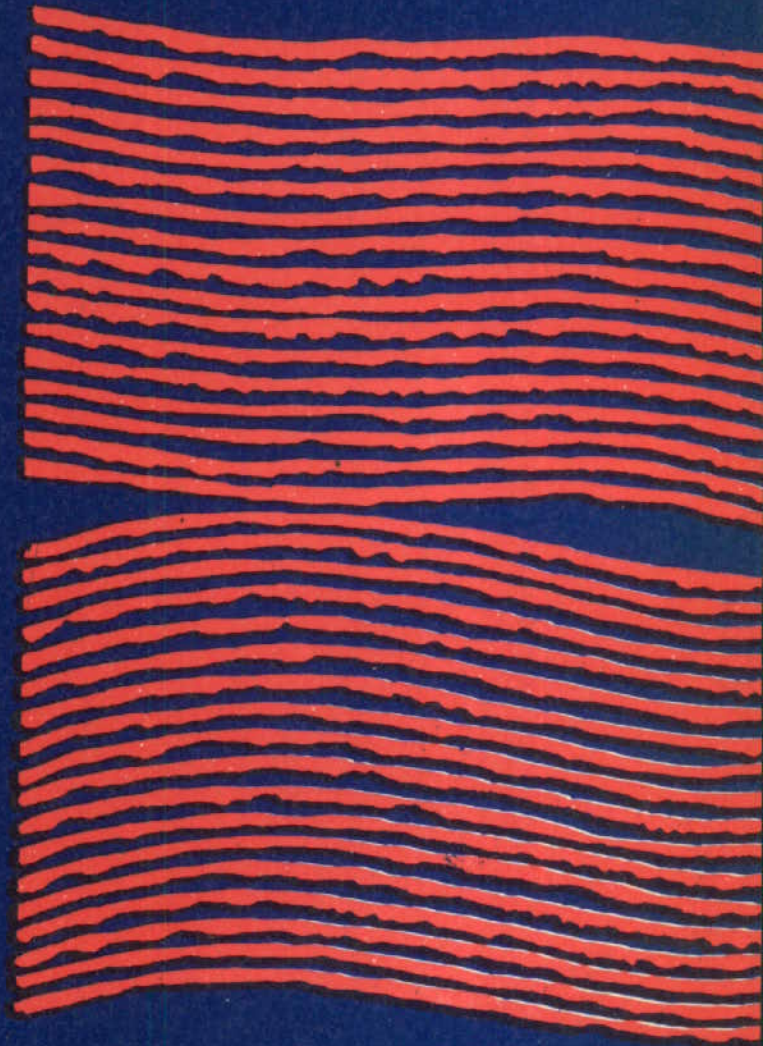
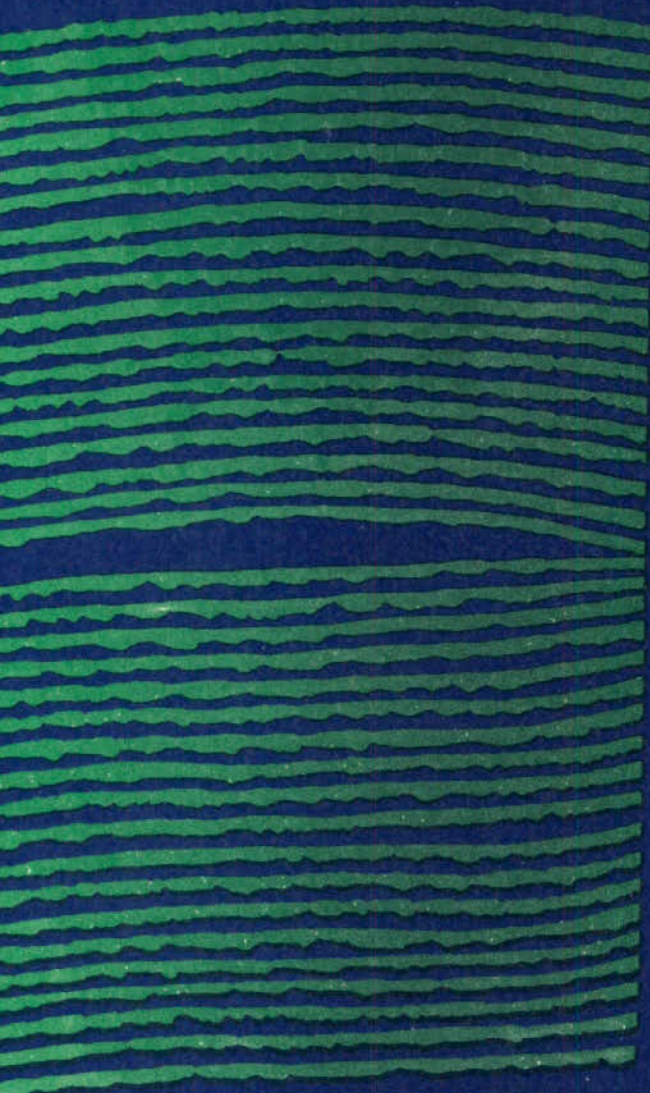


PROGNOSTICO 73/74



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA AGRICULTURA



INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA

S E C R E T A R I A D A A G R I C U L T U R A
I N S T I T U T O D E E C O N O M I A
A G R Í C O L A

Rua Anchieta, 41 - 10º andar
Caixa Postal 8083

APRESENTAÇÃO

Prosseguindo com o trabalho de oferecer, sistematicamente, um conjunto de informações econômicas que permitam ao empresário agrícola orientar-se no que tange às perspectivas do setor e dos mercados dos principais produtos, vem a Secretaria da Agricultura - pelo segundo ano consecutivo - trazer a público o Prognóstico do ano agrícola que ora se inicia.

Na realidade, o presente trabalho se constitui no cumprimento de mais uma etapa da programação prioritária que, atendendo às determinações do Governador LAUDO NATEL, foi definida pelo Governo do Estado para o setor agrícola.

No contexto de uma economia essencialmente dinâmica como a de São Paulo, é fundamental que a Secretaria da Agricultura procure, por todos os meios, prover os produtores do necessário suporte que permita manter as altas taxas de crescimento do produto que se vem observando nos últimos anos.

A existência, no presente documento, de dados relativos ao crescimento da produção, comportamento de mercado interno e internacional, aliados à previsão sobre a tendência dos preços para os principais produtos e, bem assim, contando com informações específicas sobre as políticas desenvolvidas por vários órgãos do Governo Federal e do Estado, fazem do "Prognóstico Ano Agrícola 1973/74" um trabalho de grande importância. Essa importância de que se reveste não decorre apenas do uso que cada produtor agrícola poderá fazer das informações aqui contidas para nortear suas decisões individuais. Do ponto de vista agregado, o Prognóstico representa um instrumento precioso para todos quantos atuam no setor agrícola, seja na produção de insumos, seja na orientação do crédito para custeio e para investimento, na comercialização de produtos ou na sua industrialização.

Pela sua importância, é um documento a ser divulgado, comentado e difundido pela rede de Assistência Técnica da Secretaria da Agricultura e por todos quantos, de maneira direta ou indireta, estejam ligados à agricultura.

Julho de 1973



RUBENS ARAUJO DIAS
Secretário da Agricultura

PROGNÓSTICO - ANO AGRÍCOLA 1973/74

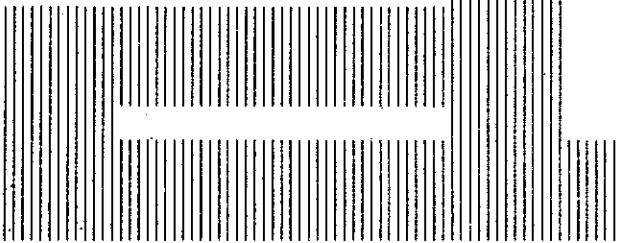
ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO	1-1
2 - VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA	2-1
3 - RESULTADO ECONÔMICO E ESTIMATIVA DE CUSTO OPERACIONAL	3-1
4 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA PARA O ANO AGRÍCOLA 1973/74 ..	4-1
4.1 - Estimativas de Oferta.....	4-1
4.2 - Estimativas de Procura	4-2
4.3 - Oferta e Procura	4-3
5 - MERCADOS DE PRODUTOS	5-1
5.1 - Algodão	5-4
5.2 - Amendoim	5-8
5.3 - Arroz	5-12
5.4 - Banana	5-17
5.5 - Batata	5-25
5.6 - Café	5-29
5.7 - Cana-de-Açúcar	5-40
5.8 - Cebola	5-42
5.9 - Feijão	5-45
5.10- Laranja	5-50
5.11- Mandioca	5-58
5.12- Milho	5-60
5.13- Soja	5-66
5.14- Tomate	5-77
5.15- Produtos Florestais	5-82
5.16- Aves	5-86
5.17- Ovos	5-90
5.18- Pecuária Leiteira	5-94
5.19- Pecuária de Corte	5-100

6 - MERCADOS DE FATORES	6-1
6.1 - Fertilizantes	6-1
6.2 - Defensivos	6-9
6.3 - Tratores	6-13
6.4 - Sementes	6-13
6.5 - Mercado de Terras	6-20
6.6 - Mercado de Trabalho	6-21
7 - INFORMAÇÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA	7-1
7.1 - Crédito	7-1
7.2 - Previdência no Campo	7-7
7.3 - Tributação	7-11
7.4 - Alterações na Política de Exportação de Produtos Agropecuários	7-12
7.5 - Sementes: Preços para 1973/74	7-13
7.6 - Preços Mínimos para a Safra 1973/74	7-15
7.7 - Aumenta a oferta de Crédito Rural	7-16



1- INTRODUÇÃO



PROGNÓSTICO - ANO AGRÍCOLA 1973/74

Instituto de Economia Agrícola

1 - INTRODUÇÃO

A economia brasileira realizou grandes progressos em 1972 e o Produto Interno Bruto cresceu de 10,4% em termos reais, comparativamente a 11,2% em 1971.

A produção industrial aumentou de 13,9% em consequência não somente de novos investimentos mas do melhor uso da capacidade já instalada. Registraram-se ganhos expressivos nas produções de veículos, aço, cimento e petroquímicos.

A agricultura, porém, não pôde acompanhar de perto os principais setores da economia; o produto agrícola aumentou de 4,1% contra os 14,3% do excelente ano de 1971.

Condições climáticas desfavoráveis, que reduziram drasticamente as colheitas de trigo no Rio Grande do Sul, contribuíram muito para esse resultado mais lento do setor agrícola.

A taxa de inflação foi diminuída de 18,7% em 1971 para 15,7% e os índices de custo de vida variaram de 15% a 19% nos principais centros urbanos do País. Também importante, a alta de preços dos gêneros alimentícios, em 1972, foi bastante inferior àquela de 1971.

O déficit do Tesouro Nacional - ao redor de 500 milhões de cruzeiros - decresceu 26% em relação ao ano anterior, sendo de 31% o aumento na oferta de dinheiro. E, aparentemente, houve expansão quanti

tativa de crédito no comércio, indústria e agricultura.

Outro aspecto positivo foi a sensível melhoria na posição política do País no exterior. Acrescente-se a isso que nosso balanço de pagamentos alcançou o excedente recorde de US\$ 2,4 bilhões contra US\$ 530 milhões em 1971, um grande fluxo de capital mais que compensando o déficit corrente de US\$ 213 milhões na balança comercial. As exportações brasileiras somaram US\$ 3,987 bilhões, o que representa 27% a mais que em 1971, e, em boa parte, determinados pelos embarques de café, açúcar e produtos industrializados. As importações alcançaram US\$ 4,2 bilhões (+26%) em resposta à demanda crescente de equipamentos e outros insumos. Nossa dívida externa, porém, passou de US\$ 6,6 bilhões em 1971 para aproximadamente US\$ 10 bilhões em dezembro do ano passado.

Em 1973, o Brasil deverá alcançar seu principal objetivo econômico, isto é, manutenção das altas taxas de crescimento do PIB, em torno de 10% a.a.. O objetivo de controle inflacionário (12%) tem levado as instituições a um esforço deliberado para reduzir custos e controlar preços. Por isso mesmo, tem gerado posições divergentes entre os empresários dos setores mais diretamente atingidos pelas medidas de intervenção governamental.

Como esperado, a economia paulista realizou excelente desempenho em 1972, superando mesmo as melhores expectativas e mostrando um crescimento mais ou menos equilibrado entre agricultura e indústria.

No setor secundário, os ramos que representam 53% do valor da produção industrial cresceram vigorosamente no último ano: metalurgia, 17,4%; material de transportes, 22,4%; química, 23,1%; produtos alimentícios, 10,6%; têxtil, 13,7%. O único ramo que registrou produções inferiores foi o de vestuário e calçados (-3,2%). O emprego no setor industrial como um todo cresceu em mais de 7% a.a., merecendo menção to da especial as indústrias mecânica, metalúrgica e de material elétrico.

Confirmando as previsões do IEA constataram-se em 1972, importantes ganhos para o setor agrícola no Estado. O crescimento real do valor da produção foi de 16,0% e a produção cresceu de 7,2% conforme o índice de volume. Excluindo o café, esse índice de volume obteve o expressivo avanço de 10,5%.

Café, carne bovina e cana-de-açúcar, pela ordem, continuam a ser os principais produtos de nossa agricultura. Entretanto, os que realizaram maiores aumentos reais de renda foram mamona (140%), soja (131%), arroz (85%), tomate (53%) e cebola (53%). Em contrapartida, alguns produtos experimentaram reduções reais de valor: suínos (-27%), amendoim (-13%), banana (-13%), feijão (-2,7%) e ovos (-1,8%). As altas produtividades alcançadas em milho, soja e arroz merecem registro especial.

Para 1973, as estimativas iniciais indicam acréscimo real mais modesto que aquele observado em 1972. Algumas culturas tiveram suas áreas e produções diminuídas: amendoim, algodão, batata, milho e arroz, não sendo essas reduções compensadas pelos ganhos observados nas culturas em expansão: soja, laranja, mamona, feijão e café. Em termos de produtividade, diversos produtos reagiram favoravelmente: algodão, feijão da seca, soja e mamona.

No tocante às exportações, 1972 foi também um ano muito bom. Sem contar os embarques de café, São Paulo exportou 70% a mais que em 1971, com destaques para algodão, açúcar, carne congelada e soja entre os produtos primários, e para suco de laranja, máquinas e aparelhos elétricos, carne industrializada, mentol, madeiras e roupas entre os manufaturados.

Segundo o IPE, o custo de vida em São Paulo aumentou 6,58% nos cinco primeiros meses de 1973, quando em igual período do ano passado alcançou 6,71%. O custo da alimentação, a exemplo de vezes anteriores, tem contribuído muito para a evolução desse índice, devido às quebras verificadas em alguns produtos básicos nesta safra.

A large barcode graphic that serves as a background for the title. It consists of many vertical black bars of varying widths, creating a textured effect behind the text.

**2- VALOR DA
PRODUÇÃO
AGRÍCOLA**

2 - VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

As informações disponíveis sobre 26 dos principais produtos agrícolas do Estado, embora ainda preliminares especialmente quanto aos preços, indicam evolução em valores deflacionados de 8,2% na safra 1972/73, em relação a 1971/72. Levando-se em conta que a safra 1971/72 foi recorde em termos de renda real, esse aumento torna-se bastante significativo.

Ao se analisar essa renda agregada, excluindo-se o café, o aumento gira em torno de 10,9%, o que indica que, este ano, esse produto não acompanhou a evolução do setor agrícola como um todo, pois, embora seus preços se mantivessem em níveis altos, a queda na produção provocou uma contração da renda real.

Os 20 produtos vegetais analisados apresentaram em conjunto um aumento de pouco mais de 5,8% e, quando deles se retira o café, o aumento vai para perto de 9,4%.

O setor animal, representado por 6 produtos, apresentou evolução melhor que a do setor vegetal com um crescimento da renda real ligeiramente superior a 13%.

De maneira geral, os aumentos de renda estimados para este ano são devidos a altas nos preços, pois o índice de volume produzido, baseado em 21 dos principais produtos agrícolas, apresentou uma queda de 6,8%, que diminui para 5,2% ao se excluir o café. Entretanto, alguns produtos apresentaram evolução positiva tanto no preço como na quantidade produzida, como a soja, os bovinos para corte, a mamona, a laranja e o feijão. Este último foi beneficiado em seus preços pela queda na produção dos outros centros de cultivo, ficando o agricultor paulista com uma safra relativamente boa e preços ótimos do ponto de vista do produtor, o que pro

vocou aumento da renda real da cultura em mais de 180%.

Em contrapartida deverão ocorrer reduções na renda real de alguns produtos: tomate e arroz devido a preços relativamente baixos; algodão, cana-de-açúcar, café e amendoim por safras menores.

Isolando-se os 21 produtos para os quais se dispõe de série mais longa, observa-se um valor corrente em torno de 12,9 bilhões de cruzeiros, o que em cruzeiros de 1969 significa 6,8 bilhões, contra cerca de 6,4 bilhões em 1972 e 5,5 bilhões em 1971. A série anterior, entre 1948 e 1970, apresenta seu ponto máximo, em cruzeiros de 1969, no ano de 1965, com 5,5 bilhões, o que mostra o bom desempenho, em termos de renda, da agricultura paulista neste ano.

O valor agregado de 26 produtos estimado em 14 bilhões de cruzeiros estaria propiciando renda bruta aproximada de Cr\$ 5.000,00, ou seja, US\$ 825 per capita para a população agrícola de nosso Estado.

QUADRO 2.1. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos na Agricultura Paulista, Final da Safra 1971/72 e Estimativa Preliminar 1972/73

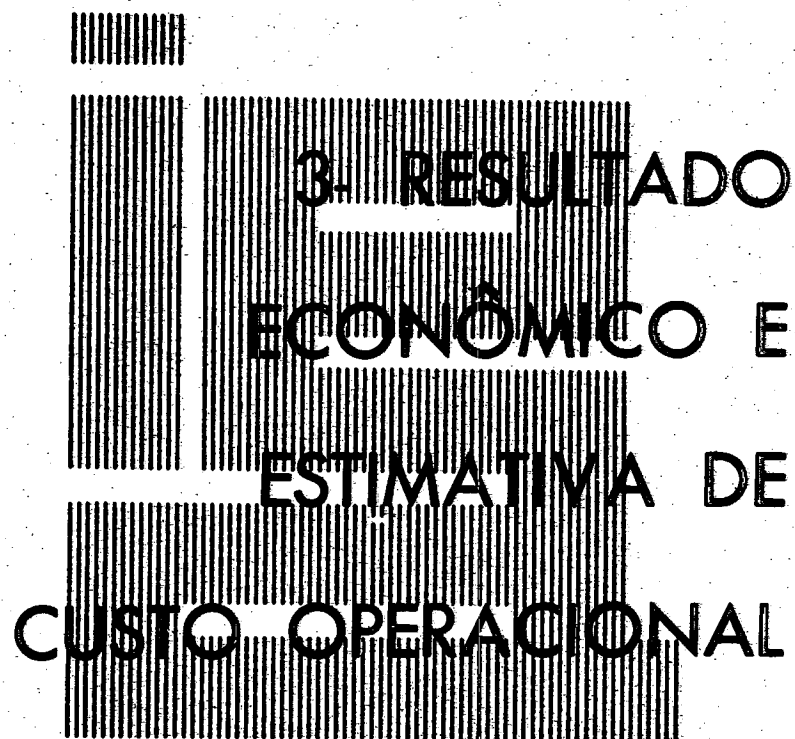
Produto	Quantidade (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor Corrente (Cr\$ 1000)		Valor real (em Cr\$ 1000 de 1972) ³ 1973 { ³ }
	1972	1973 { ¹ }	1972	1973 { ² }		1972	1973 { ² }	
Carne bovina	524,0	532,0	53,20	66,00	arroba	1.858.471	2.340.800	2.072.170
Café beneficiado	540,0	444,0	213,80	280,00	sc.60kg	1.924.182	2.072.015	1.834.230
Cana-de-açúcar	44.200,0	40.300,0	29,17	33,38	tonelada	1.289.314	1.345.214	1.190.837
Milho	3.000,0	2.694,0	16,80	24,00	sc.60kg	840.000	1.077.600	953.935
Leite (milhões de litros)	1.700,0	1.600,0	0,465	0,60	litro	790.500	960.000	849.830
Algodão em carvão	660,0	555,0	17,10	22,00	arroba	752.400	814.018	720.602
Ovos (milhões de dúzias)	340,0	359,0	1,62	2,10	dúzia	550.800	753.900	667.382
Laranja	2.428,0	2.768,0	6,30	8,50	cx.40kg	382.410	588.200	520.698
Arroz	660,0	600,0	47,80	50,00	sc.60kg	525.822	499.980	442.602
Feijão	123,0	145,8	74,10	200,00	sc.60kg	151.905	485.995	430.222
Soja	222,0	366,0	36,40	58,00	sc.60kg	134.687	353.812	313.209
Tomate ⁽⁴⁾	488,0	501,0	574,50	538,00	tonelada	280.356	269.538	238.606
Amendoim	645,0	325,0	15,30	24,00	sc.25kg	394.740	312.000	276.195
Batata	420,0	372,0	31,40	58,00	sc.60kg	219.786	359.612	318.343
Carne suína	57,0	52,0	45,40	52,00	arroba	172.522	180.268	159.581
Mandioca ⁽⁴⁾	1.750,0	1.220,0	146,40	110,00	tonelada	256.200	134.200	118.799
Mamona	66,0	88,5	56,90	75,00	sc.50kg	75.108	132.750	117.516
Banana	462,0	543,0	120,00	160,00	tonelada	55.440	86.880	76.910
Cebola	66,0	76,2	42,50	59,00	sc.45kg	62.330	99.906	88.441
Casulo	3,2	4,2	8,15	9,50	kg	26.080	39.900	35.321
Chá verde	19,3	27,8	0,472	0,51	kg	9.110	14.178	12.551
Frango de corte	175,1	207,4	2,58	3,10	kg vivo	451.758	642.940	569.156
Uva para mesa	109,6	116,8	9,32	17,60	cx.8kg	127.684	256.960	227.471
Trigo	34,0	36,0	36,00	40,32	sc.60kg	20.400	24.192	21.416
Limão	220,0	288,0	7,00	10,00	cx.40kg	38.500	72.000	63.737
Tangerina, ponkan, mexerica	333,6	376,0	8,00	10,00	cx.40kg	66.720	94.000	83.213
Valor total da produção (26 produtos) - (Crescimento real = + 8,25%)						11.457.225	14.010.858	12.402.973
Valor total da produção sem café (25 produtos)-(Crescimento real = + 10,86%)						9.533.043	11.938.843	10.568.743
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos)-(Crescimento real = + 5,82%)						7.607.094	9.093.050	8.049.533
Valor total da produção de origem vegetal sem café (19 produtos)-(Crescimento real = + 9,37%)						5.682.912	7.021.035	6.215.303
Valor total da produção de origem animal (6 produtos)-(Crescimento real = + 13,07%)						3.850.131	4.917.808	4.353.440

{¹} 4a. estimativa de safras, março de 1973.

{²} Estimativa preliminar.

{³} Valores deflacionados em Cr\$ de 1972, pelo Índice 2 da Conjuntura Econômica, admitindo-se Índice médio para 1973 igual a 366 (Deflator = 324 ÷ 366 = 0,88524).

{⁴} Inclui produto para mesa e para indústria.



**3- RESULTADO
ECONÔMICO E
ESTIMATIVA DE
CUSTO OPERACIONAL**

3 - RESULTADO ECONÔMICO E ESTIMATIVA DE CUSTO OPERACIONAL

Os resultados econômicos das principais culturas do Estado em 1972/73 (por unidade de área e de produto) são apresentados no quadro 3.1.

Para as estimativas de custo operacional em 1972/73, a mão-de-obra foi calculada na base do salário mínimo com o valor da diária de Cr\$ 10,00. No custo diário das máquinas e equipamentos computou-se uma reserva para sua reposição (depreciação), além dos reparos, combustível, graxa e lubrificantes.

O custo operacional é calculado considerando todas as despesas efetivas de mão-de-obra, máquinas, materiais, algumas despesas indiretas e mais a depreciação.

Subtraindo-se da receita (com base na estimativa de preço médio recebido pelos agricultores) o custo operacional, obtém-se o resíduo ou receita líquida que se destina à remuneração de terra, capital e empresário. Naturalmente, as estimativas de custo e resíduo feitas pelo IEA são valores médios e, assim sendo, os agricultores paulistas deverão utilizá-las principalmente como indicadores complementares no processo de tomada de decisões para o ano agrícola 1973/74.

Entre as atividades selecionadas, em 1972/73 (quadro 3.2), banana, batata, cebola, feijão, laranja, mamona, mandioca e tomate envarado apresentaram, de modo geral, melhores resultados por unidades de área. A seguir, pode-se destacar as culturas de amendoim, soja e tomate rasteiro. O feijão, devido às condições climáticas e de mercado que prevaleceram na safra, obteve excepcionalmente um bom resultado econômico. Para o tomate envarado, variedade Santa Cruz, a receita média por unidade foi baseada no 1º semestre de 1973.

No caso particular do leite, o custo foi calculado para três níveis de tamanho de produção para a região maior produtora do Estado . Os resultados econômicos por litro para tamanhos médio e grande foram positivos, sendo que para o tamanho pequeno o resultado apresentou-se negativo (quadro 3.5).

Estimativas de custo operacional (por hectare e por unidade de produto) são também apresentados nos quadros 3.3 e 3.4 para o ano agrícola 1973/74. Por certo, esses dados são indicadores mais objetivos dos encargos reais que deverão incidir sobre cada atividade agrícola. Nessas estimativas, a mão-de-obra foi calculada tomando-se o novo salário mínimo como base, com o custo diário de Cr\$ 11,60. No custo diário de máquinas foram considerados combustível, lubrificantes e reparos (10% do valor). A depreciação das máquinas e equipamentos foi computada em item específico para se obter melhor apreciação da estrutura de gastos. Para aquelas culturas, cuja colheita é feita por empreita, também foi computado em item específico o respectivo valor para melhor análise do resultado.

Finalmente, os quadros 3.6, 3.7, 3.8, 3.9 e 3.10 sintetizam estimativas das despesas no controle químico à ferrugem do cafeeiro com dados levantados nas regiões de Vera Cruz, Garça e São José do Rio Pardo. O cálculo é feito para diferentes números de aplicações e quantidades de fungicida. Esses custos da ferrugem não estão incluídos no custo operacional do café apresentado nos quadros 3.1, 3.2 e 3.4.

QUADRO 3.1. - Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Diferentes Culturas, Estado de São Paulo, 1972/73
(em cruzeiros)

Cultura	Produtividade média estimada		Mão-de-obra	Sementes e mudas	Adubo	Defensivo	Outros	Depreciação (1)	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade								
Algodão (TA)	91	arroba	407,10	35,52	165,11	169,63	381,98	27,97	1.187,31	13,05
Algodão (TM)	103	arroba	318,30	42,11	165,11	169,63	541,53	91,57	1.328,25	12,90
Amendoim (TA)	103	sc.25kg	588,00	300,00	199,85	70,45	41,69	14,43	1.199,25	11,64
Arroz sequeiro (TA)	31	sc.60kg	524,80	44,88	132,75	42,00	114,53	11,51	870,47	28,08
Banana varzea (CM)	950	cacho	743,90	-	388,25	74,95	15,31	15,66	1.238,07	1,31
Banana morro (CM)	847	cacho	772,80	488,13	71,38	-	23,01	23,54	1.378,86	1,63
Batata águas (TMA)	372	sc.60kg	639,60	2.980,04	878,80	170,24	1.058,34	169,64	5.896,66	15,86
Batata águas (TAM)	207	sc.60kg	743,80	1.188,00	534,49	129,12	448,57	28,99	3.072,97	14,85
Cafê (2) (1.000 covas)	25	sc.60kg	1.309,60	6,00	501,00	40,80	665,38	266,97	2.789,75	111,59
Cafê (2) " "	18,7	sc.60kg	1.197,68	9,00	314,00	40,80	545,55	244,49	2.351,52	125,75
Cafê (2) " "	12,5	sc.60kg	954,76	12,00	270,00	40,80	338,92	211,14	1.827,62	146,21
Cafê (2) " "	6,3	sc.60kg	680,00	-	-	20,40	265,81	158,65	1.124,86	178,55
Cana-de-açúcar (TM)	49,58	t	569,56	43,38	151,00	2,19	257,59	148,68(3)	1.172,40	23,65
Cebola (TMA)	10.000	kg	2.340,00	107,18	719,00	93,36	651,15	149,77	4.060,46	0,40
Feijão (TA)	17	sc.60kg	289,50	112,22	121,35	-	71,25	12,44	606,76	35,69
Feijão (TM)	19	sc.60kg	184,70	112,22	208,17	-	163,98	59,59	728,66	38,35
Laranja produção	500	cx.	196,00	-	247,64	130,70	198,71	106,00	879,05	1,76
Mamona (TA)	1.653	kg	330,60	11,28	135,88	-	24,12	4,42	506,30	0,31
Mandioca (TA)	29	t	665,40	46,40	189,75	19,25	199,52	10,94	1.131,26	39,00
Milho (TA)	41	sc.60kg	287,20	19,95	202,95	-	172,49	8,73	691,32	16,86
Milho (TM)	50	sc.60kg	179,70	19,95	202,95	-	-	71,44	797,61	15,95
Soja (TA)	30	sc.60kg	297,50	70,06	95,95	64,43	89,31	13,20	630,45	21,01
Soja (TMA)	33	sc.60kg	110,30	70,06	146,46	18,42	187,79	65,39	598,42	18,13
Tomate rasteiro (TM)	14.877	kg	641,50	28,08	507,17	373,56	186,34	88,14	1.824,79	0,12
Tomate rasteiro (TA)	12.397	kg	636,00	28,08	412,40	236,21	26,37	14,04	1.353,10	0,11
Tomate enverado Sta Cruz (TM)	1.715	cx.	8.192,30	14,79	10.124,06	1.177,36	12.098,16	111,74	31.718,41	18,49

(1) Depreciação somente do capital em máquinas e animais com exceção das culturas de cana-de-açúcar e café onde se tem também a depreciação do capital em benfeitorias.

(2) Não estão incluídas as despesas referentes ao controle químico da ferrugem. Sobre o assunto ver quadros 3.6, 3.7, 3.8, 3.9 e 3.10.

(3) Na depreciação da cana-de-açúcar inclui-se também juros sobre o capital circulante no montante de Cr\$ 32,16/ha ou Cr\$ 0,65/t.

Obs: TA = Tração animal; TM = Tração motomecanizada; CM = Cultura com uso de técnicas modernas; TMA = Tração mecanizada e animal; TAM = Tração animal e manual.

QUADRO 3.2. - Resultado Econômico por Hectare em Diferentes Atividades Agrícolas, Estado de São Paulo, 1972/73
(em cruzeiros)

Cultura	Rendimento ⁽¹⁾		Receita		Custo operacional		Receita Líquida ⁽²⁾	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por Unidade	Por ha	Por Unidade	Por ha	Por unidade
Algodão (TA)	91	arroba	2.002,00	22,00	1.187,31	13,05	814,69	8,95
Algodão (TM)	103	arroba	2.266,00	22,00	1.328,25	12,90	937,75	9,10
Amendoim (TA)	103	sc.25kg	2.472,00	24,00	1.199,25	11,64	1.272,75	12,36
Arroz sequeiro (TA)	31	sc.60kg	1.550,00	50,00	870,47	28,08	679,53	21,92
Banana varzea (CM)	950	cacheo	3.325,00	3,50	1.238,07	1,31	2.086,93	2,19
Banana morro (CM)	847	cacheo	2.964,50	3,50	1.378,86	1,63	1.585,64	1,87
Batata águas (TMA)	372	saco	21.576,00	58,00	5.896,66	15,86	15.679,34	42,14
Batata águas (TAM)	207	saco	12.006,00	58,00	3.072,97	14,85	8.933,03	43,15
Cafê ⁽³⁾	25	sc.60kg	7.000,00	280,00	3.243,59	129,74	3.756,41	150,26
Cafê ⁽³⁾	18,7	sc.60kg	5.236,00	280,00	2.747,56	146,93	2.488,44	133,07
Cafê ⁽³⁾	12,5	sc.60kg	3.500,00	280,00	2.163,18	173,05	1.336,82	106,95
Cafê ⁽³⁾	6,3	sc.60kg	1.764,00	280,00	1.363,00	216,35	401,00	63,65
Cana-de-açúcar (TM)	49,58	t	1.654,98	33,38	1.172,40	23,65	482,58	9,73
Cebola (TMA)	10.000	kg	13.100,00	1,31	4.060,46	0,40	9.039,54	0,91
Feijão (TA)	17	sc.60kg	3.400,00	200,00	606,76	35,69	2.793,24	164,31
Feijão (TM)	19	sc.60kg	3.800,00	200,00	728,66	38,35	3.071,34	161,65
Laranja produção	500	caixa	4.250,00	8,50	879,05	1,76	3.370,95	6,74
Mamona (TA)	1.653	kg	2.479,50	1,50	506,30	0,31	1.973,20	1,19
Mandioca (TA)	29	t	3.190,00	110,00	1.131,26	39,00	2.058,74	71,00
Milho (TA)	41	sc.60kg	984,00	24,00	691,32	16,86	292,68	7,14
Milho (TM)	50	sc.60kg	1.200,00	24,00	797,61	15,95	402,39	8,05
Soja (TA)	30	sc.60kg	1.740,00	58,00	630,45	21,01	1.109,55	36,99
Soja (TMA)	33	sc.60kg	1.914,00	58,00	598,42	18,13	1.315,58	39,87
Tomate rasteiro (TM)	14.877	kg	2.975,40	0,20	1.824,79	0,12	1.150,61	0,08
Tomate rasteiro (TA)	12.397	kg	2.479,40	0,20	1.353,10	0,11	1.126,30	0,09
Tomate envarado Sta Cruz (TM)	1.715	caixa	35.157,50	20,50	31.718,42	18,49	3.439,09	2,01

⁽¹⁾ Rendimentos médios por hectare em cada nível de tecnologia para culturas tecnicamente conduzidas: TA = tração animal, TM = tração motomecanizada, CM = com uso de técnica moderna, TMA = tração motomecanizada e animal.

⁽²⁾ Receita líquida = Receita total menos custo operacional.

⁽³⁾ Não se incluiu o custo do controle químico à ferrugem.

QUADRO 3.3. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1973/74

Cultura	Produtividade média estimada		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Outros ⁽¹⁾	Colheita	Depreciação ⁽²⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Algodão (TA)	91	arroba	472,24	47,03	203,57	168,32	69,06	376,74	31,64	1.368,60	15,04
Algodão (TMA)	103	arroba	369,23	47,03	203,57	168,32	189,20	426,42	113,94	1.517,71	14,73
Amendoim (TA)	70	sc.25kg	277,47	411,68	181,50	143,52	42,00	249,90	15,25	1.321,32	18,88
Amendoim (TM)	87	sc.25kg	177,36	358,56	221,60	114,59	195,18	367,71	77,92	1.512,92	17,39
Arroz sequeiro (TA)	31	sc.60kg	608,77	58,74	163,36	51,27	133,77	-	14,27	1.030,18	33,23
Batata (TMA) ⁽³⁾	372	sc.60kg	741,94	3.158,68	1.802,50	1.095,30	1.086,98	-	170,09	8.055,49	21,65
Batata (TAM) ⁽³⁾	220	sc.60kg	862,81	1.221,00	912,00	464,21	482,47	-	45,07	3.987,56	18,12
Cana-de-açúcar (TMA)(nova)	103	t	349,04	260,40	503,32	56,79	844,04 ⁽⁴⁾	477,92	112,37	2.603,88	25,28
Cana-de-açúcar (TMA)(soca)	62	t	119,71	-	252,97	18,89	402,11 ⁽⁴⁾	287,68	21,03	1.102,39	17,78
Cana-de-açúcar (TM)(ressoca)	50	t	135,37	-	191,27	14,19	366,11 ⁽⁴⁾	232,00	29,53	968,47	19,37
Cebola (TM)	10.000	kg	2.714,40	112,50	876,75	111,40	720,85	-	146,29	4.682,19	0,47
Feijão (TA)	17	sc.60kg	299,63	127,10	149,91	13,98	82,64	-	10,11	683,37	40,20
Feijão (TMA)	19	sc.60kg	198,82	127,10	260,22	13,98	172,06	-	29,92	802,10	42,22
Mamona (TAM)	1.653	kg	383,50	12,77	167,96	-	30,00	-	5,64	599,87	0,36
Mandioca (TA)	29	t	771,86	45,80	234,20	21,75	292,19	-	12,27	1.378,07	47,52
Milho (TA)	41	sc.60kg	333,15	26,79	252,08	-	200,17	-	10,83	823,02	20,07
Milho (TM)	50	sc.60kg	208,45	26,79	252,08	-	365,31	-	68,66	921,29	18,43
Soja (TMA)	33	sc.60kg	303,34	124,00	125,51	42,00	165,22	-	30,35	790,42	23,95
Soja (TM)	33	sc.60kg	86,30	124,00	189,15	26,70	236,36	-	64,81	727,32	22,04
Tomate caqui envarado (TM)	930	cx.	9.119,11	76,74	4.425,64	1.274,51	7.259,18	-	276,20	22.431,38	24,12
Tomate Sta Cruz envarado (TM)	1.715	cx.	9.503,06	60,47	11.350,02	1.623,04	10.319,13	-	319,80	33.175,52	19,34
Tomate rasteiro (TA)	430	cx.	737,76	66,08	515,16	291,93	32,16	-	17,77	1.660,86	3,86
Tomate rasteiro (TM)	689	cx.	719,90	64,00	631,10	570,32	466,12	-	234,53	2.685,97	3,90
Trigo (TM)	23	sc.60kg	18,56	134,55	234,00	-	112,15	-	88,00	587,26	25,53

⁽¹⁾ Em outros foram incluídos combustível, operação animal e reparos de máquinas.

⁽²⁾ Depreciação somente do capital em máquinas e animais.

⁽³⁾ Cultura de batata - Tração mecanizada e animal na região de Itapetininga e Tração animal e manual na região de Divinolândia.

⁽⁴⁾ Inclui também carregamento e transporte.

Obs: TA = Tração animal; TM = Tração motomecanizada; TMA = Tração motomecanizada e animal; TAM = Tração animal e manual.

QUADRO 3.4. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Perenes,
Estado de São Paulo, 1973/74

Cultura	Produtividade média estimada		Mão-de- obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Outros ⁽¹⁾	Deprecia- ção ⁽²⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade								
Abacaxi TA (Implant.e 2º ano) ⁽³⁾	23.000	kg	2.190,42	2.892,60	225,02	52,62	171,85	27,76	5.560,27	0,24
Abacaxi TM (Implant.e 2º ano) ⁽³⁾	24.500	kg	2.316,17	2.892,40	290,06	52,62	476,27	147,95	6.175,47	0,25
Abacaxi TMM(" ") ⁽³⁾	23.800	kg	2.029,88	3.300,00	815,75	193,72	283,88	125,17	6.748,90	0,28
Banana na várzea	1.320	cachos	919,64	-	814,32	135,30	13,91	12,14	1.895,31	1,44
Banana no morro	1.280	cachos	958,39	-	835,38	135,30	17,79	15,51	1.962,37	1,53
Café formação (1.000 covas)	Plantio	-	545,72	400,00	170,40	-	245,59	124,44	1.486,15	1,49
Café ⁽⁴⁾	25	sc.60kg	1.510,50	8,00	609,88	43,20	753,08	318,93	3.243,59	129,74
Café ⁽⁴⁾	18,7	sc.60kg	1.139,14	12,00	381,17	43,20	853,12	318,93	2.747,56	146,93
Café ⁽⁴⁾	12,5	sc.60kg	1.099,91	16,00	265,22	43,20	469,99	268,86	2.163,18	173,05
Café ⁽⁴⁾	6,3	sc.60kg	783,36	-	-	21,60	308,06	249,98	1.366,00	216,35
Figo formação-1º ano (1.660 pés)	-	-	1.634,44	-	1.454,04	279,73	270,41	70,60	3.709,22	2,23
Figo formação-2º ano (1.660 pés)	-	-	1.781,06	-	-	1.099,08	1.722,29	39,23	4.641,66	2,80
Figo produção	6.308	engradado	5.984,79	-	2.626,22	3.878,30	6.594,17	21,51	19.104,99	3,03
Laranja formação plantio (200 pés)	-	-	325,84	770,00	144,36	81,09	292,70	140,84	1.754,83	8,77
Laranja produção	400	cx.	241,74	-	441,12	221,47	262,97	129,89	1.297,19	3,24
Maracujã formação (1.000 pés)	-	-	1.267,88	682,50	304,40	201,41	3.883,33	334,48	6.674,00	6,67
Maracujã produção	875	cx.	835,20	-	721,32	430,73	654,74	259,27	2.901,26	3,32
Uva niagara formação (1º ano)	-	-	2.709,53	480,00	5.136,00	240,19	1.152,40	54,52	9.742,64	2,44
Uva niagara produção (4.000 pés)	2.600	cx.	3.931,24	-	2.947,00	810,62	3.445,02	101,79	11.235,67	4,32

⁽¹⁾ Em outros foram incluídos combustível, operação animal, reparos de máquinas e no caso do café incluiu-se administração e beneficiamento.

⁽²⁾ Somente depreciação do capital máquinas, exceto para café onde incluiu-se depreciação de benfeitorias específicas.

⁽³⁾ Cultura de abacaxi semi-perene - tração animal (TA) tração mecanizada (TM) na região de Bauru e tração mecanizada e manual (TMM) na região do Vale do Ribeira.

⁽⁴⁾ Não se incluiu o custo do controle químico à ferrugem.

QUADRO 3.5. - Estimativa de Resultado Econômico da Exploração do Leite na Região do Vale do Paraíba, em Diferentes Tamanhos, por Litro de Leite, Estado de São Paulo, Maio de 1973

Item	Tamanho (1)		
	Pequeno	Médio	Grande
A - Renda	- Cr\$/litro -		
Venda do produto	0,650	0,650	0,650
Aumento de inventário			
Outros rendimentos (2)	<u>0,130</u>	<u>0,127</u>	<u>0,126</u>
Total	0,780	0,777	0,776
B - Custo operacional			
Mão-de-obra variável	0,083	0,048	0,023
Mão-de-obra permanente	0,035	0,104	0,126
Sementes e mudas	0,001	0,012	0,001
Adubos e defensivos	0,003	0,015	0,015
Combustível e lubrificantes (3)	0,027	0,024	0,010
Alimentação	0,243	0,186	0,210
Vacinas e medicamentos	0,024	0,042	0,015
Impostos (3)	0,005	0,007	0,004
Arrendamento de pasto	-	0,037	0,001
Transporte de leite	0,039	0,039	0,020
Taxas (Pró-rural)	0,012	0,012	0,012
Reparos (3)	0,050	0,032	0,027
Utensílios diversos	<u>0,007</u>	<u>0,013</u>	<u>0,003</u>
Custo operacional efetivo	0,529	0,571	0,467
Depreciação (3)	0,068	0,049	0,048
Mão-de-obra familiar	<u>0,240</u>	<u>0,067</u>	-
Custo operacional total	0,837	0,687	0,515
A-B=Resíduo disponível para remunerar terra, capital e empresário	-0,057	0,090	0,261

(1) A "pequena" exploração produz menos de 100 l/dia; a "média" de 100 a 300 l/dia; e a "grande", acima de 300 l/dia.

(2) Créditos da exploração (venda de animais, de esterco e sacaria usada, por exemplo).

(3) Despesa rateada proporcionalmente à renda das atividades da empresa.

QUADRO 3.6. - Despesa na Pulverização por 1.000 Covas de Cafeeiro em Formação, com Pulverizador Costal Manual, em Função de Diferentes Números de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo, 1973 (1)

Número de aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/ vez/ 1000 covas)	Despesa operacional de aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida(2) (Cr\$/ano)	Total de despesas (Cr\$/ano)
4	2	34,44	107,84	142,28
	3	34,44	161,76	196,20
	4	34,44	215,68	250,12
5	2	43,05	134,80	177,85
	3	43,05	202,20	245,25
	4	43,05	269,60	312,65
6	2	51,66	161,76	213,42
	3	51,66	242,64	294,30
	4	51,66	323,52	375,18
7	2	60,27	188,72	248,99
	3	60,27	283,08	343,35
	4	60,27	377,44	437,71

(1) Região de Vera Cruz, Garça e São José do Rio Pardo.

(2) Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 13,29/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxiclreto de cobre 50%).

QUADRO 3.7. - Despesas na Pulverização por 1.000 Covas de Cafeeiro em Formação, com Pulverizador Costal Motorizado, em Função de Diferentes Números de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo⁽¹⁾, 1973

Número de aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/vez/1000 covas)	Despesa operacional de aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida ⁽²⁾ (Cr\$/ano)	Total de despesa (Cr\$/ano)
4	2	146,36	107,84	254,20
	3	146,36	161,76	308,12
	4	146,36	215,68	362,04
5	2	182,95	134,80	317,75
	3	182,95	202,20	385,15
	4	182,95	269,60	452,55
6	2	219,54	161,76	381,30
	3	219,54	242,64	462,18
	4	219,54	323,52	543,06
7	2	256,13	188,72	444,85
	3	256,13	283,08	539,21
	4	256,13	377,44	633,57

⁽¹⁾ Regiões de Vera Cruz, Garça e São José do Rio Pardo.

⁽²⁾ Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 13,29/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).

QUADRO 3.8. - Despesas na Pulverização por 1.000 Covas de Cafeeiro em Produção, com Pulverizador Acoplado ao Trator em Função de Diferentes Números, de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo⁽¹⁾, 1973

Número de aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/vez/1000 covas)	Despesa operacional de aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida ⁽²⁾ (Cr\$/ano)	Total de despesa (Cr\$/ano)
4	4	86,08	215,68	301,76
	5	86,08	269,60	355,68
	6	86,08	323,52	409,60
5	4	107,60	269,60	377,20
	5	107,60	337,00	444,60
	6	107,60	404,40	512,00
6	4	129,12	323,52	452,64
	5	129,12	404,40	533,52
	6	129,12	485,28	614,40
7	4	150,64	377,44	528,08
	5	150,64	471,80	622,44
	6	150,64	566,16	716,80

⁽¹⁾ Regiões de Vera Cruz, Garça e São José do Rio Pardo.

⁽²⁾ Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 13,29/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).

QUADRO 3.9. - Despesas na Pulverização por 1.000 Covas de Cafeeiro em Produção, com Pulverizador Tracionado a Animal em Função de Diferentes Números, de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo (1), 1973

Número de aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/vez/1000 covas)	Despesa operacional de aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida(2) (Cr\$/ano)	Total de despesa (Cr\$/ano)
4	4	84,16	215,68	299,84
	5	84,16	269,60	353,76
	6	84,16	323,52	407,68
5	4	105,20	269,60	374,80
	5	105,20	337,00	442,20
	6	105,20	404,40	509,60
6	4	126,24	323,52	449,76
	5	126,24	404,40	530,64
	6	126,24	485,28	611,52
7	4	147,28	377,44	524,72
	5	147,28	471,80	619,08
	6	147,28	566,16	713,44

(1) Regiões de Vera Cruz, Garça e São José do Rio Pardo.

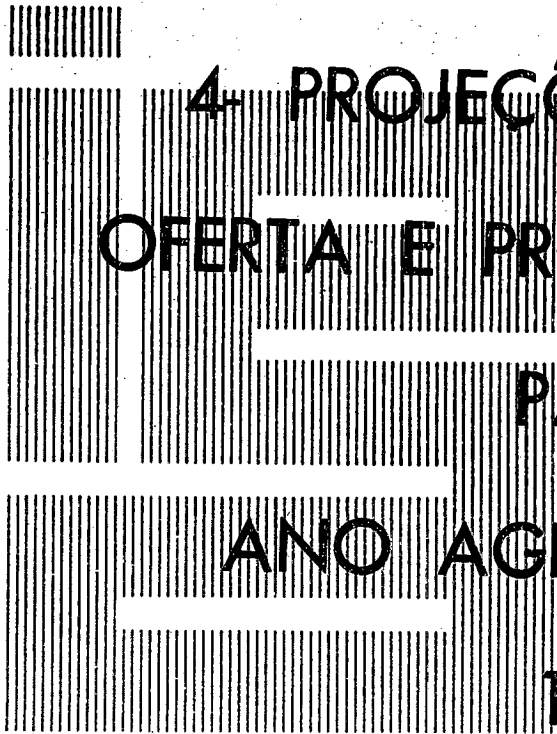
(2) Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 13,29/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxiclureto de cobre 50%).

QUADRO 3.10. - Despesas na Pulverização por 1.000-Covas de Cafeeiro em Produção, com Pulverizador Costal Motorizado em Função de Diferentes Números de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo (1), 1973

Número de aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/vez/1000 covas)	Despesa operacional de aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida (2) (Cr\$/ano)	Total de despesa (Cr\$/ano)
4	4	252,04	215,68	467,72
	5	252,04	269,60	521,64
	6	252,04	323,52	575,56
5	4	315,05	269,60	584,65
	5	315,05	337,00	652,05
	6	315,05	404,40	719,45
6	4	378,06	323,52	701,58
	5	378,06	404,40	782,46
	6	378,06	485,28	863,34
7	4	441,07	377,44	818,51
	5	441,07	471,80	912,87
	6	441,07	566,16	1.007,23

(1) Regiões de Vera Cruz, Garça e São José do Rio Pardo.

(2) Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 13,29/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).



**4. PROJEÇÕES DE
OFERTA E PROCURA
PARA O
ANO AGRÍCOLA
1973/74**

4 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA PARA O ANO AGRÍCOLA 1973/74

Neste capítulo procurou-se projetar para o ano agrícola 1973/74 a procura e oferta de alguns produtos importantes na agricultura paulista. Visando aperfeiçoar essas projeções e utilizando principalmente de informações mais atualizadas, algumas modificações foram efetuadas na parte referente à procura.

Essas modificações consistiram na substituição das estimativas de consumo básico efetuadas em 1967 pelo Departamento Nacional de Salários pelos dados de orçamentos familiares, de estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (IPE) na Grande São Paulo em 1971/72. Como no prognóstico passado a maior restrição a essas projeções se prende a impossibilidade de se obter, da mesma fonte, informações sobre o consumo "per capita" para todo o Estado de S. Paulo.

4.1 - Estimativas de Oferta

As estimativas de oferta foram obtidas de forma similar àquela utilizada no prognóstico do ano passado. As séries históricas do IEA foram utilizadas em um modelo Nerloviano, em que a área a ser cultivada em 1973/74 é determinada pela área plantada e o preço real no ano anterior, e pela tendência do período. 1948/72.

Uma vez estimados os coeficientes pelo método dos quadrados mínimos, a área a ser cultivada no próximo ano pode ser estimada pela inserção dos dados do ano atual na função ajustada.

Este método de estimar a oferta tem diversas limitações principalmente porque não leva em conta variações nos preços relativos de produtos e fatores, variáveis que certamente influenciam as decisões dos produ

tores. Entretanto, ele é superior à simples extrapolação de tendências passadas, pois permite captar a influência das variações de preço de produto em análise. Espera-se que em futuro próximo o Instituto de Economia Agrícola possa contar com modelos mais completos para agricultura paulista que permitirão, inclusive, a determinação simultânea das principais atividades agrícolas do Estado, uma vez conhecidos os níveis de preços de insumos e produtos e as limitações de recursos e crédito.

A estimativa da área plantada é apenas o primeiro passo para estimar as produções esperadas de culturas individuais. O rendimento precisa ser também considerado para que se possa obter estimativas de produção. Entretanto, os rendimentos são muito variáveis na agricultura porque eles são afetados por variações climáticas, pragas, doenças, etc. Em virtude dessas dificuldades, o IEA está utilizando 3 níveis diferentes de rendimento agrícola a fim de que possam ser levadas em consideração as incertezas que caracterizam esse indicador de produtividade. As 3 estimativas utilizadas, rendimentos alto, baixo e médio, são níveis de fato observados nos últimos 5 anos e nesse sentido aderentes à realidade agrícola de S. Paulo; tais níveis são chamados respectivamente "otimista", "pessimista" e "medio".

As estimativas de área foram multiplicadas pelos 3 níveis de rendimento (quadro 4.1) para que se pudesse especular sobre a produção total em 1973/74. (S_1 , pessimista; S_2 , media e S_3 otimista).

A esta altura, cabe assinalar que muitas das tendências de oferta apresentadas no Prognóstico 1972/73 foram confirmadas; alguns modelos (café, carne, laranja, arroz, feijão, cebola e cana-de-açúcar) estimaram produções bastante próximas das que se estão observando.

4.2 - Estimativas de Procura

As projeções apresentadas no quadro 4.2 para 1973/74 represen -

tam o produto do consumo médio " per capita" pela estimativa da população do Estado de São Paulo. No caso dos produtos exportados pelo porto de Santos, tais exportações foram estimadas.

É de se esperar que as projeções para carne bovina, ovos, cebola, batata, feijão, arroz, laranja, banana, leite e café indiquem, com boa aproximação, o consumo interno total que efetivamente deverá ocorrer em 1973/74.

Contrariamente ao Prognóstico do ano passado, diversos produtos destinados à industrialização e alimentação animal (cana, amendoim, milho, algodão e soja) não tiveram suas demandas estimadas para o de 1973/74. Dificuldades de natureza metodológica e conjunturais limitaram tais projeções, tornando-as bastante parciais e vulneráveis.

4.3 - Oferta e Procura

As estatísticas do quadro 4.1 refletem certas mudanças estruturais que vêm ocorrendo na agricultura paulista e os altos níveis de preços de alguns produtos, induzidos pelas pequenas produções obtidas em outras partes do mundo, bem como as grandes compras de certas mercadorias pela Rússia e China. As mudanças mais notáveis envolvem soja e algodão cujos preços alcançaram recentemente pontos de máximo em suas respectivas séries históricas. As equações de oferta indicam que os agricultores "deveriam" plantar uma área adicional de até 90 mil hectares de soja e 86 mil hectares de algodão. Ademais, os agricultores plantariam 80 mil hectares adicionais de café levando em conta o programa de crédito subsidiado e os preços correntes do mercado internacional; deveriam formar 35 mil hectares novos de laranja durante o próximo ano em resposta as condições favoráveis de mercado. Pequenas produções e preços relativamente altos de tomate e feijão deveriam estimular a expansão das respectivas áreas cultivadas. Pequenos acréscimos ocorreriam também em batata, cana-de-açúcar, mamona e arroz.

Obviamente, se confirmadas essas expansões de área os agricultores terão que reduzir o plantio de outras culturas. Nesse caso estariam amendoim, milho e banana; alguma área seria também liberada com a esperada diminuição da produção de leite. Essas reduções, todavia, não deverão ser suficientes para compensar o aumento total do plantio das outras culturas. Como resultado global, a área em culturas e pastagem deverá ser acrescida no próximo ano agrícola.

A despeito de um esperado ganho na área total, o aumento da produção agrícola será muito mais consequência dos níveis de rendimento. Assim, para soja e algodão o rendimento "médio" levará a produções maiores no próximo ano, enquanto um declínio absoluto em banana é esperado, mesmo que prevaleçam os rendimentos mais altos. Para os dois produtos da dieta alimentar, feijão e arroz, a produção paulista só deverá exceder a produção do ano 1972/73 com a repetição de condições bastante favoráveis.

O intercâmbio interestadual líquido (quadro 4.3) constitui um aspecto importante das projeções de oferta e demanda no Estado de S. Paulo. Tenta explicar a direção dos movimentos de trocas de vários produtos entre S. Paulo e os demais estados.

Embora para arroz, feijão e batata as projeções de oferta indiquem acréscimos na área plantada a produção estadual será insuficiente para atender a demanda interna. Assim, continuarão as importações de outros estados.

Idêntico raciocínio para a cebola onde a procura deverá continuar excedendo a oferta gerando importações estacionais de outros estados e do exterior.

No que concerne ao café e carne bovina, embora se possa projetar um aumento de área com a cultura e em pastagens, importações de outros estados serão também efetuadas para atender o consumo interno e as

exportações para mercados externos.

Como previu o prognóstico anterior deverão continuar as exportações líquidas de laranja, ovos e banana nanica para outros estados. No caso de laranja esse movimento é superestimado face a não inclusão de suco no consumo paulista; é possível que em ovos esse intercambio esteja subestimado.

Para o leite, apesar da oferta global do produto ultrapassar a procura estimada, deverão continuar as importações de outros estados, principalmente Minas Gerais. Isto porque a análise foi feita em termos de consumo "in natura" e é sabido que parte considerável da produção é absorvida pela industria, bem como as exportações se fazem indubitavelmente na forma industrializada.

QUADRO 4.1. - Projeções de Oferta, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1973/74

Produto	Área 1972/73 (1.000ha)	Área esti- mada 1973/74 (1.000 ha)	Rendimentos estimados ⁽¹⁾ (kg/ha)			Oferta estimado (1.000 t)			Produção 1972/73 (1.000t)
			Pessimista	Médio	Otimista	Pessimista(S ₁)	Média(S ₂)	Otimista(S ₃)	
Algodão	430,0	516,0	1.048	1.251	1.626	540	645	839	590
Amendoim	264,0	253,0	1.109	1.253	1.385	280	317	350	325
Arroz	519,0	557,0	625	1.005	1.312	348	560	730	600
Batata	32,4	35,0	10.843	11.422	12.099	379	400	423	372
Cana	802,0	821,0	43.252	50.312	56.106	35.500	41.250	46.000	40.300
Cebola	11,7	11,6	4.576	5.325	6.513	53	62	76	76
Feijão	270,0	299,0	338	478	540	101	143	161	146
Laranja	291,0	325,8	8.638	9.225	9.673	2.815	3.005	3.151	2.768
Mamona	74,0	81,0	900	1.040	1.196	73	84	97	89
Mandioca	102,0	108,0	16.746	17.443	18.974	1.206	1.257	1.366	1.220
Milho	1.300,0	1.270,0	1.396	1.801	2.072	1.773	2.287	2.631	2.694
Soja	200,0	290,0	1.075	1.476	1.830	310	428	530	366
Tomate	21,0	28,0	18.442	20.857	22.260	516	584	623	501
Bovinos	-	-	-	-	-	-	540	-	532
Ovos ⁽²⁾	-	-	-	-	-	-	365	-	340
Leite ⁽³⁾	-	-	-	-	-	-	1.620	-	1.700
Suínos	-	-	-	-	-	-	45	-	52
Café	707,7	787,0	-	750	-	-	519	-	444
Banana	31,2	27,2	16.182	16.682	18.150	440	454	494	543

⁽¹⁾ Rendimento calculado a partir da área colhida.

⁽²⁾ Milhões de dúzias.

⁽³⁾ Milhões de litros.

QUADRO 4.2. - Projeções de Procura, Estado de S.Paulo, Ano Agrícola 1973/74

Produto	Consumo per capita em S.Paulo ⁽¹⁾ (kg)	Consumo total com alimentação humana em S.Paulo ⁽²⁾ (1.000 t)	Exportação ⁽³⁾ (1.000 t)	Procura total (1.000 t)
Cafê	8,410	168,3	467,0	635,3
Carne bovina	25,600	512,0	82,4	594,4
Ovos ⁽⁴⁾	17,352	347,1	-	347,1
Laranja	45,290	905,9 ⁽⁵⁾	1.636,6	2.542,5
Arroz	45,468	909,5	-	909,5
Batata	22,524	450,5	-	450,5
Feijão	17,772	355,5	-	355,5
Banana	15,492	309,9	100,0	409,9
Cebola	6,276	125,5	-	125,5
Leite	73,264	1.465,5	-	1.465,5

⁽¹⁾ Orçamentos familiares - Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de S.Paulo.

⁽²⁾ A população estimada para 1974 foi de 20.002.837 habitantes com base em crescimento populacional de 3% a.a..

⁽³⁾ Projeções estimadas.

⁽⁴⁾ Em duzias, o consumo per capita; os demais em milhões de duzias.

⁽⁵⁾ Não entra suco. É de se esperar que o consumo doméstico esteja subestimado.

QUADRO 4.3. - Projeções de Procura, Oferta e Intercambio Interestadual Líquido, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1973/74

Produto	Procura (1.000t) D	Alternativa de oferta (1.000t)			Intercambio interestadual líquido(1.000t)		
		S ₁	S ₂	S ₃	S ₁ -D	S ₂ -D	S ₃ -D
Cafê	635	-	519	-	-	-116	-
Carne bovina	594	-	540	-	-	- 54	-
Ovos ⁽¹⁾	347	-	365	-	-	18	-
Laranja	2.543	2.815	3.005	3.151	272	462	608
Arroz	910	348	560	730	-562	-350	-180
Batata	451	379	400	423	- 72	- 51	- 28
Feijão	356	101	143	161	-255	-213	-195
Banana	410	440	454	494	30	44	84
Cebola	126	53	62	76	- 73	- 64	- 50
Leite ⁽²⁾	1.466	-	1.620	-	-	154	-

⁽¹⁾ Milhões de dúzias.

⁽²⁾ Milhões de litros.



**5- MERCADOS
DE PRODUTOS**

5 - MERCADOS DE PRODUTOS

- Considerações Gerais

Nos mercados internacionais tem predominado situações instáveis e de especulação. Os preços dos produtos agrícolas sobem rapidamente, devendo continuar em alta até o final de 1973 e mesmo que se estabilizem no próximo ano estarão em níveis bastante elevados.

Em diversos países do mundo desenvolvido e em desenvolvimento persistem níveis acelerados de inflação (de custos e demanda), sendo a crise monetária internacional outro fator de instabilidade pois se torna quase imprevisível a evolução do balanço de pagamentos de um grande número de países.

A esses fatores, some-se o fracasso de recentes colheitas, principalmente de cereais e oleaginosas, na União Soviética, Índia, China e África, desencadeando assim um forte desequilíbrio no abastecimento e no comércio. A queda na produção de trigo, por exemplo, foi de 5% em relação ao ano 1971 e conseqüentemente os estoques mundiais diminuíram substancialmente ao início de 1973 (-12%).

A demanda mundial de produtos agrícolas, especialmente cereais e proteicos, que se deslocava rapidamente foi expandida ainda mais em 1973, ativando o comércio internacional. A participação mais efetiva da China e União Soviética condicionou compras substanciais e, por sua vez, o Japão praticamente dobrou suas aquisições de matérias-primas (alimentos e grãos) e combustíveis.

Ao início deste ano, as incertezas com relação ao poder aquisitivo do dólar e da libra deram maior ímpeto a essa tendência altista.

Em síntese, as recentes altas de preços resultam da interação de diversos fatores, como aceleração da atividade industrial e da urbanização que acompanham o processo de desenvolvimento econômico, contração da oferta de certos produtos, mudanças na demanda, variações nas taxas de câmbio e condições internacionais de incerteza.

Essa conjuntura tem gerado intervenções governamentais em vários países no sentido não só de garantir o abastecimento interno mas também de proteger suas economias, inclusive da inflação mundial.

No caso brasileiro, os objetivos de crescimento, aumento das exportações e controle à inflação têm criado situações aparentemente conflitantes e, em alguns casos, até mesmo controvertidas.

Guardadas as proporções - escassez de oferta de certos produtos como trigo, feijão e leite, demanda em rápida expansão e a conseqüente alta de preços agrícolas vem caracterizando o quadro geral de nossa agricultura. E o Governo Federal, à luz desses parâmetros, vem adotando também políticas protecionistas ao mercado interno como, por exemplo, restrições às exportações, quotas de contribuição, reduções de alíquotas e preços administrados.

Ao iniciar-se a safra 1973/74, os mercados de produtos agrícolas apresentam essas características conjunturais difíceis de serem analisadas isoladamente e reclamando uma série de ajustamentos tanto de produção como de consumo.

Para a agricultura paulista e brasileira o próximo ano agrícola poderá ser realmente decisivo, garantindo as condições essenciais de um novo arranjo para o desenvolvimento, desde que com o abastecimento do mercado interno, excedentes de produção possam adquirir posições definitivas nos mercados externos. Em outras palavras, isto significa que a oferta de produtos básicos da dieta alimentar, e suas matérias-primas, terá que responder aos estímulos de uma procura em expansão acelerada. Mas, será preciso também firmar posição ante um mercado internacional, hoje ávido por adquirir alimentos e produtos os mais variados. Assim, a oportunidade é única para um novo posicionamento da agricultura.

Certamente, a política de preços mínimos do Governo Federal estará levando em conta não só objetivos mais gerais do desenvolvimento brasileiro mas igualmente todo um potencial de nossas vantagens comparativas.

Produtos como arroz e feijão terão seus preços mínimos se aproximando cada vez mais dos preços

de equilíbrio no mercado interno e atingindo, mormente no caso crítico do feijão, níveis estimuladores para maiores áreas e rendimentos derivados da incorporação de moderna tecnologia. Milho, algodão e amendoim terão níveis de preço de garantia que em condições normais proporcionarão atraentes taxas de retorno para o capital empastado na exploração; esses produtos, milho e algodão principalmente, são aliás de importância vital para a agricultura paulista no ano 1973/74 e, como usualmente, os agricultores saberão responder ao estímulo de um preço remunerador. No caso específico da soja prevalecerão por certo condições favoráveis de preço ao produtor.

5.1 - Algodão

5.1.1 - Panorama internacional

A produção mundial disponível para o período 1972/73 é estimada em 58,9 milhões de fardos, superior em 3,3% à do período precedente, repetindo-se assim, pelo segundo ano consecutivo, produção maior que o consumo (56,5 milhões de fardos em 1972/73). Os Estados Unidos foram o principal responsável por esse volume de produção, pois o incremento de 31% naquele País mais que compensou as reduções registradas nos demais países.

Os estoques mundiais para o início do período 1973/74 estão estimados em 23,5 milhões de fardos, nível considerado adequado, ou seja suficiente para o consumo de cerca de 5 meses.

O ano algodoeiro 1972/73 está se caracterizando pela continuada ascensão dos preços. A tendência de baixa dos preços observada no período anterior persistiu até meados de setembro de 1972, ocasião em que se deu a virada na tendência, mantendo-se em alta até o momento.

Em consequência, as cotações no mercado internacional atingiram cifras somente alcançadas neste século durante o período da Guerra da Coreia. A alta de preços foi de 45 a 60% no período setembro de 1972 a maio de 1973, dependendo da origem e características do algodão. Para o caso do algodão da região Sul do Brasil, a alta no mesmo período está sendo estimada ao redor de 50%. Como indicador do nível de preços, a cotação "CIF-Liverpool" deu salto de 31,55 cents/lb em setembro de 1972 para 49,55 cents/lb em maio deste ano.

Apesar da posição de certo equilíbrio, com os estoques a níveis satisfatórios, as principais causas apontadas para ascensão dos preços durante o período são: a) contratempas na Índia, Turquia, Paquistão e países da América Central, diminuindo as perspectivas de aumento na produção;

b) baixos preços no período de plantio da safra 1972/73 do Hemisfério Sul indicando retração na área a ser plantada; c) condições climáticas que prejudicaram o final da colheita norte-americana de 1972/73; d) importações da China Continental; e) desvalorização do dólar; e f) notícias sobre política norte-americana de aumentar o plantio principalmente de cereais, que reduziria conseqüentemente o plantio de algodão em 1973/74, fato este já confirmado e agravado por ocasião do plantio que foi dificultado por condições adversas do tempo.

Quanto às exportações mundiais estão estimadas em 19,6 milhões de fardos em 1972/73, portanto superiores em quase 9% à registrada na temporada 1971/72. Este aumento deve-se em boa parte às compras efetuadas pela China.

Para o próximo período (1973/74), apesar dos estoques alcançarem níveis tidos como razoáveis, permanece a situação de escassez de algodões "finos". O plantio de algodão norte-americano está definitivamente afetado, embora não se saiba ainda as proporções exatas; mesmo assim é esperado um volume de produção mundial que supere, pelo terceiro ano consecutivo, ao consumo global.

Por outro lado, os altos níveis alcançados pelo preço de algodão poderão também ocasionar vantagens adicionais ao avanço das fibras artificiais, principalmente nos países mais ricos, mesmo que o setor de fibras artificiais esteja também enfrentando dificuldades. Outro fator que torna complexa a tentativa de avaliar a próxima temporada é a instabilidade monetária internacional. Ainda assim, espera-se que os preços no mercado internacional mantenham-se em níveis elevados.

5.1.2 - Situação interna

Ao início do ano agrícola 1972/73 registrou-se acentuada redução da área de plantio principalmente nos estados de São Paulo (-32%) e Paraná (-20%), fruto de insucesso dos anos anteriores. Nos demais es

tados, estatísticas preliminares indicam que: em Goiás praticamente não se expandiu a área como vinha acontecendo nos anos anteriores; em Minas Gerais houve pequeno aumento de área; em Mato Grosso não se registrou modificação sensível. No agregado, com condições climáticas favoráveis em algumas regiões e adversas em outras, estimativa preliminar indica produção ao redor de 460 mil toneladas de algodão em pluma na Zona Meridional, portanto 6,5% menor que a obtida em 1971/72.

Em São Paulo, as condições climáticas foram bastante favoráveis, propiciando melhoria ponderável na produtividade. Assim, a produção deste ano será ligeiramente inferior à do ano passado, mesmo com a redução drástica da área plantada.

De modo geral, os preços recebidos pelos agricultores na presente safra acompanharam as altas observadas nas cotações internacionais, atingindo em junho último Cr\$ 23,22/arroba. Aliando-se ao nível de preço a boa produtividade conseguida, com toda certeza os cotonicultores obtiveram bom resultado econômico, ao contrário das safras precedentes. Ademais, praticamente não foi constatada nesta safra falta de mão-de-obra por ocasião da colheita, salvo em algumas poucas regiões.

5.1.3 - Perspectivas

Sem descontar por medida de elementar prudência a possibilidade de maiores ou menores baixas, pode-se afirmar que são bem mais nítidas as probabilidades de que os preços do algodão no mercado internacional se mantenham em níveis elevados. Isto, por período de tempo que deverá pelo menos abranger a época de comercialização da safra de 1973/74 no Sul do País.

Por outro lado, as perspectivas para o mercado interno também são de preços relativamente bons.

O aumento natural do consumo interno, acrescido pelos incenti-

vos as exportações de fios e tecidos que implica em maior absorção da matéria prima por parte de nossa indústria, conjugado com as favoráveis condições do mercado externo, justificam tal previsão. Aliás e em favor disso, outras considerações poderiam ser aduzidas. Como o provável aumento no preço do caroço (mormente em decorrência do preço da torta) e também o fato de que a área de plantio no Sul do País não deverá aumentar, sendo mesmo mais provável ocorrer alguma contração da superfície semeada.

Quanto a este último aspecto e com base em informações bastante preliminares, pode-se dizer que:

- a) no Paraná, a despeito de ter sido muito boa a safra de 1973/74 e ter também chegado a um ponto muito baixo sua última área de plantio (250.000 ha), aguarda-se nova redução dessa área, em decorrência da assoladora expansão da soja. De acordo com informações de círculos ligados à economia algodoeira desse Estado, dita redução seria no mínimo de 10%;
- b) em Goiás, as informações de fontes dispersas, indicam retração de área, sem no entanto indicar grandezas;
- c) em Minas e sempre com bases em informações preliminares, permaneceria estável ou talvez um pouco maior a semeadura no Triângulo Mineiro, sendo certo o aumento de área no Norte desse Estado;
- d) as informações quanto ao Sul de Mato Grosso são muito imprecisas o que leva à não consideração de eventuais variações;
- e) em S. Paulo, também haveria contração no plantio, avaliada em 5%. Como se vê, dita porcentagem é pequena, mas de qualquer forma torna menos possível o aumento. Também no Estado

de São Paulo, considerando algumas das variáveis econômicas (modelo de Nerlove) chega-se a indicação de que deveria ocorrer aumento na área de plantio da malvãcea. Contudo, observa-se que fatores outros estariam condicionando a expansão da área, pois informes recentes das lides produtoras dão conta de ligeira redução para a próxima safra.

A favor do aumento da área a ser plantada poderiam ser citados: a) produtividade obtida na presente safra, aliada aos preços relativamente altos, propiciando satisfatória rentabilidade aos cotonicultores; e b) custo de colheita inferior ao do ano passado devido provavelmente à presença de maior número de colhedoras mecânicas.

Entretanto esses fatores são contrariados por: a) competição com outras atividades, principalmente soja nas DIRAs de Ribeirão Preto e Campinas; e b) recentes restrições à exportação do produto.

5.2 - Amendoim

5.2.1 - Panorama internacional

A produção mundial de amendoim em casca em 1972/73 deverá ser aproximadamente 10% menor que a anterior. A produção obtida em 1972 totalizou 16,10 milhões de toneladas, enquanto a de 1971 atingiu a 17,68 milhões de toneladas. Estas quedas nas produções de amendoim devem-se a condições climáticas adversas, em diversos dos principais países produtores: Índia, África do Sul e Senegal. Se os fatores climáticos forem favoráveis, prevê-se que para a próxima safra poderá haver recuperação da produção mundial, devido principalmente às condições atuais do mercado internacional. Atualmente, as cotações internacionais, tanto para o amendoim em grão como para os farelos e óleos estão em contínuas altas, face à crescente demanda.

5.2.2 - Situação interna

A produção brasileira de amendoim em casca em 1973 não deverá atingir 510 mil toneladas, e comparada à do ano anterior observa-se decréscimo de aproximadamente 35%. Os decréscimos sucessivos que se vem verificando na produção são consequência da baixa rentabilidade econômica que a cultura tem proporcionado em termos relativos. Em 1973, a principal causa da queda da produção brasileira foi a grande diminuição da área (48%) e da produção (50%) no Estado de São Paulo, responsável por 83% do total brasileiro (quadro 5.1).

QUADRO 5.1. - Produção, Área e Rendimento da Cultura de Amendoim no Estado de São Paulo, 1967/68 a 1972/73

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	389,6	537,5	1.380
1968/69	469,3	532,5	1.109
1969/70	447,7	620,0	1.385
1970/71	505,8	637,5	1.260
1971/72	504,0	645,0	1.280
1972/73 (1)	264,0	325,0	1.231

(1) Dados preliminares.

Em razão da grande procura que se vem verificando no mercado internacional para oleaginosas, com grande reflexo nas cotações internacionais, as quais vêm apresentando sucessivas e acentuadas altas, esperava-se que no decorrer de 1973 as exportações fossem maiores que aquelas verificadas em anos anteriores. Entretanto, a queda de produção ocasionou uma alta nos preços recebidos pelos produtores de mais ou menos 60% (quadro 5.2), fazendo com que o produto nacional se mostrasse gravoso,

mesmo quando mais altas cotações internacionais se verificaram. No caso específico do amendoim descascado, porém, verificou-se aumento de 36% nas exportações pelo porto de Santos até o mes de maio.

QUADRO 5.2. - Preços Recebidos pelos Produtores de Amendoim em Casca, no Estado de São Paulo, 1968-73
(Cr\$/sc.25kg)

Mes	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	6,57	9,12	9,32	12,70	14,33	20,85
Fev.	6,68	8,98	9,07	14,66	13,94	24,97
Mar.	7,30	8,82	9,36	15,28	13,89	25,52
Abr.	7,55	8,69	9,75	15,39	14,06	25,27
Mai.	7,69	8,83	9,78	14,45	14,56	25,61
Jun.	8,30	9,02	11,15	14,13	15,38	28,59
Jul.	8,49	9,25	12,11	14,86	16,32	...
Ago.	6,66	9,53	12,73	16,44	18,01	...
Set.	9,08	11,19	12,91	16,46	16,80	...
Out.	9,24	11,58	13,19	16,17	18,77	...
Nov.	10,58	11,82	12,97	16,62	18,67	...
Dez.	8,96	11,17	13,12	17,33	20,39	...

O padrão de variação estacional do preço recebido pelos produtores paulistas (figura 5.1) mostra que a curto prazo deverá ocorrer uma elevação de preço, embora se saiba que existe pouco produto em mãos dos agricultores para ser comercializado.

5.2.3 - Perspectivas

A despeito da elevação de preços verificada no corrente ano,

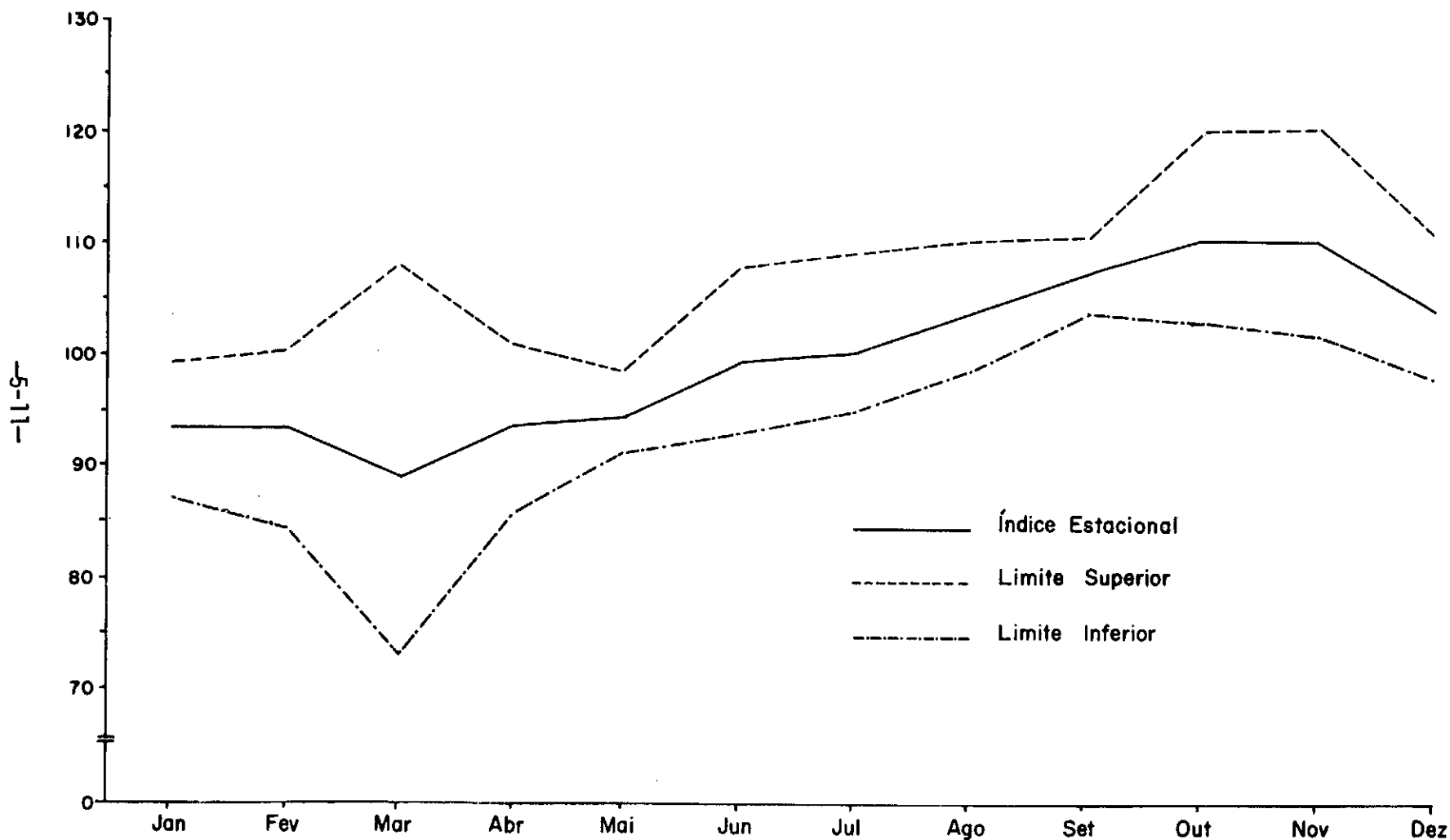


FIGURA 5.1. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Amendoim em Casca, Estado de São Paulo, 1966-72.

para a safra 1973/74 prevê-se que no Estado a cultura de amendoim acusará nova diminuição de área (cerca de 7%). E prevalecendo também o rendimento médio dos últimos cinco anos a produção será 2 a 3% inferior à atual. Ao mesmo tempo observa-se que vem ocorrendo uma substituição desta oleaginosa na industrialização, motivada possivelmente por mudança de preferências dos consumidores. Também na reunião e formação de grandes lotes de matéria-prima a indústria vem encontrando maiores dificuldades.

No cenário internacional e não obstante o previsto aumento de área em alguns países produtores, a tendência de alta deverá ainda permanecer face à falta de estoques e da escassez do grupo de produtos oleaginosos. Cumpre observar que o aumento de área previsto será de apenas uma recomposição do mercado para uma situação normal.

Isto, aliado ao potencial de uso no mercado interno apontam para uma continuidade de preços altos, que deverão desfrutar os produtores de amendoim na próxima safra. De qualquer forma, parece que a probabilidade de elevação dos atuais preços são bem maiores que eventuais quedas.

5.3 - Arroz

5.3.1 - Panorama internacional

Estima-se que a safra mundial de arroz em casca, em 1972/73, seja da ordem de 278 milhões de toneladas, 5,5% menor que a de 1971/72. Essa produção em 1972/73 será a menor safra dos últimos cinco anos devido principalmente a fatores climáticos adversos na Índia, China e Tailândia. Com a menor produção mundial, os estoques dos principais países exportadores estão baixando, ocasionando por consequência alta nas cotações internacionais do produto. De março de 1972 a abril de 1973 os preços do arroz beneficiado apresentaram elevações que variaram de 60% a 65%, dependendo da variedade e qualidade do produto.

5.3.2 - Situação interna

A safra brasileira de arroz, no ano agrícola de 1972/73, deverá totalizar uma produção igual ou pouco maior à obtida no ano anterior que foi de 5.745 mil toneladas. Assim, acredita-se na normalização do abastecimento sem a formação, entretanto, de estoques reguladores. O principal Estado produtor, Rio Grande do Sul, obteve produção idêntica à do ano anterior, isto é, de 1.400 mil toneladas de arroz em casca, enquanto os estados de Goiás e Minas Gerais produziram ao redor de 810 mil e 553 mil toneladas, respectivamente.

Quanto ao Estado de São Paulo, apesar de um aumento de 3,2% na área plantada, a produção colhida foi de 600.000 toneladas, portanto 9,1% menor em relação à obtida no ano anterior. Esta queda deveu-se tão somente às condições climáticas, ocasionando rendimento médio inferior ao de 1971/72 (quadro 5.3).

As exportações brasileiras de arroz, realizadas em 1972, totalizaram apenas 1.898 toneladas, enquanto em 1971 atingiram a 148.830 toneladas. A queda nas exportações foi devida à necessidade de se suprir o mercado interno e formação de estoques.

QUADRO 5.3. - Área Plantada, Produção e Rendimento de Arroz em Casca, Estado de São Paulo, 1967/68 a 1972/73

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	880,9	636	722
1968/69	774,4	546	705
1969/70	636,5	780	1.225
1970/71	556,6	348	625
1971/72	503,0	660	1.312
1972/73 (1)	519,0	600	1.156

(1) Dados preliminares.

Em São Paulo, na safra 1972/73, os preços recebidos pelos agricultores, ao contrário dos dois anos anteriores, permaneceram estáveis. Registre-se que nos dois meses em que a maior parcela da produção foi comercializada, os preços correntes foram inferiores aos recebidos em 1972, confirmando a expectativa de normalização do mercado interno (quadro 5.4). A figura 5.2 ilustra a variação estacional de preços ao produtor no período 1966-72 (calculada por médias móveis geométricas).

No mercado atacadista de São Paulo, o comportamento dos preços foi praticamente idêntico ao observado nas zonas produtoras. A partir de maio de 1972 os preços elevaram-se até a chegada do produto da nova safra (em janeiro de 1973), quando começaram a baixar até abril, face à grande oferta. Atualmente a tendência dos preços neste mercado é de estabilização já que se prevê um abastecimento normal até o início da nova colheita. Ressalte-se ainda que no momento continuam proibidas as exportações de arroz, visando garantir o suprimento do mercado interno.

5.3.3 - Perspectivas

Diante dos resultados obtidos pelos agricultores na última safra, espera-se que na temporada 1973/74 a área de plantio no Estado de São Paulo se mantenha praticamente a mesma, com possibilidades de pequeno aumento. O eventual acréscimo de área não deverá ultrapassar de 7 a 8% a área plantada em 1972/73 e, ainda assim, terão que se verificar altos níveis de rendimento para se obter maior produção que a atual. A rentabilidade econômica proporcionada pela rizicultura não tem sido das maiores, comparativamente a outras explorações.

No Brasil, deverá ocorrer um pequeno aumento no plantio principalmente nos estados Centrais, devido à abertura de novas terras e, assim, a produção global poderá ser superior à atual, mormente se as condições climáticas favorecerem a cultura de "sequeiro". Mesmo que o tempo seja favorável, a tendência dos preços é de permanecer em torno das cotas correntes.

QUADRO 5.4. - Preços Médios Mensais de Arroz em Casca Recebidos pelos
 Produtores, Estado de São Paulo, 1968-73
 (Cr\$/sc60kg)

Mes	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	22,24	25,91	25,11	27,19	56,16	57,34
Fev.	21,97	26,95	23,44	34,49	54,04	51,68
Mar.	22,59	23,68	19,73	37,67	47,49	45,72
Abr.	22,87	21,57	18,80	37,80	39,80	46,19
Mai.	22,44	21,58	19,49	38,39	40,79	48,50
Jun.	22,38	21,55	19,99	40,72	44,57	50,84
Jul.	21,25	21,37	21,59	42,98	49,88	...
Ago.	21,31	22,06	22,83	46,54	50,81	...
Set.	22,19	24,93	24,64	48,41	54,49	...
Out.	23,45	27,99	24,92	49,84	58,06	...
Nov.	25,63	27,49	25,78	55,51	57,89	...
Dez.	25,81	26,35	27,08	57,66	58,14	...

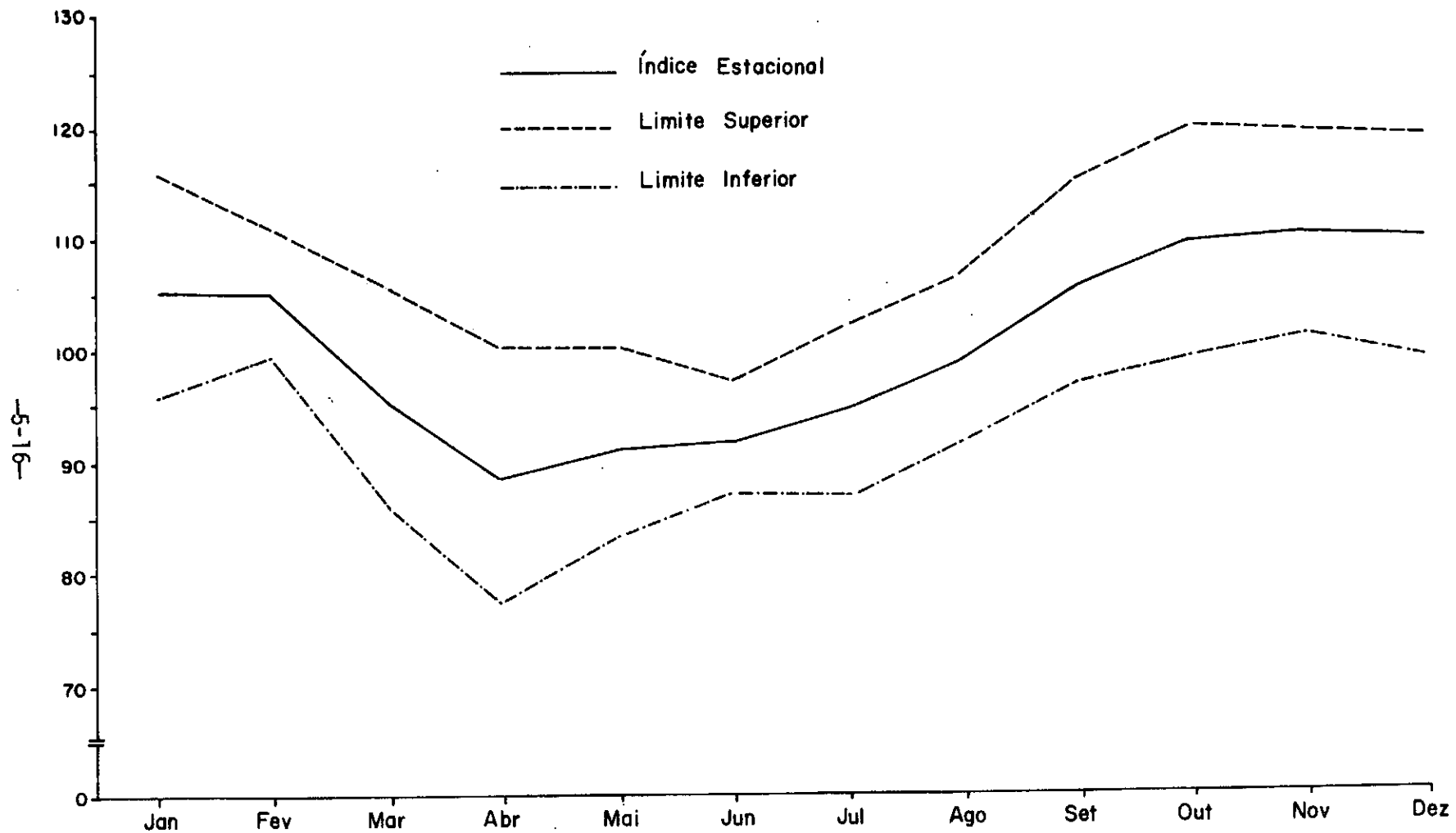


FIGURA 5.2. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Arroz em Casca, Estado de São Paulo, 1966-72.

No mercado internacional é visível a escassez do produto e a tendência dos preços é de permanecer em altos níveis. Apesar disso, a produção brasileira não deverá oferecer grandes possibilidades de exportação, salvo no Rio Grande do Sul para fins de presença no mercado.

5.4 - Banana

5.4.1 - Panorama internacional

O Brasil é o primeiro produtor mundial seguido pelo Equador (primeiro exportador), Índia, Tailândia, Honduras e México.

Os principais fatores que afetam a produção comercial e a distribuição incluem o processo de produção, a maneira como o setor está organizado, as variedades plantadas e os custos de produção e de exportação. O certo é que na bananicultura continua sendo indispensável, um alto grau de integração para participar no mercado internacional, abrangendo desde a produção até a distribuição, como ocorre nos principais países exportadores, a exemplo da Costa Rica, Honduras, Panamá, Guatemala, Equador, Formosa e Filipinas.

A estrutura do comércio mundial bananeiro tendeu a tornar-se institucionalizada e desenvolver-se dentro de padrões históricos. Isto é, as firmas num País exportador são as mesmas nos países importadores fazendo com que o comércio se torne fixo e regulado. Essa fixação é geralmente feita indiretamente pelo controle da oferta e dos preços, influenciando a direção do comércio.

Entre os países do Mercado Comum Europeu há diversos acordos comerciais resultantes dos interesses investidos durante os primeiros anos deste século nas colônias e territórios da África e Caribe, que continuam a ser os grandes fornecedores de banana à Europa.

Em outros países desenvolveram-se diferentes tipos de arranjos, porém de resultados semelhantes na prática, como por exemplo a atuação de firmas multinacionais.

Assim, embora o comércio mundial não seja regulado por um formal acôrdo internacional, as políticas isoladas de grupos de países (quotas, tarifas, taxas internas de consumo ou preferências discriminatórias) resultam em efeito similar.

Com as ameaças de excedentes exportáveis de banana nos próximos anos, que acenam com uma disponibilidade da ordem de 8 milhões de toneladas, em 1975, contra uma projeção de importações (a preços constantes) de cerca de 6,9 milhões de toneladas, a questão das estruturas comerciais ganha maior ênfase no sentido de promover de maneira coordenada e equilibrada a produção e o consumo, sem, contudo, afetar a renda dos produtores.

No tocante ao comércio de produtos industrializados de banana, as perspectivas não são também, muito animadoras, tanto no que diz respeito ao volume total (estimado em 10 mil toneladas de purê) como aos preços, visto que nos grandes centros exportadores existem cada vez mais refugos de banana nos "packing-houses", cujo custo pode ser considerado praticamente nulo.

Em vista do exposto, a participação ou abertura de novos mercados para o produto brasileiro torna-se sobretudo difícil, restringindo nossas exportações aos tradicionais compradores do Prata, onde também o Equador e Colombia estão exercendo forte pressão para penetrar com fruta de padrão mais elevado porém mais custosa.

5.4.2 - Situação interna

A falta de estatísticas atualizadas dificulta uma apreciação mais aprofundada da situação da cultura em termos nacionais, cuja pro-

dução nos últimos anos teria acusado aumentos pouco significativos. Sendo cultivada em quase todos os estados, os intercâmbios comerciais são de pequena expressão com as produções voltadas mais para o atendimento de consumos regionais, à exceção de São Paulo que contribui com a quase totalidade do volume exportado. Além disso, o Estado participa ativamente no suprimento de banana nanica para estados vizinhos, ao mesmo tempo que recebe banana maçã originária de Minas Gerais e Goiás.

Em anos recentes, diversas mudanças vêm ocorrendo na bananicultura paulista no âmbito da produção e do comércio, entre as quais podem ser salientadas as seguintes: está havendo um abandono nas plantações de montanha de custos unitários mais elevados; a variedade nanica vem sendo substituída pela nanicao e observa-se um adensamento da cultura para 2.200 a 2.500 plantas por hectare contra 850 de antes; o desenvolvimento do comércio da fruta em pencas acondicionadas em caixas tem-se tornado uma realidade ao mesmo tempo que a técnica de destaninização (estufagem) vem sendo modernizada pelo uso de gás não inflamável resultando na apresentação de produto com melhor aspecto e qualidade superior a fim de atender um mercado cada vez mais exigente; dificuldades na distribuição varejista na Capital motivada pela ausência de ambulantes e retirada de algumas feiras-livres, sem a correspondente substituição pelos supermercados.

Por outro lado, verifica-se que de 1965 para cá a exportação tem apresentado sensível decréscimo da ordem de 50% (quadro 5.5), passando a representar 30% da produção contra 50% em 1965. Também nesta área importantes mudanças estão se verificando; evoluiu o embarque em caixas (de madeira ou de papelão) que em 1962 representava 0,5% da exportação e em 1972 atingiu a 61%; o transporte rodoviário passou a predominar sobre o marítimo tendo participado com 83%, em 1972, contra 4% em 1963; vem diminuindo nos últimos 3 anos o número de exportadores inclusive com alterações no sistema de compra da fruta, aos produtores, uma vez que algumas firmas gauchas de transporte passaram a atuar como comerciantes.

QUADRO 5.5. - Exportação de Banana, São Paulo 1965-1972
(volumes)

Ano		Argentina	Uruguai	Itália	Holanda	Grã-Bretanha	Total
1965	Mar.	10.016.997	461.602	73.283	-	190.989	10.742.871
	Ter.	-	692.247	-	-	-	692.247
	Total		1.153.849				11.435.118
1966	Mar.	8.936.737	273.890	-	1.600	-	9.212.227
	Ter.	-	829.596	-	-	-	829.596
	Total		1.103.486				10.041.823
1967	Mar.	7.475.992	280.637	-	-	-	7.756.629
	Ter.	7.880	743.295	-	-	-	751.175
	Total	7.483.872	1.023.932				8.507.804
1968	Mar.	6.672.801	144.163	2.731	1.824	-	6.821.519
	Ter.	227.085	715.388	-	-	-	942.473
	Total	6.899.886	859.551				7.763.992
1969	Mar.	5.864.085	303.057	-	-	-	6.167.142
	Ter.	954.666	970.987	-	-	-	1.925.653
	Total	6.818.751	1.274.044				8.092.795
1970	Mar.	4.844.171	-	-	-	-	4.844.171
	Ter.	1.693.938	1.255.998	-	-	-	2.949.936
	Total	6.538.109	1.255.998				7.794.107
1971	Mar.	2.516.303	-	-	-	-	2.516.303
	Ter.	3.119.268	1.165.012	-	-	-	4.284.280
	Total	5.635.571	1.165.012				6.800.583
1972	Mar.	885.988	-	-	-	-	885.988
	Ter.	3.882.796	632.886	-	-	-	4.515.682
	Total	4.768.784	632.886				5.401.670

OBS. Mar. = Marítimo; Ter. = Terrestre.

Em vista do exposto, a partir de 1967 aumentaram os volumes de banana enviados à Capital passando a exercer maior pressão de oferta sobre um mercado de elasticidade preço da demanda relativamente inelástica, resultando em redução dos preços do produto comercializado no atacado (quadro 5.6).

Desde que o mercado interno passou a ter maior importância na renda dos bananicultores, estes passaram nos últimos anos, mercê de melhor técnica de condução, a produzir relativamente mais no segundo semestre esperando dessa forma obter maior quantidade de produção na época de preços mais favoráveis (figura 5.3). Contudo nos anos de 1971 e 1972, dois fatores adversos no 2º semestre impediram que os produtores conseguissem rendas mais elevadas: a) em agosto de 1971 a imposição de sobretaxa (15%) nas importações argentinas resultando na diminuição dos embarques; b) em 9 de julho de 1972 uma forte geada na principal zona bananeira do Estado (Vale do Ribeira) causando perdas estimadas em cerca de 60% sobre a safra pendente, com imediatos reflexos no suprimento e preços no mercado interno que perduraram até abril de 1973.

Neste rápido panorama, não se pode omitir o crescimento que se vem verificando na bananicultura fluminense e do Espírito Santo com melhores condições ecológicas que o litoral de S.Paulo, de modo a deslocar a produção paulista do abastecimento do importante centro consumidor que é o Rio de Janeiro.

5.4.3 - Perspectivas

Difícil se torna fazer um prognóstico sobre a evolução da bananicultura paulista no próximo ano. Com a necessidade de refazer seus bananais após a geada no segundo semestre do ano passado e com os produtores descapitalizados por dois anos de baixas rendas, muitos deles não tiveram ânimo suficiente para a empreitada. Em contrapartida, culturas marginais que já deveriam ter sido substituídas, foram mantidas em decorrência da elevação nos preços que se seguiu à geada.

QUADRO 5.6. - Preços Médios Mensais de Banana Nanica, Mercado Atacadista, São Paulo 1968-1973
(Cr\$/tonelada de banana verde)

Mes	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	90,00	60,00	88,00	93,00	76,00	200,00
Fev.	55,00	69,00	80,00	59,00	77,00	260,00
Mar.	64,00	84,00	94,00	117,00	105,00	245,00
Abr.	65,00	82,00	90,00	105,00	110,00	250,00
Mai.	63,00	64,00	92,00	95,00	95,00	134,00
Jun.	83,00	72,00	83,00	100,00	100,00	133,00
Jul.	91,00	77,00	86,00	130,00	110,00	...
Agos.	108,00	108,00	91,00	170,00	160,00	...
Set.	141,00	174,00	150,00	148,00	185,00	...
Out.	185,00	190,00	187,00	145,00	180,00	...
Nov.	126,00	198,00	146,00	120,00	190,00	...
Dez.	102,00	141,00	115,00	120,00	220,00	...
Média anual ponderada	92,00	105,00	109,00	120,00	132,00	...

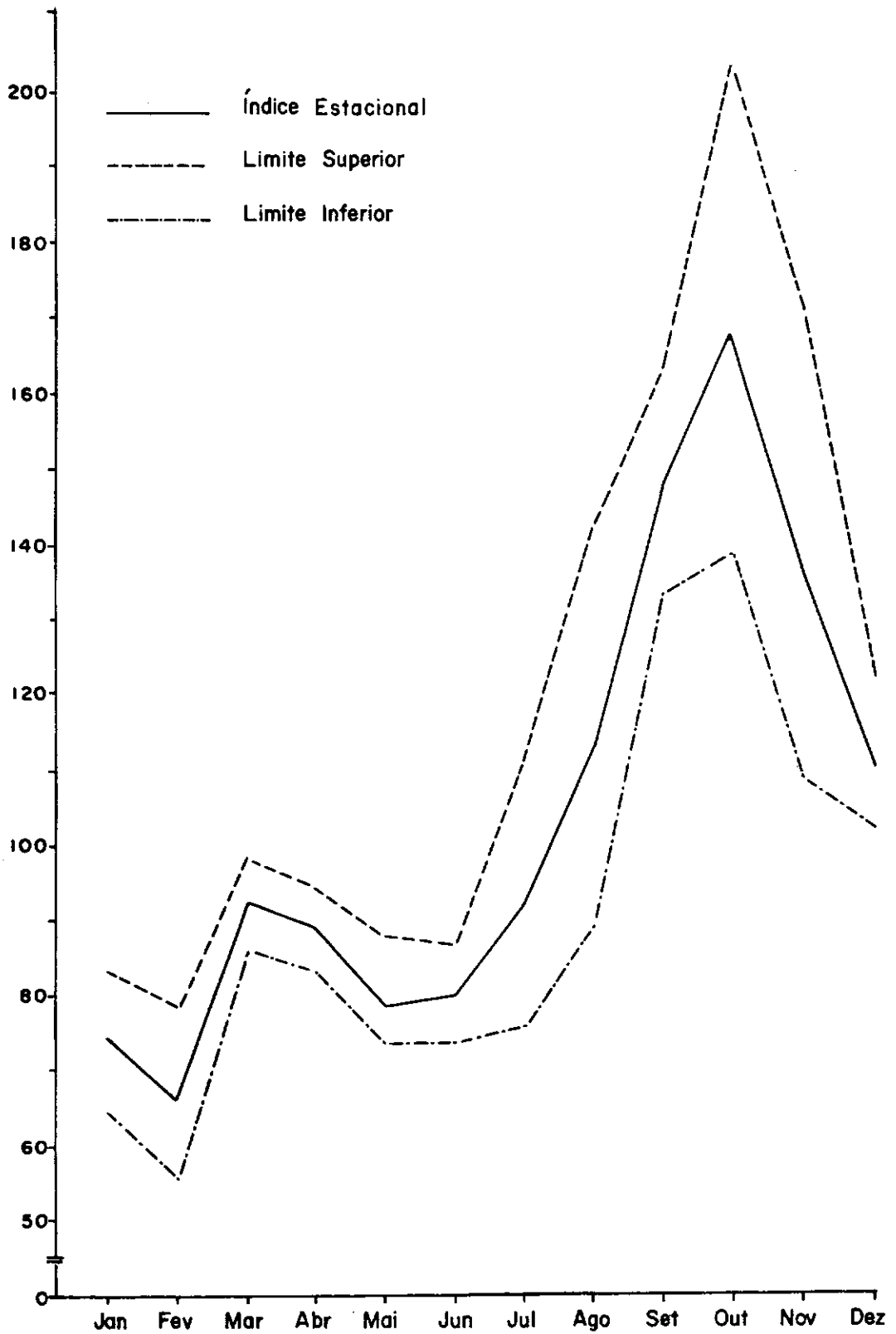


FIGURA 5.3. - Variação Estacional do Preço no Atacado de Banana Nanica, São Paulo, 1968-72.

Ressalte-se desde logo que não se poderá conseguir boa produtividade sem adubação e combate ao mal de sigatoka, o que implicará em custos adicionais.

No âmbito internacional, as perspectivas são de incertezas face a situação político-econômica vigente nos nossos únicos mercados importadores, podendo resultar em futuros decréscimos de quantidades e preços, com conseqüente pressão no mercado interno.

No segundo semestre de 1973 não deverão ocorrer maiores problemas visto que a produção de cítricos é reduzida e o suprimento de maçã se encontra prejudicado (além de altos preços) devendo portanto favorecer o consumo de banana. A mais longo prazo, há indicações de contínua retração da área em bananicultura.

5.5 - Batata

5.5.1 - Panorama internacional

Apesar de um comércio internacional intenso e crescente, o Brasil dele participa como importador de sementes e ocasionalmente como ex-portador do produto para o mercado sul-americano, o qual nos oito últi-mos anos vem apresentando grande expansão.

Com um consumo anual "per capita" superior a 80kg, a Argentina dele participa ativamente, tendo importado no ano passado mais de 22 mil toneladas, das quais 12,5 do Brasil. O Uruguai, também com alto consumo "per capita" (mais de 50 quilos), importou do País cêrca de mil to-neladas.

O produto brasileiro é relativamente bem aceito nos mercados platinos, acostumados aos artigos de polpa branca. Esses mercados, nitidamente de competição, apresentam-se com uma opção para o escoamento das safras da seca e inverno, desde que os preços internos sejam normais.

5.5.2 - Situação interna

É relativamente baixo o nosso consumo anual "per capita" (me-nos de 12kg) e a produção do País, na década de 60, desenvolveu-se em proporção semelhante ao crescimento da população. No citado período, a produção batateira se deslocou progressivamente de São Paulo para outras regiões. O Estado detinha no início da década 26% da área e colhia 37% da produção brasileira. Hoje, está com menos de 19% da superfície e 22% da produção. Tal fato é decorrência do desenvolvimento de outras fontes supridoras, de concorrência em zonas de tradição batateira de outras atividades econômicas (mesmo não agrícolas) e do alto preço do insumo terra (arrendamento).

Na Bahia, Sergipe e outros estados do Nordeste, a cultura vem recentemente se recuperando, havendo grande procura de sementes, em atendimento à demanda regional em expansão.

Nos dois últimos anos ocorreu grande desenvolvimento da cultura nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Contando com o fator ecológico favorável e elemento humano de certa tradição, encontra-se a produção sulina diante de mercados regionais em crescimento, tomando parte ativa na exportação da última safra. Há tendência de expansão da cultura no ano em curso, dado o clima de euforia em razão dos preços alcançados recentemente. Desde 1969 a produção do Estado do Rio Grande do Sul ultrapassou a de São Paulo; a de Santa Catarina já vai além da meta de da produção paulista.

O Estado de Paraná, maior produtor do País, além de gozar das vantagens comparativas mencionadas, está relativamente perto do grande mercado consumidor que é o eixo São Paulo-Rio e dispõe da área necessária à rotação de culturas. A participação do produto paranaense no abastecimento paulistano aumentou de 10 para 20% na última safra das águas e manteve sua posição na safra da seca de 1973, diminuindo apenas na última safra de inverno.

Na região Sul mineira, que vinha gradativamente desenvolvendo a cultura, um maior número de produtores passou a empregar recursos técnicos e financeiros, chegando a criar apreensão na época da última safra das águas. Entretanto, fatores aleatórios climáticos não colaboraram para uma super-safra mineira. Ainda assim o artigo dessa procedência dominou o abastecimento do mercado paulistano de batata das águas e os preços recebidos pelos produtores mineiros foram em geral compensadores.

No Estado de São Paulo, a batata ocupa o 13º lugar na escala da renda bruta do setor agrícola. Todavia, sérios obstáculos existem para a cultura entre nós: opção por outras atividades agrícolas igualmente

rendosas e menos exigentes de recursos; deficiência de área para rotação de cultura e problemas de obtenção de água para irrigação, além das vantagens comparativas mencionadas em favor dos estados vizinhos.

A cultura das águas em São Paulo está estabilizada em torno dos 17 mil hectares. A maior disponibilidade de sementes "filhas ou netas de caixa", com a elevação da produção catarinense de sementes e a importação, vem melhorando o artigo produzido no Estado.

A variação estacional dos preços é apresentada na figura 5.4.

5.5.3 - Perspectivas

A cultura da seca no Estado promete este ano uma redução da ordem de 15% sobre a média dos 5 anos anteriores. Entre os motivos encontram-se: preço elevado dos insumos e maior plantio de cebola, reflorestamento e urbanização. Fatores climáticos poderão afetar grandemente a previsão, porém espera-se que o preço da batata mantenha-se elevado até agosto próximo.

Quanto à lavoura de inverno, é esperado um plantio superior ao do ano passado, dado o interesse demonstrado em resposta aos elevados preços alcançados em igual período do ano anterior.

Para a safra das águas de 1973/74, desde que persista a tendência de desenvolvimento da cultura na região Sul de Minas Gerais e condições climáticas favoráveis, pode-se esperar futuros problemas de comercialização.

Os preços de atacado das batatas dos tipos comum e lisa mostram tendência de ampliação da diferença em favor das lisas. Tal fato está associado a mudanças na tecnologia de preparo do produto comercializado, o que vem ocorrendo nos últimos anos com o emprego dos processos

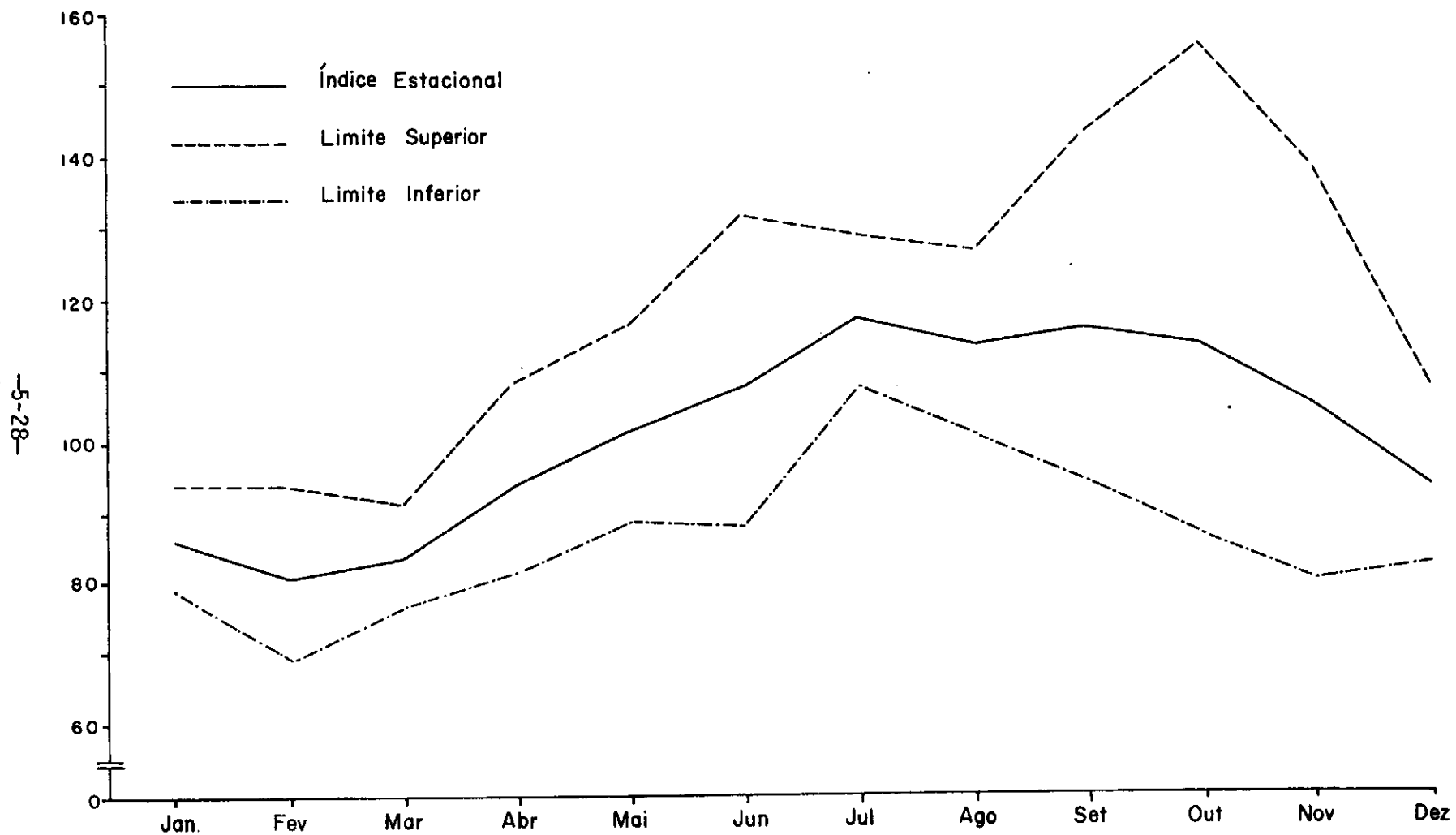


FIGURA 5.4. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Batata, Estado de São Paulo, 1966-72.

de lavagem e empacotamento. Há neste processamento nítida preferência ao produto liso.

O deslocamento da comercialização da batata que vem sendo transferida das feiras para os supermercados, tem ampliado o comércio de pré-embalados.

Em outros grandes centros consumidores de vários países já predomina a oferta de batata lavada. Em São Paulo, fontes especializadas do comércio e indústria estimam em 40 a 50% a proporção de batatas lavadas comercializadas na Grande São Paulo.

Finalmente, no cômputo das três safras de batata existem evidências de possível aumento de área e de produção na temporada 1973/74, que poderá atingir até 10%, em relação às do ano anterior.

5.6 - Café

5.6.1 - Panorama internacional

A partir da reunião de dezembro de 1972, da Organização Internacional do Café - OIC . quando não se conseguiu chegar a entendimentos para a continuidade do Acordo Internacional do Café nos moldes tradicionais, as cotações do produto, que já haviam subido significativamente após as geadas de julho de 1972, continuaram em franca ascensão.

As medidas dos principais países produtores, no sentido de se unirem para a obtenção de preços adequados e que compensem os efeitos das desvalorizações do dólar, também teriam influenciado no aumento das cotações.

Conforme ilustrado pelo quadro 5.7 os preços indicativos da Or

ganização Internacional do Café elevaram-se a partir de junho de 1972 quando, no último dia do mes, estavam a níveis de 48,88 centavos de dolar por libra-peso (arábicos não lavados) para atingirem 63,00 centavos em fins de julho, baixando a 58,00 centavos em 31 de outubro, mas elevando-se continuamente em seguida, até os níveis presentes, da ordem de 72,00 centavos (10 de julho de 1973).

QUADRO 5.7. - Preços Indicativos da OIC para Café
(centavos de dolar por libra peso) ⁽¹⁾

Ano e data	Suaves colombianos	Outros suaves	Arábicos não-lavados	Robustas
1972				
30/5	52,90	47,07	48,25	43,76
30/6	55,25	50,00	48,88	43,88
31/7	65,00	58,25	63,00	48,94
31/8	61,25	53,00	58,70	46,76
29/9	60,00	52,63	58,70	46,76
31/10	61,50	53,75	58,00	47,08
30/11	62,00	55,00	58,70	48,07
29/12	64,00	56,50	59,00	47,38
1973				
31/1	71,00	59,54	61,00	47,82
28/2	76,75	71,00	65,20	51,63
30/3	70,00	59,75	67,00	49,51
30/4	72,00	62,50	66,25	48,63
31/5	76,00	66,25	68,00	48,88
29/6	76,00	63,00	71,25	48,63
10/7	76,25	62,50	72,00	48,55

⁽¹⁾ 1 sc.de60kg = 132 libras.

Fonte: Organização Internacional do Café, OIC.

O comércio internacional durante o ano de 1972 movimentou, segundo as estimativas disponíveis, cerca de 55,5 milhões de sacas de café, tendo sido a participação brasileira da ordem de 19,2 milhões de sacas, ou seja, cerca de 34,6%.

O quadro 5.8 mostra o movimento das exportações anuais brasileiras, no período 1962/63 a 1972/73.

QUADRO 5.8. - Exportações Anuais de Café do Brasil, em Sacas de 60 Quilos

Ano safra	Sacas de 60kg
1962/63	16.872.512
1963/64	18.869.532
1964/65	12.418.507
1965/66	16.521.298
1966/67	16.421.183
1967/68	18.964.252
1968/69	18.090.985
1969/70	19.135.418
1970/71	16.037.171
1971/72	20.042.234
1972/73	19.202.726

Fonte: Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Em vista das tendências do mercado internacional, o IBC, durante o período considerado, publicou resoluções elevando os níveis de registro mínimo para venda externa de 45 centavos de dólar por libra-peso em julho de 1972, para 55 centavos no mesmo mes, 60 centavos em março de 1973 e finalmente para 62 centavos em julho de 1973. No mesmo período a cota de contribuição evoluiu de 23,22 dolares por saca, em julho de

72, para 30,50 dolares em maio de 1973, e finalmente para 30,74 dolares em julho de 1973.

Após a reunião da OIC em dezembro último os maiores países produtores (Brasil, Colombia, Angola e Costa do Marfim) realizaram vários encontros, no sentido de definirem uma política comum para o comércio de café, sendo proposta a formação de uma empresa multinacional.

Segundo divulgado pela imprensa especializada (Carta Semanal do Escritório Pan-Americano do Café, em 22 de junho de 1973), de acordo com declarações do Ministro da Fazenda do Brasil, a empresa multinacional seria uma companhia internacional de comercialização de café, formada pelos quatro países maiores produtores, cujas vendas conjuntas constituem mais de 75% do mercado mundial de exportação. A companhia a ser organizada teria como objetivo regular a comercialização mundial do café, no sentido de manter os preços do produto em níveis considerados razoáveis pelos países participantes. Na mesma ocasião o Ministro da Fazenda afirmou que há escassez de café no mercado mundial, a qual deverá continuar nos próximos quatro ou cinco anos.

Com base nas estimativas da OIC (The Supply of Coffee in 72/73-OIC 10/11/72), o volume de café disponível para exportação, em 1972/73, era de cerca de 98 milhões de sacas, considerado adequado para atender as necessidades internacionais do período, estimadas em cerca de 55,5 milhões de sacas.

As produções exportáveis mundiais têm sido nos últimos anos, sensivelmente inferiores às exportações, conforme se verifica pelos dados do quadro 5.9.

Observa-se que os estoques mundiais têm sofrido sucessivos decréscimos, principalmente em vista da diminuição das disponibilidades de café no Brasil. Com efeito, em 1962/63, os estoques brasileiros represen

tavam 90,1% dos estoques mundiais, passando a cerca de 52,3% em 1972/73.

Para o período de 1973/74, as informações disponíveis indicam portanto que os estoques mundiais deverão atingir os níveis mais baixos verificados nos últimos anos.

QUADRO 5.9. - Produções e Importações Mundiais de Café
(em milhões de sacas de 60kg)

Ano safra	Produção exportável mundial	Produção exportável do Brasil	Exportação total	Estoque mundial
1962/63	53,60	22,60	46,00	71,20
1963/64	50,70	17,20	51,10	70,80
1964/65	40,26	8,20	41,60	69,70
1965/66	67,40	32,10	43,30	88,80
1966/67	43,30	10,40	47,80	82,80
1967/68	49,90	13,30	54,00	78,80
1968/69	44,10	8,60	52,80	68,80
1969/70	44,40	5,80	53,90	59,00
1970/71	39,80	1,40	50,10	48,10
1971/72	52,00	17,10	57,30	45,60
1972/73	52,00	12,80 ⁽¹⁾	55,60	42,00 ⁽¹⁾
1973/74 ⁽¹⁾	45,00	7,40	54,00	33,50

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: OIC e George Gordon Paton & Co.

5.6.2 - Situação interna

Os preços no mercado interno, em virtude da situação estatística do café, agravada pelas geadas de julho de 1972, e acompanhando as

elevações das cotações no mercado internacional, apresentaram altas ac
tuadas.

O quadro 5.10 mostra a tendência altista verificada nos preços médios recebidos pelos cafeicultores, que aumentaram a Cr\$ 163,45 por sa ca, em junho de 1972, para Cr\$ 251,67 em junho de 1973. Verificou-se u ma elevação de 53,97%.

QUADRO 5.10. - Preços Médios de Café Recebidos pelos Agricultores do Estado de São Paulo

Mes	Cr\$/sc.60kg	Mes	Cr\$/sc.60kg	Mes	Cr\$/sc.60kg
Dez./1971	132,16	Jun./1972	163,45	Jan./1973	228,06
Jan./1972	139,14	Jul.	182,50	Fev.	238,34
Fev.	141,21	Ago.	222,07	Mar.	245,27
Mar.	144,07	Set.	221,98	Abr.	249,25
Abr.	149,38	Out.	213,60	Mai.	248,89
Mai.	157,44	Nov.	216,65	Jun.	251,67 ⁽¹⁾
Jun.	163,45	Dez.	218,61		

(¹) Preliminar.

Após a extinção dos subsídios ao consumo interno, a partir de fins de 1971, elevaram-se rapidamente os preços de cafês de baixa qualida de. A alta generalizada de preços tornou insustentável a situação das em presas torrefadoras, pelo que voltou recentemente o IBC a vender cafês a preços subsidiados.

As safras brasileiras, conforme se verifica pelo quadro 5.11 tem sido durante os últimos 13 anos inferiores as necessidades anuais de nos so consumo interno e exportação nos últimos anos estimadas em mais de 27

milhões de sacas. Apenas as colheitas dos anos 1961/62 e 1965/66 foram superiores a demanda total.

QUADRO 5.11. - Produção Brasileira de Café - Movimento de Registro ,
1962/63 a 1973/74
(em milhões de sacas de 60kg)

Ano safra	Produção	Ano safra	Produção
1962/63	28,7	1968/69	16,8
1963/64	23,1	1969/70	15,2
1964/65	18,0	1970/71	10,7
1965/66	37,7	1971/72	24,6
1966/67	17,5	1972/73	23,5 ⁽¹⁾
1967/68	23,3	1973/74	15,9 ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Instituto Brasileiro do Café.

A safra 1972/73, segundo as estimativas do IBC, foi da ordem de 23.500.000 sacas, sendo 9.000.000 a produção de São Paulo, 9.300.000 do Paraná, 3.600.000 de Minas Gerais, 1.100.000 do Espírito Santo e 500.000 nos demais estados.

Para a safra 1973/74, as previsões do IBC são da ordem de 15.900.000 sacas, sendo 7.400.000 de São Paulo, 5.400.000 do Paraná, 1.700.000 de Minas Gerais, 500.000 do Espírito Santo e 400.000 de outros estados.

A qualidade de parte da safra colhida em 1973, de acordo com diversas informações, será bastante inferior, principalmente devido a maior incidência de broca e irregularidade de maturação.

Os estoques oficiais, face aos contínuos déficits verificados, reduziram-se substancialmente, tendo passado de 65 milhões de sacas, em 31/12/65, para perto de 17 milhões em 31/12/1972.

O parque cafeeiro brasileiro compreendia, em 1970, segundo dados do IBC, a existência total de 2.100 milhões de pés nos principais estados produtores, sendo 816 milhões no Paraná, 687 milhões em São Paulo, 343 milhões em Minas Gerais e 254 milhões no Espírito Santo. Esses números sofreram variações posteriores, para mais e para menos, tendo os plantios financiados atingido 110 milhões de novos cafeeiros em 1970/71, e 75 milhões em 1971/72. Excluindo-se o plantio de 1972/73, do Plano de Renovação e Revigoração, o total de pés de café, existentes na maior região produtora do Brasil, é estimado em 2,2 bilhões, sendo 300 milhões de pés novos e 1,9 bilhão de pés de cafeeiros em produção.

Sobre esse número deve-se considerar a diminuição da área plantada que está ocorrendo no Paraná, onde outras culturas estão ocupando o lugar do café, eliminando principalmente lavouras de baixa produtividade. Também não se deve esquecer que uma parcela ponderável dos plantios de 1970/71 e 1971/72, principalmente os do Paraná, foi seriamente prejudicada pelas geadas de 1972.

Os efeitos da ferrugem do cafeeiro não se fizeram sentir de modo muito intenso no decorrer do período mais propício ao seu pleno desenvolvimento, neste último ano agrícola, mas segundo informações recentes, a doença encontrou, nos meses de maio a junho de 1973, condições climáticas, mais favoráveis. Com a melhoria dos preços e devido à divulgação dos métodos de controle através da rede de assistência técnica da Secretaria da Agricultura de S. Paulo (CATI), espera-se que um crescente número de cafeicultores venha a aplicar os tratamentos adequados. Também começaram a ser distribuídas sementes de plantas de café resistentes à ferrugem, embora não tendo ainda variedades fixadas e apresentando diferentes potenciais de produtividade.

O Plano de Renovação e Revigoração da Cafeicultura lançado em 1972, que previa o plantio de 200 milhões de pés, em sua primeira e tapa (1972/73), recebeu pedidos de financiamento para o plantio de 355 milhões, sendo 100 milhões em São Paulo.

Em virtude da receptividade verificada, ampliaram-se as metas para o segundo ano do programa, pretendendo-se financiar o plantio de 245 milhões de pés durante o ano agrícola 1973/74, atingindo-se em dois anos o total de 600 milhões de pés, originalmente programados para plantio em três anos.

Nesta segunda etapa, os níveis de financiamento passaram de Cr\$ 3,00 por cova para Cr\$ 3,10, alterando-se a taxa de juros de 3% para 6% ao ano. Deverão ser estabelecidas cotas estaduais de plantio, prevendo-se para o Estado de São Paulo o total de 50 milhões de covas, havendo ainda uma cota adicional de 30 milhões, a ser distribuída conforme o desenvolvimento do programa em cada estado.

5.6.3 - Perspectivas

Os dados disponíveis indicam que a situação estatística mundial e nacional é tendente à relativa escassez, que deverá perdurar pelos próximos três ou quatro anos, podendo prolongar-se caso ocorram novas geadas ou quedas substanciais na produção devido à ferrugem.

No âmbito internacional, conforme mostra o quadro 5.9 é nítida a tendência para a diminuição das disponibilidades, justificando as pressões altistas, que tem elevado continuamente as cotações.

Os esforços dos países produtores, visando a defesa de preços, face às desvalorizações do dólar e os entendimentos para a formação da empresa multinacional, poderão exercer efeito significativo para a manutenção de elevados níveis de preços.

Alguns observadores, porém, apontam que a possibilidade de in sucesso do acordo entre produtores ou da constituição da empresa multi-nacional, ou ainda medidas de represália por parte dos países consumido-res, através, por exemplo, de limitações temporárias as importações, po-deriam contribuir para anular ou atenuar essa tendência. A idéia de

QUADRO 5.12. - Situação Estatística do Café no Brasil, 1972-74
(Estimativas, em milhões de sacas de 60kg)

Item	Situação A	Situação B
1. Remanescentes em 30/6/73 (2+3)	27,0	30,0
2. Em mãos de particulares	9,0	12,0
3. Estoques oficiais	18,0	18,0
4. Safra 1972/73	23,0	23,5
5. Disponibilidades totais, para o período de 19/7/72 a 30/6/73 (1+4)	50,0	53,5
6. Exportações até 30/6/73	19,2	19,2
7. Consumo interno, até 30/6/73	8,5	8,0
8. Demanda total (6+7)	27,7	27,2
9. Remanescentes em 30/6/73 (5-8) e (10+11)	22,3	26,3
10. Em mãos de particulares	5,8	9,3
11. Estoques oficiais	16,5	17,0
12. Safra 1973/74	15,5	16,0
13. Previsão das disponibilidades para o período de 30/6/73 a 30/6/74 (9+12)	37,8	42,3
14. Estimativas de consumo interno e exportação, até 30/6/74	27,5	27,0
15. Disponibilidades em 30/6/74 (13-14)	10,3	15,3

escassez dos produtos prende-se, fundamentalmente, à situação estatística do café do Brasil. Embora alguns itens se constituam em estimativas de fontes oficiosas, pode-se sugerir, a título tentativo, duas hipóteses básicas, para a oferta de café do Brasil, para o ano de 1973/74, segundo mostra o quadro 5.12. Verifica-se que a situação estatística prevista para 30 de junho de 1974 indica que será necessária a movimentação dos estoques oficiais, para o atendimento do consumo interno e exportações do Brasil. Na melhor das hipóteses (B) (quadro 5.12) os estoques poderão se manter aos níveis atuais.

Também pelas duas hipóteses sugeridas e segundo os comentários sobre a situação interna, evidencia-se que nos períodos 1973/74 e 1974 / 75 as disponibilidades de café brasileiro deverão ser das menores de toda a história, devendo a pressão tendente a elevação de preços manter-se por período considerável. Mesmo com a já prevista boa safra de 1974/75 (+ 27 milhões de sacas) a situação de escassez deverá continuar.

Ademais, as disponibilidades futuras do produto poderão eventualmente sofrer decréscimo no caso de ocorrência de geadas. Deve-se também acentuar como possível fator de diminuição da produção, os prejuízos que poderiam advir da ferrugem do cafeeiro.

Em resumo, para os produtores brasileiros, as informações disponíveis indicam que os preços internos deverão continuar a demonstrar tendência à elevação.

Em função das disposições governamentais, face a necessidade de manutenção da política de controle à inflação, os eventuais aumentos nos preços recebidos pelos produtores poderão, no entanto, ser atenuados através de aumentos na cota de contribuição, venda de parte dos estoques oficiais ou mesmo importação de café. Poderiam ser adotadas também medidas indiretas, como a manutenção de níveis relativamente baixos de preços de garantia e bases de financiamento, restrições à obtenção de

financiamentos, ou medidas que visem à diminuição do consumo interno ou da exportação.

5.7 - Cana-de-açúcar

5.7.1.- Panorama internacional

Apesar das estimativas da produção mundial de açúcar em 1972/73 preverem uma produção recorde, ao redor de 76,4 milhões de toneladas (3% superior a de 1971/72, que era de 74.192 milhões de toneladas), os estoques mundiais estão decrescendo em consequência do aumento do consumo. Este, em 1972/73, foi previsto para 77,7 milhões de toneladas contra 76,3 milhões de toneladas em 1971/72.

Em consequência, verificou-se nesses dois últimos anos uma ascensão contínua das cotações internacionais do açúcar, tendo a média dos primeiros quatro meses de 1973 apresentado uma elevação ao redor de 100% quando comparada à média anual de 1971.

O Brasil, atualmente o maior produtor mundial de açúcar de cana, vem aumentando suas exportações e em 1972 vendeu 2,05 milhões de toneladas 73% superior a de 1971 (1,19 milhões de toneladas).

Desse modo, o açúcar exportado pelo Brasil proporcionou divisas num valor total FOB US\$ 314.147.000, que representaram 7,87% do total das exportações brasileiras em 1972. Este ano, as exportações brasileiras de açúcar deverão continuar no mesmo ritmo, já que o IAA, quando da aprovação do plano de safra 1973/74, autorizou uma produção de 2,67 milhões de toneladas destinadas à exportação.

5.7.2 - Situação interna

A produção brasileira de açúcar vem crescendo continuamente, devendo atingir, na safra 1973/74, 6,9 milhões de toneladas recorde nacional. Parte do aumento dessa produção deve-se principalmente à situação do mercado internacional. Da produção brasileira de 1973/74 destinada ao mercado interno, São Paulo participará com 48%. Nas exportações também o nosso Estado contribui com quase 50% do total.

Em São Paulo estima-se que do total de cana a ser produzida em 1973/74 (quadro 5.13) aproximadamente 37,5 milhões de toneladas serão destinadas à indústria açucareira. O restante irá parte para a indústria de aguardente e parte para forragens. Sendo a cana para a indústria do açúcar totalmente administrada pelo IAA, qualquer expansão na cultura dependerá de sua orientação e controle. Para a corrente safra, o preço base da tonelada de cana ao produtor será de Cr\$ 33,38 posta na esteira. Sobre esse preço incidirão descontos e acréscimos regulados pelo IAA.

QUADRO 5.13. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cana-de-Açúcar, Estado de São Paulo, 1968-73

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1968	627,4	30.225,0	48.175
1969	633,5	27.400,0	43.252
1970	657,5	42.500,0	56.106
1971	822,8	38.300,0	46.548
1972	819,0	44.200,0	54.022
1973 (1)	802,0	40.300,0	50.249

(1) Dados preliminares.

Pelo Plano de Safra atual, foi autorizado o desconto de até 5% do peso se a cana estiver atacada pela broca, o que vem causando reação negativa dos fornecedores.

5.7.3 - Perspectivas

As perspectivas para esta cultura no Estado de São Paulo são favoráveis, principalmente devido à atual situação do mercado internacional de açúcar, prevendo-se que ocorra aumento na área plantada das usinas e grandes fornecedores para a próxima safra açucareira 1974/75 e, possivelmente, no rendimento médio da exploração.

5.8 - Cebola

5.8.1 - Panorama internacional

A América do Sul participa ativamente do comércio internacional que costumeiramente é bastante intenso, ultrapassando os negócios a casa dos 100 milhões de dolares anuais. Nesse mercado o Brasil participa como comprador tradicional, com volumes crescentes nos últimos anos. Em 1972, por exemplo, nossas importações atingiram a 27,2 mil toneladas, das quais 75% procedentes da Argentina, país com o qual o Brasil mantém intenso tráfego rodoviário, facilitando rápidas importações, quando as relações de preços se mostram favoráveis.

Outra importante e tradicional fonte supridora do abastecimento brasileiro tem sido a Espanha, de onde o País vem recebendo produto de alta qualidade.

5.8.2 - Situação interna

Com um aumento de 70% sobre o volume produzido no início da década de 60 o País obteve, em 1972, produção superior a 320.000 toneladas. Nos últimos anos, a cultura passou a se desenvolver de forma sem precedentes, em diversas regiões brasileiras.

A produção riograndense vem crescendo de forma sistemática, sendo as flutuações apresentadas, comuns a esta atividade. No Vale do São Francisco vêm-se registrando nos últimos anos as maiores transformações.

As culturas que vinham ocorrendo em núcleos restritos expandiram-se pelo baixo e médio São Francisco. O volume produzido em anos recentes cresceu de forma a criar problemas de comercialização devido à produção concentrar-se em poucos meses, coincidindo com a época da safra de outras regiões, como por exemplo São José do Rio Pardo. O produtor nordestino passou então a experimentar o plantio em período mais longo do ano, inclusive com variedades mais resistentes. Não fora a ocorrência do "mal de sete voltas", que afetou 50% da produção precoce nordestina na presente safra, os mercados do eixo Rio-São Paulo teriam sido, por certo, abarrotados pela elevada produção esperada a partir de junho. Estimou-se inclusive que essa produção superaria a paulista.

As regiões produtoras de Santa Catarina passaram na recente safra por uma boa fase de preços, tendo aumentado substancialmente a área plantada, após um ano precedente bastante favorável. O produto catariense, de excelente qualidade, encontrou um mercado sem grande concorrência dado que a safra gaucha, cuja comercialização iniciara mais cedo, não contava com grande disponibilidade do produto.

No Sudeste do Estado de São Paulo, uma grande safra de bulbinho e soqueira garantiu o abastecimento do produto nos meses de maio e junho últimos a preços relativamente altos e como normalmente esperado (figura 5.5):

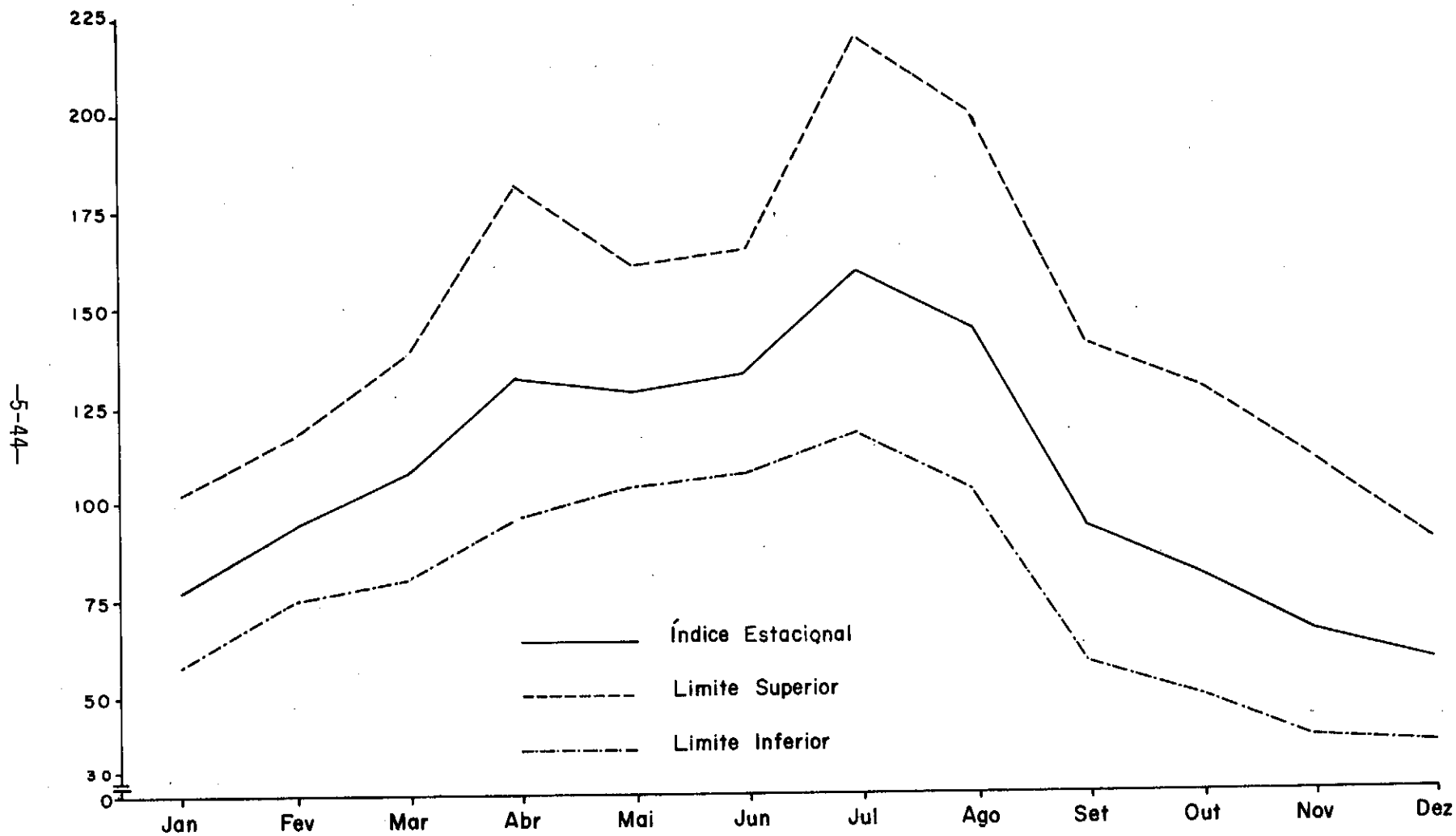


FIGURA 5.5. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Cebola, Estado de São Paulo, 1966-72.

A cultura de cebolas "claras" de São José do Rio Pardo e Monte Alto, apesar do custo da semente ter sido elevado, apresentou razoável interesse entre os produtores. Entretanto, doenças de canteiro limitaram severamente o plantio "do cedo", sendo que muitos plantadores não obtiveram sementes para novo plantio.

A situação descrita evidencia mais uma vez a necessidade de um esforço de programação nos plantios de cebola do País.

5.8.3 - Perspectivas

A safra de cebola "pera", de muda, da região Sul do Estado promete uma boa colheita para o último trimestre de 1973. Esse produto é normalmente bem cotado no comércio por suas qualidades e aparência. Entretanto, o nível de preços estará na dependência da afluência ao mercado de produções a serem obtidas na mesma época em outras regiões do Estado e do Nordeste.

As cebolas "claras", cujas entradas deverão acentuar-se a partir de julho, não deverão ter maiores problemas de comercialização, salvo em curtos períodos de piques de entradas do produto nordestino, quando então poderão ser utilizadas as câmaras do armazém de São João da Boa Vista, construídas recentemente para esse fim.

5.9 - Feijão

5.9.1 - Situação interna

A produção brasileira de feijão, que nestes últimos anos vem de crescendo continuamente, determinou nos anos de 1972 e 1973 crises no abastecimento dos centros consumidores de todo País. A principal causa dessa

falta do produto foi a queda de produção no Estado do Paraná, devido a fatores climáticos adversos. Houve também malogro na produção do Vale do Irecê (Bahia), ocasionando pressão de compra do produto paranaense para atender os centros consumidores do Nordeste. Quanto aos estados de Minas Gerais e Goiás, a safra 1972/73 teve um desenvolvimento normal e as respectivas produções deverão ser iguais ou pouco superiores às da safra passada. Ressalte-se, também, o abandono porque vem passando a cultura desde há algum tempo, impossibilitando a formação de estoques maneáveis. Esta atitude agravou-se com a necessidade de controle à ferrugem do cafeeiro, impedindo o plantio intercalar. Por tratar-se de cultura, geralmente desenvolvida em pequenas áreas, acredita-se que a soja esteja exercendo pouca influência neste abandono, principalmente nas áreas com feijão de cores.

No Estado de São Paulo a área plantada em 1972/73 foi 8% maior em relação à do ano anterior, com produção 18% superior. O maior interesse pela cultura foi decorrente dos altos preços atingidos ao início do ano agrícola. Associe-se ao fato o esforço desenvolvido pela assistência técnica da CATI na área prioritária de feijão, onde face aos incentivos proporcionados aos produtores, verificou-se um maior interesse com aumento de área e rendimento (quadro 5.14).

Em razão da escassez, os preços recebidos pelos produtores apresentaram sucessivas altas, no período setembro de 1972 a maio de 1973, da ordem de 140% (quadro 5.15); nos demais estados produtores, a situação foi idêntica. Acompanhando a elevação dos preços nas zonas produutoras, os preços no mercado atacadista de São Paulo dos feijões de cores, apresentaram elevações desde 180% até 227% no período junho/72 a maio/73, dependendo da variedade e qualidade. A figura 5.6 mostra a variação estacional de preços aos produtores paulistas.

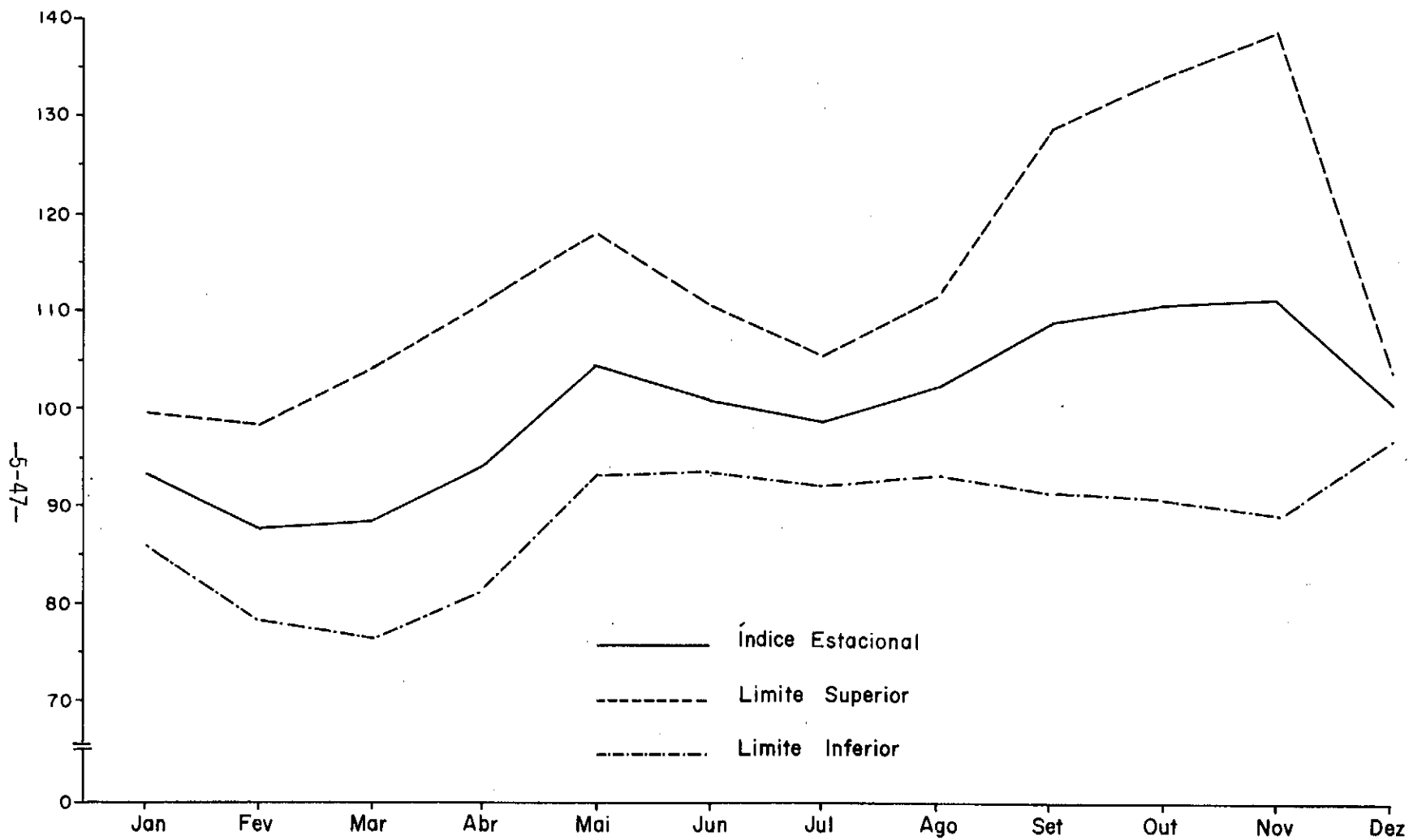


FIGURA 5.6. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Feijão, Estado de São Paulo, 1966-72.

QUADRO 5.14. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cultura de Feijão,
Estado de São Paulo, 1967/68 a 1972/73

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	225,1	117,3	521
1968/69	234,7	79,2	338
1969/70	285,4	139,8	490
1970/71	259,0	138,0	533
1971/72	250,0	123,0	492
1972/73 (1)	270,0	145,8	540

(1) Dados preliminares.

QUADRO 5.15. - Preços Recebidos pelos Produtores de Feijão, no Estado de
São Paulo, 1968-73
(Cr\$/sc60kg)

Ano	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	19,82	33,96	48,29	52,98	62,52	108,54
Fev.	19,22	35,67	42,35	54,74	61,01	123,45
Mar.	23,02	36,84	41,23	58,59	60,40	180,50
Abr.	23,82	50,30	37,54	61,39	63,32	238,58
Mai.	27,04	58,28	40,82	61,51	70,85	226,59
Jun.	22,87	59,27	44,18	58,85	70,84	220,91
Jul.	21,74	57,40	47,09	58,18	72,73	...
Ago.	23,35	70,35	49,72	56,89	87,77	...
Set.	25,02	83,97	57,14	55,78	93,85	...
Out.	28,13	91,14	53,60	56,98	101,59	...
Nov.	31,35	94,64	49,54	58,31	103,71	...
Dez.	32,64	58,97	51,17	62,42	99,31	...

5.9.2 - Perspectivas

Face aos altos preços recebidos pelos agricultores neste ano agrícola, deverá ocorrer aumento na área plantada de feijão no Estado de São Paulo, principalmente na região Sul, prevendo-se em termos globais um acréscimo ao redor de 10% em relação à área do último ano.

De modo geral, nos demais estados produtores deverá acontecer um aumento da área em plantio, em resposta aos preços vigentes que, inclusive, induziram muitos produtores a se desfazerem de seus próprios estoques de semente. A produção estará fortemente relacionada com as condições climáticas e dificilmente capaz de atender satisfatoriamente à demanda.

Caso se obtenha um rendimento igual à produtividade média dos últimos 5 anos a produção paulista deverá igualar o volume da safra 1972/73. Para aumento de produção proporcional (10%) será necessário que se registre a boa produtividade da safra 1972/73.

Dada a grande variação de preços do produto não se pode afirmar que, ocorrendo um aumento da produção, isto não venha a provocar sensível queda nos preços.

Não obstante, tendo em conta a grande escassez atual, o fato de que o aumento do plantio não deverá ser muito acentuado e a tendência de alta nos preços de quase todos os produtos proteicos, talvez seja justificada a dedução de que, mesmo que se confirme uma queda nos preços, ela não deverá ser de exageradas proporções, permanecendo os preços do feijão em bons níveis para o produtor.

5.10 - Laranja

5.10.1 - Panorama internacional

As mudanças que ocorrem em outros países produtores, o constante aumento das colheitas mundiais e as modificações político-econômicas nos países importadores criaram novos problemas e expectativas. A organização de áreas favorecidas de comércio, como o Mercado Comum Europeu e a ALALC, com a adoção de políticas protecionistas para salvaguardar os interesses de seus produtores são exemplos dessa situação.

Em vista desses fatos e do desenvolvimento da produção, tornou-se evidente que a organização de comércio e da produção em cada País deve considerar o que vem sucedendo nos demais e no global.

Para fins de análise convém dividir os produtores em três grupos: América do Norte e Central; Região Mediterrânea e demais regiões (África, Ásia, América do Sul e Oceânia). No primeiro grupo, os Estados Unidos continuam a figurar como o maior produtor mundial de cítricos com cerca de 30% do total. A Região Mediterrânea (Itália, Espanha, Israel, Marrocos) contribui com 28% do total e é grande produtora de laranjas, tangerinas e sobretudo de limões. No terceiro grupo figuram no Hemisfério Norte produtores importantes como o Japão (primeiro produtor de tangerinas) e a Índia, enquanto no Hemisfério Sul destacam-se o Brasil (segundo produtor mundial de cítricos), África do Sul e Argentina. Neste último grupo vem ocorrendo notável ritmo de crescimento nos últimos anos, respondendo atualmente por cerca de 37% da oferta mundial.

Assim, a produção de cítricos aumentou rapidamente nos últimos decênios, tendo passado de aproximadamente 10 milhões de toneladas, antes da guerra, para 16 milhões no início da década de 50 e 25 milhões ao princípio dos anos 60, atingindo em 1971/72 a 39 milhões de toneladas,

sendo quase certo que em 1972/73 novo r ecorde acima de 40 milhões de toneladas foi alcançado.

Em anos mais recentes o crescimento da produ o de laranjas e principalmente de tangerinas (inclusive clementinas e satsumas) no Japão, Espanha, Itália e Marrocos, foi o mais r apido e sua participa o no total   estimada em 82%, cabendo aos limões e grapefruit uma cota de 9% cada.

A possibilidade de forte aumento na produ o mundial nos pr oximos anos adquire cada vez mais certeza, visto que das proje es feitas pela FAO para 1975 parte já foi alcançada na temporada passada: 93% da estimativa de 34 milhões de toneladas de laranjas e tangerinas; 85% das 3,9 milhões de toneladas de limões e 96% das 3,6 milhões de toneladas de grapefruit.

Para 1980 as estimativas globais apontam para cerca de 52 milhões de toneladas, com um crescimento de 2,9% ao ano, ou seja, uma esperada redu o s obre a r apida expansão da década passada (1960-70) quando a taxa foi de 4,7%, refletindo o aumento de área plantada os bons preços recebidos pelos produtores. Desse total, 43 milhões de toneladas serão de laranjas e tangerinas (taxa de aumento 3,3% ao ano), enquanto o acréscimo de grapefruit deverá ser aproximadamente 20 milhões de caixas s obre o nível atual e de limões 25 milhões de caixas.

Por outro lado, a demanda por produtos cítricos aumentou em tôdas as áreas, contribuindo para tanto a ado o de novos hábitos alimentares, a industrializa o e crescente urbaniza o, além da compreensão acerca do valor nutritivo da fruta. Estima-se que entre 1965 e 1970 o consumo cresceu cerca de 5,3% no ano, principalmente nos próprios países produtores que absorveram 80% da produ o, citando-se como exemplos os Estados Unidos e Japão.

Parte significativa desse desenvolvimento foi devido   eleva o

do consumo de produtos processados que, atualmente, representam quase 30% do consumo mundial de cítricos.

O comércio internacional, que cobre 20% da demanda, apresentou uma taxa de crescimento de 5% ao ano no período 1960-70, tendo os maiores ganhos se registrado no comércio de grapefruit e de produtos industrializados. Para estes últimos os destaques ficam para o Brasil, Israel e Estados Unidos, enquanto que no comércio de fruta fresca destacam-se os países do Mediterrâneo.

Para 1980 as projeções da FAO indicam que o consumo deverá atingir, 36 milhões de toneladas de laranjas e tangerinas, 4 milhões de limões e 3 milhões de toneladas de grapefruit, ou seja, taxas menores de aumento na demanda por laranja, tangerinas e grapefruit do que no período 1965-70.

A participação dos produtos elaborados deverão ter maiores avanços no consumo mundial, admitindo-se porém que em grande proporção se rá feito nos próprios países produtores cujos mercados internos deverão ser fortalecidos, enquanto que no Canadá e Norte da Europa as importações poderão aumentar cerca de 10% ao ano, devendo as mesmas atingir, em 1980, algo como 3,0 milhões de caixas equivalentes.

Dessa forma, é válida a ilação de que, não obstante o consumo de sucos continue a crescer, aumentos esperados na produção deverão pressionar a oferta, aguçando a concorrência e estabilizando os preços.

Dentro dessas perspectivas vários países produtores estão tomando medidas para ajudarem suas citriculturas, tais como subsídios, estímulos financeiros, limitações de plantio, etc, a fim de ampliar o poder de competição no mercado internacional.

Nos países importadores, políticas e barreiras comerciais poderão influir no comércio, citando-se como exemplos os tratamentos prefe-

renciais do Mercado Comum Europeu, tarifas de importação nos Estados Unidos e Japão e dificuldades administrativas (comércio oficial) que limitam as importações nos grandes mercados potenciais da Rússia, Europa Oriental e China.

5.10.2 - Situação interna

Em 1971 foi quebrado o ritmo descendente que se vinha verificando nas exportações paulistas de fruta fresca desde 1967; em 1972 verificou-se novo acréscimo sobre o total precedente atingindo a 3.939.754 caixas-padrão, ou seja, mais 5% (quadro 5.16).

Aumentos expressivos também vem se registrando na exportação de suco concentrado que atingiu em 1972 a marca de 91 mil toneladas, de modo a estimar-se que tenham sido industrializadas na safra 1971/72 cerca de 35 milhões de caixas (40,8 kg) contra 25 milhões em 1970/71, quadro (5.17), podendo elevar-se a 43 milhões no corrente ano.

Esses acréscimos foram acompanhados pelo aumento da produção estimada que na safra 1971/72 atingiu a 60,7 milhões de caixas para 50,2 milhões de pés plantados (dos quais 15,5 milhões são pés novos). Na presente safra a produção está oficialmente estimada, até o momento, em 69,0 milhões de caixas porém fontes ligadas ao setor acreditam que a mesma não deverá ultrapassar a 62 milhões para 56,5 milhões de pés plantados (16,5 milhões novos).

Apesar da crescente oferta, os preços recebidos pelos produtores têm-se mostrados firmes durante os últimos 10 anos e na atual temporada podem ser considerados eufóricos, ao redor de US\$ 1,40/caixa em média (Cr\$ 8,50).

Outros pontos, ainda merecem destaque neste rápido panorama :

a) reabertura pelo Banco do Brasil do financiamento para plantio de novos

QUADRO 5.16. - Exportação Cítrica pelo Porto de Santos, 1968-72

Destino	1968	1969	1970	1971		1972	
	Caixa (1)	Caixa (1)	Caixa (1)	Caixa (2)	%	Caixa (2)	%
Holanda	725.370	506.444	465.395	1.306.034	35	1.739.282	44
Grã-Bretanha	449.250	436.653	390.345	885.998	24	988.052	25
Alemanha	412.650	359.898	287.512	931.265	25	709.329	18
França	200.000	158.200	150.000	217.100	6	198.700	5
Finlândia	28.100	56.110	60.200	142.369	4	117.500	3
Canadá	63.100	21.728	41.300	137.000	4	76.000	2
Suécia	61.569	46.825	25.875	3.750	0	34.566	1
China Nacional	102.250	24.331	21.950	14.307	0	20.000	1
Outros	118.150	77.547	62.400	111.750	2	56.325	1
Total	2.160.439	1.690.936	1.504.977	3.749.573	100	3.939.754	100

(1) Em caixa-padrão - decreto 56.659 de 6.8.65.

(2) Em caixa-padrão da Resolução 45 - CONCEX.

QUADRO 5.17. - Exportação de Suco de Laranja pelo Porto de Santos, 1968-72

Mes	Suco concentrado de laranja (1)				
	1968	1969	1970	1971	1972
Jan.	1.347,1	2.047,9	422,1	3.563,4	6.485,9
Fev.	705,6	393,7	2.606,5	2.940,4	3.584,8
Mar.	889,1	1.124,8	492,3	5.190,6	4.240,3
Abr.	289,7	412,3	108,2	2.156,4	4.032,8
Mai.	164,0	553,1	613,1	2.981,4	3.200,4
Jun.	1.806,9	1.214,4	1.618,4	1.854,7	4.399,3
Jul.	2.822,9	2.921,1	2.769,3	10.460,4	7.949,9
Ago.	2.796,3	2.034,7	2.758,2	5.465,6	9.134,1
Set.	1.819,1	2.305,0	2.443,8	9.783,6	9.855,7
Out.	4.229,1	5.039,3	5.346,9	10.439,3	12.102,0
Nov.	7.434,1	3.463,3	8.014,9	5.545,4	16.855,5
Dez.	1.576,8	2.581,7	4.096,3	13.047,1	9.280,5
Total	25.880,7	24.091,3	31.290,0	73.428,3	91.121,2

(1) Em tonelada (p.líquido).

pomares, sujeitos ao zoneamento proposto pela Secretaria da Agricultura; b) fixação pela CACEX do valor mínimo de US\$ 500,00/t nas guias de embarque de exportação de suco concentrado do Brasil; c) ainda a presença fantasmagórica do cancro cítrico nos estados do Paraná e Mato Grosso; d) inauguração de mais uma fábrica de processamento de citros em Araras; e) expressivo aumento nas exportações de farelo de bagaço de citros a granel e peletizado; d) demora do Governo Federal em regulamentar a lei de obrigatoriedade de adição de suco natural de frutas nos refrigerantes; e) aumento geral de plantio na maioria dos estados brasileiros embora faltem estatísticas atualizadas.

5.10.3 - Perspectivas

Conquanto o comportamento da futura safra 1973/74 dependa de vários fatores aleatórios, especialmente do desenvolvimento das safras do Hemisfério Norte, sujeitas às geadas no inverno (novembro-fevereiro) e da florada em nossos pomares, é lícito prognosticar-se que: a) deverá ocorrer aumento na colheita paulista de laranja com a entrada em produção de significativo contingente de pés novos e também pelas condições dos pés adultos que se encontram com menor carga neste ano; b) é possível que no Hemisfério Norte, particularmente na Flórida, não se registre nova safra recorde como em 1972/73 e tampouco a abundante oferta de suco de laranja na Europa que está caracterizando o comércio este ano.

A mais longo prazo, deve-se ponderar que encaminhar para o processamento mais fruta como foi feito no passado em diversos países produtores, não parecerá uma alternativa viável para livrar-se de possíveis excessos de produção. O mercado possivelmente encontrar-se-á adequadamente suprido por produtores especializados que plantem especificamente com vistas à industrialização (variedades adequadas, colheita com maior teor de sólidos solúveis, alto rendimento e qualidade do suco, fretes reduzidos, etc) fazendo com que indústrias baseadas em refugos de fruta fresca sejam economicamente menos viáveis.

É preciso lembrar que projeções como as da FAO feitas com tanta antecipação deixam de levar em conta fatores aleatórios e que também os demais países produtores procuram ajustar suas citriculturas tomando por base o que fazem os concorrentes.

Em grande resumo pode-se ponderar que os preços atuais bastante satisfatórios não deverão perdurar indefinidamente e haverá variações com posterior adaptação. Não deveremos abrir o "guarda-chuva" de preços muito elevados para possibilitar o abrigo de nossos concorrentes. O citricultor deverá conduzir seus pomares consciente dos riscos de mercado e só o emprego de tecnologia moderna deverá assegurar condições competitivas em anos de preços desfavoráveis.

5.11 - Mandioca

5.11.1 - Panorama internacional

Face à evolução do consumo e a irregularidade na oferta do produto, tem-se caracterizada uma situação de carência traduzida pela firmeza das cotações no mercado internacional de derivados de mandioca.

Atualmente, os maiores negócios internacionais são realizados pela Tailândia, Indonésia e Brasil.

Contudo, em 1972, o Brasil participou desse mercado com modesto volume de fécula exportado principalmente para os Estados Unidos. Pequenos embarques de farinha de raspa foram enviados principalmente para o Canadá, enquanto a farinha de mandioca foi destinada a vários países.

5.11.2 - Situação interna

O panorama de produção mandiogueira no País, nos últimos anos, não é muito alvissareiro, tendo apresentado pequeno desenvolvimento. Estimativas do Ministério da Agricultura indicam para 1972 uma recuperação da produção nacional (31 milhões toneladas) após dois anos consecutivos de redução de safra.

No Norte do País onde até o momento a produção de pequena escala se encontra voltada para o consumo local, existem diversos projetos amparados por incentivos fiscais visando alterar esse quadro.

Em alguns estados do Nordeste a cultura tem-se ampliado bastante, porém em moldes tradicionais, com industrialização ainda incipiente. A curto prazo, existem poucas evidências de alteração.

Tanto no Rio Grande do Sul como em Minas Gerais a tendência de produção é de estagnação.

A produção catarinense por outro lado poderá nos próximos

dois anos apresentar um excedente exportável, em decorrência da progressiva tecnificação que se vem verificando.

No Estado de São Paulo, a principal característica nos últimos anos foi a de acentuar-se o zoneamento da cultura em função da proximidade das fábricas que funcionam regularmente. Reporte-se que nos últimos dez anos, a área vinha apresentando reduções progressivas, tendo porém crescido 2% em 1972 em decorrência dos bons preços da matéria-prima, que perduraram de meados de 1971 até julho de 1972, quando novamente passaram a perder posição relativa aos demais produtos da agricultura.

A alta nos preços de mandioca acompanhou a evolução dos preços da farinha de mesa no atacado paulistano no período 1971-72, quando também se registrou alta dos preços na maioria dos mercados nordestinos.

5.11.3 - Perspectivas

A situação do mercado internacional de produtos de mandioca para componentes de rações não dá sinal de enfraquecimento. Todavia, as condições da produção paulista e demais estados do Sul, com exceção de Santa Catarina, indicam que não deverá haver significativos saldos exportáveis no próximo ano.

Não se tendo registrado nenhum transtorno climático que envolvesse redução da produção nordestina, pode-se esperar que os preços internos de farinha de mesa flutuem sem perspectivas de alta. Apesar de prevêr-se um aumento na oferta catarinense, pode-se esperar um ano sem maiores problemas, em vista da provável redução em outros estados.

Em São Paulo, as perspectivas eram de ocorrer no próximo ano um plantio idêntico ao de 1973, com possibilidades de um acréscimo máximo de 6% (modelo de Nerlove). Note-se, porém, que mesmo nos polos regionais de produção, há fortes tendências de substituição por outros produtos

competitivos. Em contrapartida, os derivados de mandioca poderão ter seu mercado ampliado com o uso na alimentação animal, particularmente quando peletizados.

5.12 - Milho

5.12.1 - Panorama internacional

A estimativa da produção mundial de milho em 1972/73 mostra-se praticamente igual à safra anterior. Nos Estados Unidos, maior produtor, registrou-se redução de 3%, passando de 141 milhões de toneladas em 1971/72 para 137 milhões de toneladas em 1972/73.

No Hemisfério Sul, os dois principais exportadores obtiveram resultados inesperados. A Argentina, cuja área plantada foi menor do que em 1971/72 e a despeito de pesadas chuvas, conseguiu produzir 9,5 milhões de toneladas. Por outro lado, na África do Sul, a cultura sofreu prolonga da seca e as previsões sugerem que a produção será próxima de 4 milhões de toneladas, 60% menor que em 1971/72. Assim sendo, estima-se que a Argentina terá um excedente exportável de 5,5 milhões de toneladas, enquanto a África do Sul terá pouquíssimo excedente.

As exportações mundiais têm aumentado principalmente em função das vendas americanas que, em março último, ascendiam a cerca de 13 milhões de toneladas (50% a mais do que no período precedente). Há notícias de que deverão continuar intensas até setembro, em vista dos embarques programados pela Argentina e Estados Unidos. As notícias sobre as restrições que os Estados Unidos estariam apondo as exportações levam à conclusão de uma eventual mudança no mercado.

Os estoques mundiais ao final de fevereiro situavam-se em níveis inferiores aos de um ano atrás.

5.12.2 - Situação interna

A produção brasileira na safra atual é estimada num volume no máximo igual ao colhido no ano anterior. De modo geral, o baixo rendimento econômico da safra precedente foi a principal causa da redução na área de plantio. Ainda assim, segundo previsões estaduais, a produção paranaense aumentou em 24% e a matogrossense em 41%, em relação às obtidas em 1971/72. Em Santa Catarina estima-se um aumento na produção, mas não o suficiente para a formação de excedentes exportáveis, enquanto o Rio Grande do Sul, sob condições climáticas desfavoráveis, certamente adquirirá o cereal dos outros estados.

No Estado de São Paulo a área plantada passou de 1.500 mil hectares em 1971/72 para 1.300 mil hectares em 1972/73 e a produção caiu de 3 milhões de toneladas para 2,7 milhões de toneladas (quadro 5.18).

QUADRO 5.18. - Área, Produção e Rendimento de Milho, Estado de São Paulo, 1967/68 a 1972/73

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	1.573,0	2.550,0	1.620
1968/69	1.246,3	2.740,0	1.396
1969/70	1.476,2	2.820,0	1.910
1970/71	1.694,0	2.760,0	1.629
1971/72	1.500,0	3.000,0	2.000
1972/73 (1)	1.300,0	2.694,0	2.072

(1) Estimativa.

Os baixos preços do milho nos meses que antecederam à semeadura foram o fator preponderante no abandono do plantio. O preço médio real recebido pelos lavradores de junho a setembro de 1972 foi inferior ao re-

gistrado no mesmo período do ano anterior.

Não obstante o que foi dito sobre o volume estimado para a atual safra brasileira, baseado aliás em dados preliminares, o que se observa é uma reduzida oferta do produto, acarretando alta em seus preços e por via de consequência, nos diversos produtos dependente em maior ou menor grau, direta ou indiretamente do milho.

Essa diminuição da oferta compeliu o Governo Federal ao contingenciamento das nossas exportações, não obstante já estarem elas em níveis reduzidíssimos quando cotejados com as de 2 ou 3 anos passados.

Com tais características, o preço médio que os produtores receberam em junho foi de Cr\$ 24,39/sc.de60kg ou 66% a mais que o alcança do no mesmo mes de 1972 (quadro 5.19), esperando-se que o valor médio para a temporada atinja pelo menos Cr\$ 24,00 ou 42% a mais que os Cr\$ 16,80 de 1972, já que segundo a variação estacional de preços estes estarão em alta até o final do ano (figura 5.7)

A exportação pelos portos de Santos e Paranaguá foi de apenas 175.298 toneladas em 1972. Como se vê, essa exportação ficou muito aquém das 1,2 milhão de toneladas previstas anteriormente, com base talvez nos 1,26 milhão exportadas em 1971. O principal óbice ao maior volume de vendas nesse ano residiu na cotação internacional do produto, cuja média de US\$55,00/t FOB tornava as exportações pouco atraentes, face aos preços internos do produto (quadro 5.20).

Nos primeiros meses de 1973 o preço do milho esteve oscilando próximo a US\$70/t FOB. A notícia de que a produção americana 1973/74 poderia ser menor, em decorrência do atraso no plantio, fez com que o mercado reagisse, chegando a US\$ 77/t FOB, em maio. As últimas informações davam conta de cotação ao redor de US\$ 110/t. Porém, acredita-se que a mesma decrescerá por ocasião da colheita no Hemisfério Norte (se-

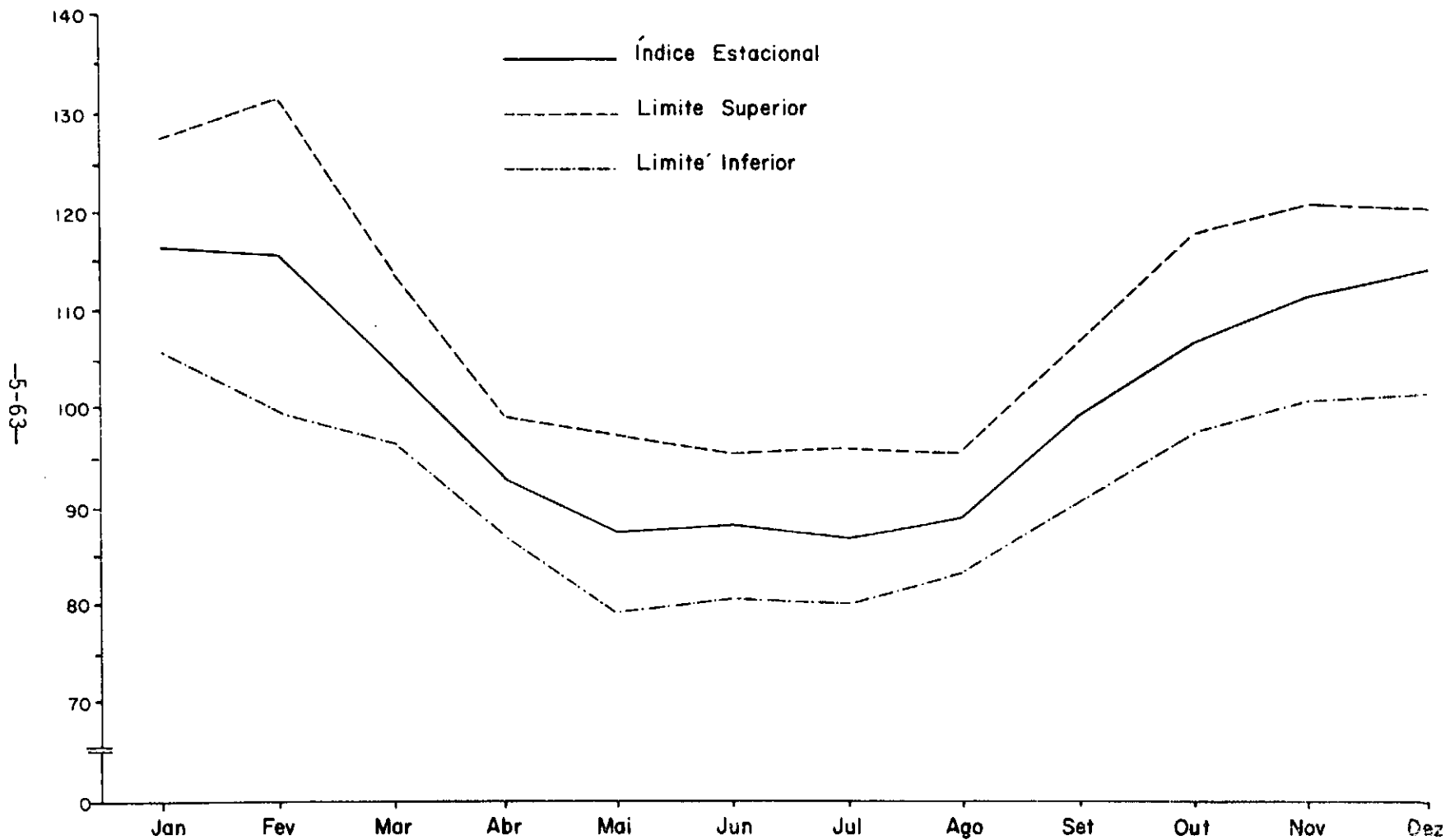


FIGURA 5.7. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Milho, Estado de São Paulo, 1966-72.

tembro-outubro), com probabilidades de ainda manter-se em níveis elevados.

QUADRO 5.19. - Preços Médios Recebidos pelos Produtores Paulistas de Milho
1968-73
(Cr\$/sc60kg)

Mes	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	6,66	8,81	15,26	13,65	19,88	25,84
Fev.	6,30	8,31	16,30	14,04	19,91	24,36
Mar.	6,54	7,96	13,39	13,83	19,57	21,12
Abr.	6,04	7,99	10,86	13,56	17,31	20,37
Mai.	6,07	8,57	8,96	13,62	15,76	21,58
Jun	5,99	9,44	9,63	13,70	14,73	24,39
Jul.	5,98	9,61	10,07	14,46	14,71	...
Ago.	5,88	10,03	10,34	14,66	15,82	...
Set.	5,99	11,58	12,23	14,43	17,50	...
Out.	7,08	13,48	13,05	14,73	21,85	...
Nov.	8,36	14,43	12,99	15,12	24,02	...
Dez.	8,58	14,92	12,92	17,78	25,03	...

QUADRO 5.20. - Exportação de Milho pelos Portos de Santos e Paranaguã
1968-73
(tonelada)

Ano	Santos	Paranaguã	Total
1968	629.736	559.123	1.188.859
1969	293.073	297.294	590.367
1970	582.650	864.690	1.447.340
1971	412.749	836.659	1.258.408
1972	27.814	147.484	175.298
1973 (1)	100.000

(1) Previsão de acordo com a cota estipulada pela CACEX.

Fonte: Associação Nacional de Exportadores e IEA.

5.12.3 - Perspectivas

Segundo as intenções de plantio dos lavradores, a área paulista de milho deverá aumentar em 5% para a próxima safra.

Este acréscimo será devido principalmente a região de São José do Rio Preto, grande produtora de milho, onde segundo estimativas preliminares o aumento na área deverá ser em torno de 25%. Deve-se salientar, no entanto, que outras regiões estão substituindo o milho por culturas mais rentáveis.

O fácil manejo da cultura e os preços relativamente bons alcançados nos últimos meses estão sendo apontados como causas da ampliação de área em algumas regiões, embora as estimativas de oferta do IEA (modelo Nerlove) indiquem área a ser plantada ligeiramente inferior a do ano passado. Aparentemente, as perspectivas de preço no mercado internacional estão contribuindo para um eventual aumento de área.

Em S.Paulo, se obtido um rendimento "médio" de 1.800 kg/ha, a produção total poderá alcançar cerca de 2.460 mil toneladas. Caso se repita o rendimento mais elevado dos últimos cinco anos, a produção será de aproximadamente 2.830 mil toneladas. Dessa forma, a amplitude das expectativas de produção limita-se em níveis 8% menor e 5% maior que a produção de 1972/73, respectivamente.

Com relação ao Brasil, pode-se tirar as seguintes conclusões:

- a) o plantio no RS deverá ser menor ou na melhor das hipóteses igual a safra atual;
- b) no Paraná, a euforia da soja deverá implicar numa redução de até 20% na área de milho do próximo ano de acordo com fontes ligadas ao setor; e
- c) os estados de S.Paulo, Minas e Goiás talvez acusem pequeno

aumento de área mas que dificilmente compensará a redução no Paraná.

A forte demanda internacional e o alto nível de consumo de milho em 1972/73 evidenciaram a necessidade de maior área de plantio para 1973/74. Nos Estados Unidos, o Departamento de Agricultura, intencionando alcançar a meta de 150 milhões de toneladas, deu início a uma campanha com objetivo de plantio de 74 milhões de acres. Entretanto, as inundações verificadas em varias regiões daquele País, atrasando o plantio, tornaram difícil atingir essa meta. Na Europa a crescente demanda está levando os produtores a um aumento na área, todavia, acreditando-se que esse aumento será incapaz de alterar a conjuntura mundial.

Em resumo observa-se que em 1973/74 a produção brasileira de milho deverá ficar aquém do que seria desejável e dificilmente igualará o volume obtido há dois anos atrás.

Assim, as probabilidades maiores são no sentido de que a oferta continuará a ser reduzida em relação à crescente procura no mercado interno. Aliando-se isto ao fato de que são muito amplas as perspectivas do mercado internacional, os preços do milho da próxima safra deverão manter tendência de alta ou pelo menos situarem-se em níveis elevados.

5.13 - Soja

5.13.1 - Panorama internacional

A produção mundial nos últimos anos tem se apresentado em contínua expansão e sua taxa média de crescimento no período 1965-72 foi de 5,25% a.a.

A safra 1971/72 indicou uma produção de 47,75 milhões de toneladas, o que significa um avanço de 9,6% sobre o total colhido na safra 1970/71.

A expectativa é de que na atual safra 1972/73 a produção mundial atingirá cerca de 52 milhões de toneladas, constituindo novo recorde consecutivo de produção e superando a do ano anterior em 9%.

Os principais países produtores são os Estados Unidos com 67% da produção mundial, a República Popular da China com 20% e o Brasil com apenas 7,3%. Seguem-se, em ordem decrescente de importância, Rússia, Indonésia, Canadá, México, Rumania e Japão (quadro 5.21).

QUADRO 5.21. - Principais Países Produtores de Soja

País	Produção (1.000t)	
	1970/71	1971/72
EUA	30.675	32.006
República Popular da China	9.700	9.600
Brasil	2.100	3.500
URSS	603	535
Indonésia	498	475
Canadá	283	280
México	280	250
Rumânia	91	165
Japão	126	122

Fonte: USDA - World Agricultural Production and Trade e Oil World Weekly.

A produção estadunidense na safra 1971/72 foi de 32 milhões de toneladas e as últimas estimativas do Departamento de Agricultura indicam

para 1972/73 uma produção de 34,2 milhões de toneladas, cifra essa inferior àquela de 4 meses atrás, quando se previa uma produção de aproximadamente 37 milhões de toneladas. A redução apresentada na estimativa da safra norte-americana decorre das inundações dos rios Mississipi e Missouri, que ocasionaram sensível atraso no plantio.

A produção norte-americana vem crescendo a uma taxa de aproximadamente 3,7% a.a. em média, inferior portanto à taxa de crescimento da produção mundial, uma vez que, além do Brasil, vários países vem apresentando incrementos de produção.

As exportações mundiais de soja em grão têm apresentado aumentos sucessivos nos últimos anos. Assim, de 1968 a 1972, o volume transacionado no comércio mundial sofreu um acréscimo de 65%, passando de 8,3 milhões para 13,7 milhões de toneladas.

Os Estados Unidos continuam mantendo a supremacia nesse mercado, abastecendo cerca de 85% da demanda. As exportações estadunidenses apresentaram incremento de 4% em 1972, quando atingiram 11,7 milhões de toneladas. O segundo exportador mundial é o Brasil que, em 1972, atingiu a cifra de 1 milhão de toneladas. Como terceiro exportador apresenta-se a China, que nos últimos anos tem oferecido ao mercado internacional cerca de 500 mil toneladas.

O Japão é o maior importador e, em 1972, suas compras no exterior somaram cerca de 3,4 milhões de toneladas, provenientes em sua quase totalidade dos Estados Unidos. O segundo importador mundial é a Alemanha Ocidental com aproximadamente 2,2 milhões de toneladas em 1972 (quadro 5.22).

A evolução das importações mundiais no período 1968-72 apresentou um incremento de 10,5% a.a., bastante superior ao crescimento da produção mundial, significando uma redução progressiva nos estoques mundiais.

QUADRO 5.22. - Importações de Soja em Grão em 1.000t, 1971-72

Países	1.000t		Variação %
	1971	1972 (1)	
Japão	3.211,6	3.395,6	+ 5,7
Alemanha Ocidental	2.095,6	2.236,6	+ 6,7
Espanha	1.311,0	1.428,5	+ 8,9
Países Baixos	1.208,8	1.608,6	+ 33,1
Itália	857,8	814,0	- 4,1
Taiwan	522,8	711,6	+ 36,0
Dinamarca	491,1	533,3	+ 8,6
Total mundial	12.608,0	13.737,0	+ 8,9

(1) Dado provisório.

Fonte: Oil World Weekly.

Durante os primeiros meses de 1973 as cotações internacionais para a soja e farelo de soja se elevaram inusitadamente, fruto de uma conjuntura toda especial (quadro 5.23). Essa situação significava uma perspectiva de negociação da nova safra brasileira de soja, a iniciar-se em abril, a preços bastante elevados, o que levou o Governo Federal, no intuito de conter os preços dos farelos e óleos no comércio interno, a estabelecer um sistema de contingencionamento das exportações de soja em grão e do farelo de soja. Através desse sistema os exportadores entregariam à CACEX uma parte, para cada tres partes exportadas de soja ou farelo, a preços fixados abaixo dos vigentes no mercado internacional. Durante a comercialização da atual safra brasileira essa medida surtiu certos efeitos, refreando moderadamente os preços no mercado interno.

Recentemente, o Governo norte-americano passou a controlar as

exportações de soja e seu farelo, tendo em vista a diminuição alarmante dos seus estoques e as altas verificadas no comércio interno das rações. Essa medida certamente fará aumentar ainda mais os preços internacionais no período de julho a setembro, que antecede a colheita da safra norte-americana. A partir de setembro, a situação conjuntural certamente se modificará prevendo-se uma visível queda dos preços internacionais, mesmo com a diminuição da estimativa de safra. Porém, o preço a ser alcançado, conforme indicam as cotações no mercado a termo americano, deverá situar-se acima daqueles observados nos três primeiros meses do corrente ano.

QUADRO 5.23. - Cotações Internacionais de Soja (USA - nº 2), 1968-73
(US\$/t - CIF - ROTTERDAM)

Mes	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	110	107	107	125	125	214
Fev.	111	107	110	125	127	259
Mar.	110	107	111	124	135	258
Abr.	109	107	112	119	140	260
Mai.	109	107	115	122	140	...
Jun.	107	105	118	127	138	...
Jul.	107	105	122	134	141	...
Ago.	106	99	120	131	141	...
Set.	100	95	119	124	135	...
Out.	99	99	123	125	136	...
Nov.	104	101	125	125	148	...
Dez.	105	102	121	112	174	...
Média anual	105	103	117	126	140	...

Fonte: Oil World Weekly.

5.13.2 - Situação interna

A produção brasileira, na safra 1972/73, deverá atingir novo recorde de produção com um volume estimado em 5 milhões de toneladas, representando aumento de 42,8% em relação à safra passada.

O Rio Grande do Sul é o principal produtor e apresentou em 1972/73 produção estimada em 2,8 milhões de toneladas, contribuindo com 56% da nacional. O Paraná com cerca de 1,5 milhão de toneladas produziu detém uma participação de 30%. Segue-se-lhe São Paulo, com 366 mil toneladas, responsável por 7,3% da produção nacional. Em termos de acréscimos percentuais, a produção paulista cresceu 65%, a paranaense 51% e a gaúcha 40%, em relação ao ano precedente (quadro 5.24).

Outros estados produtores são Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, cuja produção agregada em 1972/73 é estimada em cerca de 374 mil toneladas.

Nos últimos anos a produção brasileira de soja cresceu em média 32% ao ano. Essa taxa de crescimento é bastante superior à verificada pela produção mundial.

Em termos percentuais, a produção paulista de soja tem sido a que maior incremento vem apresentando, com uma taxa média de 54% no período 1964/65 a 1971/72, passando de uma produção inexpressiva de 10.590 para 222.000 toneladas.

O rendimento médio obtido no Estado de São Paulo na recente safra, 1.830 kg/ha, é o mais elevado do País e se aproxima do rendimento médio obtido nos Estados Unidos na última safra, que se situou em torno de 28 bushel/acre, ou seja, 1.881 kg/ha.

As exportações brasileiras em 1972 totalizaram 1.037.273 to-

QUADRO 5.24. - Produção Brasileira e Principais Estados Produtores de Soja
(tonelada)

Estado	1967/68	1968/69	1969/70	1970/71	1971/72	1972/73 (1)
Rio Grande do Sul	432.585	597.100	976.000	1.200.000	2.000.000	2.800.000
Paraná	206.000	290.400	348.600	567.100	966.203	1.460.300
São Paulo	36.600	60.000	97.800	93.600	222.000	366.000
Santa Catarina	14.827	31.650	52.998	100.000	130.000	150.000
Outros Estados	64.464	77.457	33.142	139.300	181.797	223.700
Total do Brasil	754.476	1.056.607	1.508.540	2.100.000	3.500.000	5.000.000

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola - SP, CEPRES - PR, Ministério da Agricultura.

5-72-

neladas, apresentando um aumento de quase 5 vezes sobre o ano anterior, quando foram exportadas apenas 213.426 toneladas. O valor médio dessas exportações em 1972 alcançou o recorde de US\$ 123,30/t, crescendo 8,2% em relação à cotação média do ano de 1971.

Com referência ao farelo de soja, em 1972 foram exportadas 1.450 mil toneladas, volume 54% superior ao de 1971, com o preço médio FOB alcançando US\$ 108,41/t, 21% superior ao verificado em 1971.

Da condição de importador de pequenas quantidades de óleo de soja, a partir de 1971 o Brasil passou a exportador (75t). Em 1972 registrou o expressivo embarque de 60 mil toneladas, indicando que deverá firmar-se nessa condição.

Esses altos índices de participação brasileira no comércio internacional da soja são o resultado de uma conjuntura altamente favorável: a) a produção brasileira apresentou grande incremento, possibilitando razoáveis excedentes exportáveis; b) a demanda mundial crescente, principalmente de farelo, acentuou-se com as reduções das disponibilidades da farinha de peixe de origem peruana e compras maciças da soja pelos países socialistas; e c) redução na safra de soja estadunidense em 1972.

Essa conjuntura mundial condicionou uma valorização extraordinária para a soja e seu farelo, fazendo com que as cotações iniciassem, em 1973, uma ascensão sem precedentes. Nessa situação é que foi comercializada a safra brasileira com reflexos sensíveis nos preços recebidos pelos produtores (quadro 5.26). Analisando-se os preços no período 1967-72, inflacionados para cruzeiros de 1972, verifica-se que se registraram valores crescentes. A variação estacional de preços é apresentada na figura 5.8.

5.13.3 - Perspectivas

Os produtores de soja obtiveram preços relativamente compensado

QUADRO 5.26. - Preços Médios de Soja Recebidos pelos Produtores Paulistas
(Cr\$/sc60kg)

Mes	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	13,25	14,40	17,67	22,28	34,37	34,92	42,84
Fev.	13,75	17,50	18,14	25,67	30,00	33,02	58,54
Mar.	12,18	14,67	15,00	20,33	29,18	31,54	58,60
Abr.	11,22	16,08	19,50	20,59	30,36	33,60	53,90
Mai.	10,82	17,50	20,10	20,76	29,92	35,26	64,31
Jun.	12,66	16,64	19,36	23,09	30,93	35,69	84,46
Jul.	12,66	17,67	22,42	26,07	32,53	36,34	...
Ago.	12,66	18,57	20,12	26,42	34,71	37,06	...
Set.	13,27	17,96	18,96	26,74	35,24	38,52	...
Out.	13,27	14,00	24,41	28,74	35,85	40,61	...
Nov.	14,60	16,00	23,86	30,41	35,78	40,41	...
Dez.	14,20	18,40	25,86	32,34	36,84	40,00	...
Média (valor corrente)	12,97	16,62	20,46	25,35	32,01	36,40	...
Média (valor 1972)	32,83	33,85	34,52	35,71	37,43	36,40	...

res nos últimos anos; fator que vem estimulando a ampliação da área plantada. Outros fatores podem ser alinhados como indutores ao plantio dessa oleaginosa:

- a) facilidade de mecanização da cultura;
- b) possibilidade de utilização de colhedoiras de trigo e arroz;

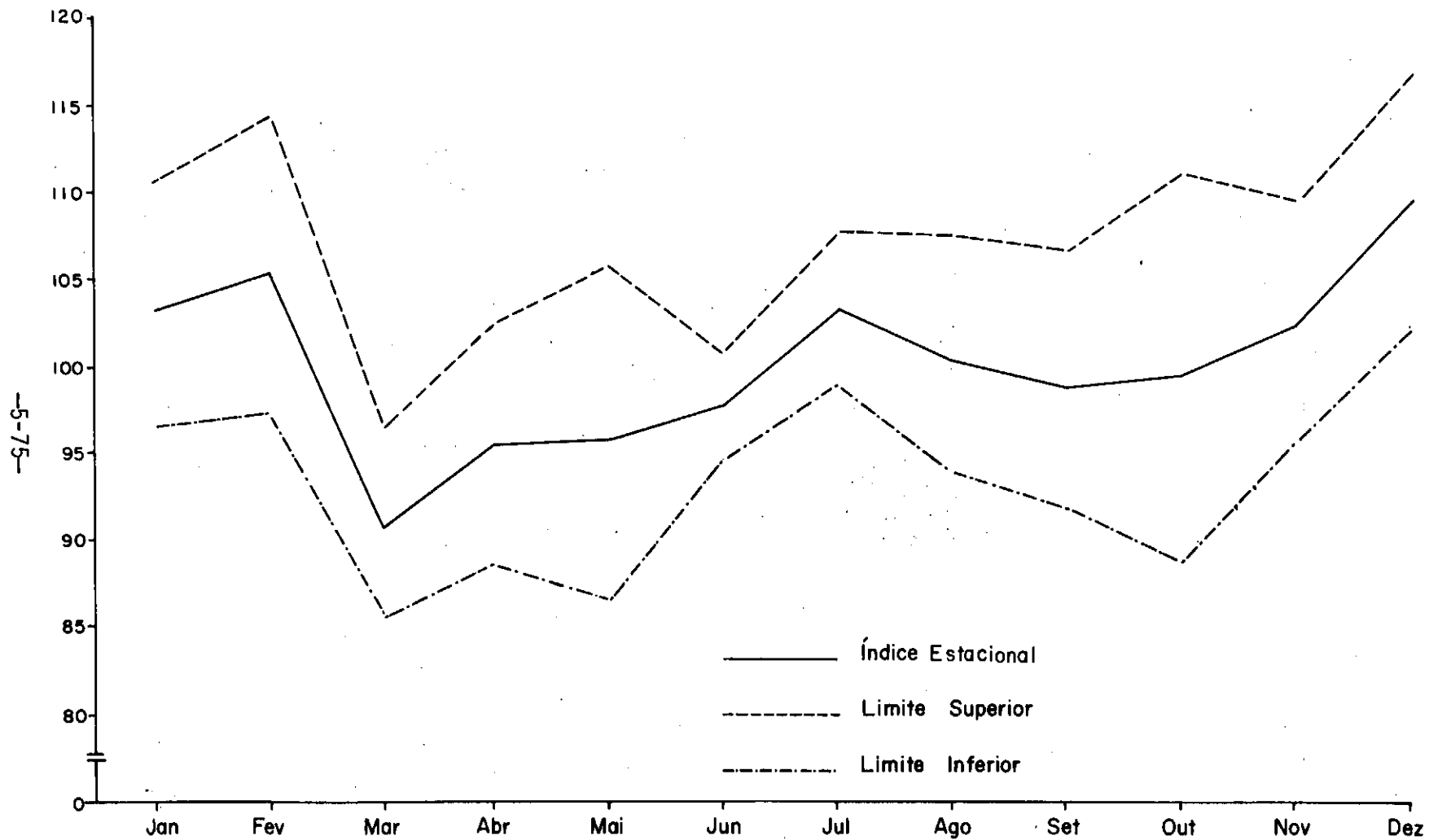


FIGURA 5.8. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Soja, Estado de São Paulo, 1966-72.

- c) melhor aproveitamento de terras plantadas com trigo no inverno;
- d) aproveitamento de áreas de cerrados principalmente na região central do Estado de São Paulo, que têm respondido favoravelmente ao plantio da soja; e
- e) perspectivas das cotações internacionais no próximo ano, tendo em vista a impossibilidade de grande incremento na produção peruana de farinha de peixe e reduzidos estoques norte-americanos de soja a 19 de setembro de 1973.

Some-se, ainda, os impulsos da demanda, entre os quais:

- a) aumento da procura de farelo de soja provocado pelo crescimento dos rebanhos na Europa;
- b) aumento da demanda mundial de óleos comestíveis e diminuições previstas nas ofertas globais dos óleos de girassol, amendoim, oliva e copra, bem como dos farelos de algodão, amendoim e girassol;
- c) interesse do Japão, maior importador mundial, em diversificar suas fontes de suprimento de soja e aumentar as compras no Brasil.

Existem, no entanto, fatores diretamente limitantes ao aumento muito grande na área a ser plantada com soja, sendo o principal deles a disponibilidade de sementes selecionadas. Outro fator restritivo seria o atual estágio da infra-estrutura de exportação de cereais, dificultando sobremaneira grandes embarques.

Até o momento, tudo indica que apesar das possíveis dificuldades, a futura safra brasileira de soja deverá apresentar um aumento de cerca de 50% e a produção brasileira possivelmente excederá a 7,5 milhões de toneladas.

Em termos mundiais acredita-se num aumento da ordem de 16%, recorde na produção da oleaginosa, alcançando a cifra de 60,5 milhões de toneladas.

Da mesma forma, em São Paulo, as evidências são de um substancial aumento na área plantada (45%). Caso se consiga o maior rendimento dos últimos 5 anos, a produção deverá significar também um aumento de 45% sobre a de 1972/73. Com rendimento médio o acréscimo será de 17%.

5.14 - Tomate

5.14.1 - Panorama internacional

A produção mundial de tomate vem mantendo um crescimento relativamente lento e firme. A safra de 1971 foi recorde e estimada em 29,4 milhões de toneladas, superior em 2,1% a do ano anterior. Os Estados Unidos continuam mantendo uma larga supremacia na produção (7.203 mil t), seguindo-se a Itália (3.361 mil t), Turquia (1.900 t), Egito (1.637 mil t) e Espanha (1.308 mil t).

A tendência atual é de diminuição da produção nos países tradicionais, como EUA, Itália, Espanha e Portugal, e de aumento em outros, como Turquia, Egito e Grécia.

A procura de tomate no âmbito internacional é crescente, mesmo entre os atuais produtores que necessitam deste produto para cobrir os "déficits" causados pelas oscilações estacionais no seu abastecimento.

Existem boas perspectivas para o comércio do tomate e derivados, cuja indústria, atualmente em expansão, poderá colocar no mercado diversos tipos de produtos, mormente o extrato concentrado.

A atual escassez no suprimento de extrato de tomate no mercado mundial abriu perspectivas favoráveis para o produto brasileiro que antes era rejeitado por ser inferior aos padrões internacionais. Atualmente, porém, os pedidos de importação são de tal magnitude que tornam nossa indústria pequena para atendê-los. Essa situação exigirá da indústria como um todo, ajustamentos na produção e comercialização da matéria-prima.

5.14.2 - Situação interna

Aparentemente, a produção brasileira de tomate (mesa e indústria) vem crescendo em ritmo acelerado, porém, a deficiência das estatísticas dificulta melhor análise da situação. Contudo, a redução no suprimento de matéria-prima sofrida pela indústria de São Paulo em 1972, foi um dos fatores que limitaram o atendimento da procura internacional de extrato.

Para atender a uma demanda total crescente, o início das atividades de uma unidade industrial em Felotas (RS) e a normalização da industrialização em Pernambuco teriam estimulado o aumento da produção em 1972.

No Estado de São Paulo, a produção de 501 mil toneladas, estimada para 1973, deverá superar em 2,6% a de 1972. Dados sobre produção e industrialização do tomate são apresentados no quadro 5.27. A figura 5.9 mostra o padrão de variação estacional de preços de tomate, no mercado atacadista da Capital.

5.14.3 - Perspectivas

Para melhor analisar a atual perspectiva de produção de tomate, pode-se dividir o Estado em três regiões distintas. A de Campinas, incluindo os municípios de Indaiatuba, Elias Fausto e Monte Mór, é caracte

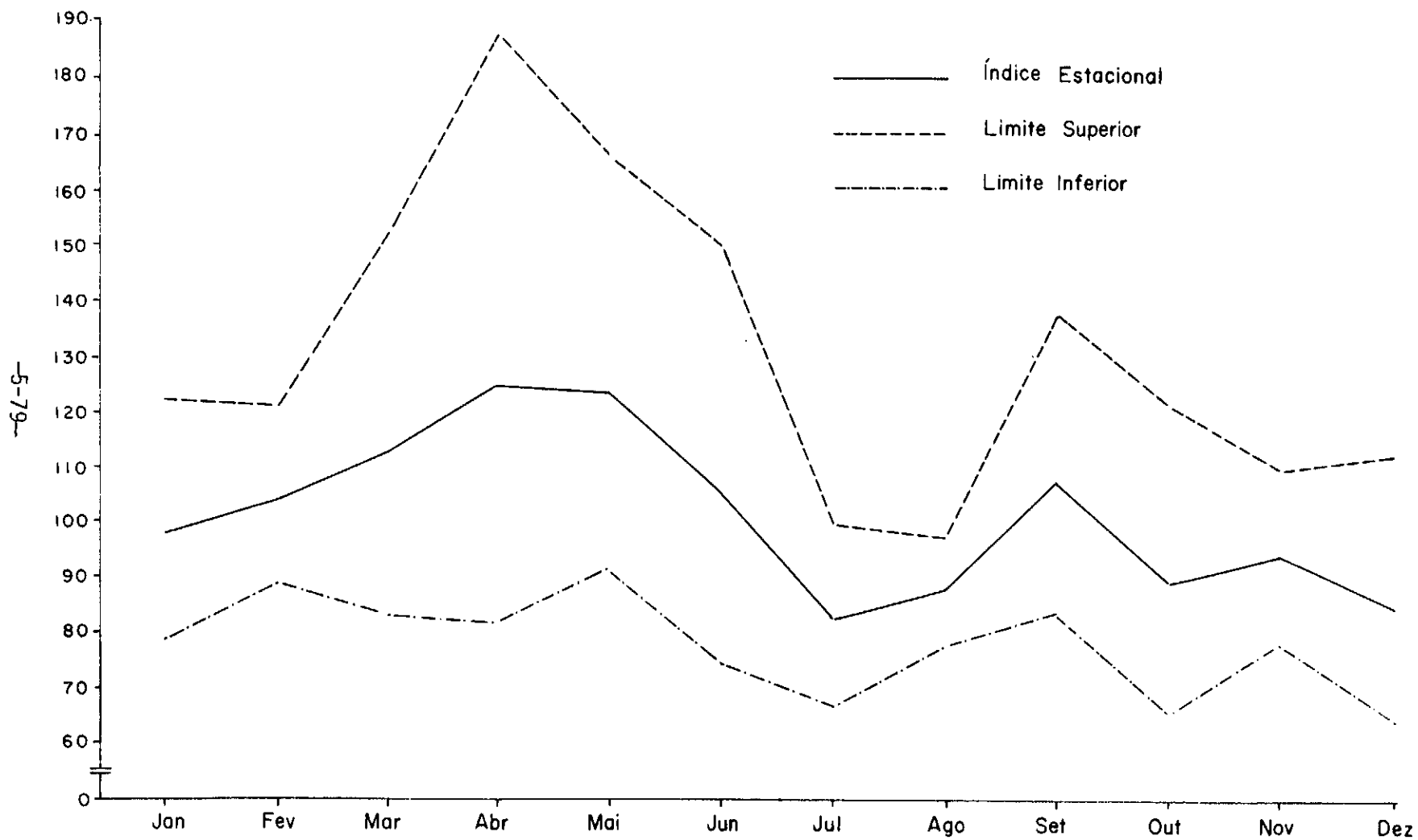


FIGURA 5.9. - Variação Estacional do Preço no Atacado de Tomate, Estado de São Paulo, 1966-72.

rizada por produtores tradicionais de larga experiência na atividade, cuja área de plantio deverá permanecer constante. Portanto, variações ocasionais na produção dependerão mais de fatores climáticos, principalmente geadas.

QUADRO 5.27. - Produção e Industrialização do Tomate no Estado de São Paulo, 1968-73
(1.000 toneladas)

Ano	Produção total do Estado	Produção da cultura envarada	Produção da cultura ras teira	Volume industrializado	Volume comercializado no CEAGESP
1968	419	275	144	170	181
1969	381	223	198	180	171
1970	440	286	154	210	224
1971	478	268	210	225	225
1972	488	322	166	190	225
1973 (1)	501	361	140	200	...

(1) Dados preliminares.

Na região de Sorocaba, incluindo os municípios de Guapiara e Apiaí, deverá haver pequeno aumento de área na próxima safra. Ali tem-se observado diminuição da produtividade pela não observância de práticas culturais mais aprimoradas. Os preços relativamente elevados nos meses de dezembro e abril (figura 5.9) poderão incentivar a concentração de plantio em certos meses (setembro e dezembro), o que eventualmente poderá provocar uma redução relativa de preços naqueles meses. Note-se, contudo que essa dispersão ou aumento do período de plantio se fará com maiores riscos por parte dos produtores.

A região de Taquaritinga, Monte Alto e Novo Horizonte se diferencia das demais pelo predomínio de culturas rasteiras, cuja produção se destina basicamente à indústria e ocasionalmente para o consumo "in natura".

Nessa região a cultura encontra-se em fase de decadência devido à baixa produtividade, causada pelo esgotamento e infestação do solo. As melhores glebas foram ocupadas pela cultura de laranja, agravando-se ainda pela elevação do custo da mão-de-obra.

A tendência atual da cultura de tomate rasteiro é a ocupação de terras irrigáveis no Vale do rio Tietê, cujo processo foi iniciado em Novo Horizonte e deverá expandir-se no sentido noroeste.

O suprimento de matéria-prima para as próximas safras estará cada vez mais na dependência dos necessários entendimentos entre produtores e industriais, haja visto que a grande produção de 1971 condicionou queda de 30% no preço real de tomate; em 1972, registrou-se desestímulo à produção e conseqüente elevação do preço real (37%). Outrossim, isso não foi suficiente para aumentar a área nesta temporada.

Ao início da atual safra as fábricas da região de Taquaritinga estavam comprando a preços que variavam de Cr\$ 0,20 a Cr\$ 0,22 por quilo contra Cr\$ 0,18 a Cr\$ 0,22 por quilo pagos em 1972. Há tendência para elevação de preços.

Para o próximo ano, há indicações de aumento da área total e a ser cultivada no Estado. Em condições normais, a produção global deverá aumentar cerca de 15%.

5.15 - Produtos Florestais

5.15.1 - Panorama internacional

A tendência de crescimento dos mercados mundiais de produtos de origem florestal e a escassez das matérias-primas tradicionais têm determinado modificações pronunciadas na tecnologia da industrialização da madeira, propiciando o emprego de novas matérias-primas em intensidades crescentes.

Em diversos países, os plantios com grandes concentrações por unidade de área, explorados à base de menor rotatividade exigida pelo mercado, têm produzido toras de reduzido diâmetro, cujo difícil processamento industrial levou a modificações técnicas para um melhor aproveitamento. Esse talvez possa ser apontado como um dos principais fatores que vem determinando as inovações tecnológicas.

Por outro lado, informações disponíveis demonstram que quase metade das zonas florestais do mundo estão cobertas com florestas tropicais que contribuem com menos de 20% do volume total de madeira industrial. Entretanto, a demanda crescente dos produtos madeireiros e a redução das provisões de espécies tradicionais em muito têm contribuído para a maior utilização dos recursos florestais tropicais. As estatísticas mostram que nos últimos vinte anos os países desenvolvidos quase quadruplicaram o consumo de madeira procedente dessas florestas.

Outro fato que pela intensidade com que vem ocorrendo no panorama mundial também merece ser destacado é o plantio de florestas artificiais. Países como a Nova Zelândia, Austrália, Tanzânia, Quênia e alguns da África Oriental acham-se em vias de desenvolver programas florestais de grandes proporções. Outros como o Chile e a República da África do Sul já utilizam cerca de 90% da matéria-prima consumida prove

niente de florestas artificiais próprias. Para o próprio Brasil, já com um milhão de hectares de florestas plantadas com incentivos fiscais e em ritmo crescente de expansão, afiguram-se perspectivas promissoras. De tudo isso se pode inferir que os países, de modo geral, estão se preparando para atender o vertiginoso crescimento da demanda mundial de produtos de madeira, da qual se espera uma duplicação até o final do século, duplicação essa que será em sua maior parte devida à expansão industrial do setor.

5.12.2 - Situação interna

- Madeiras duras

As indústrias madeireiras paulistas consumiram em 1972 cerca de 144.000m³ de madeiras duras. Essas madeiras, provenientes em sua grande maioria de Goiás, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso, cruzaram nossas fronteiras já industrializadas ou simplesmente preparadas, de acordo com a seguinte distribuição:

madeira serrada	- 96.000m ³
madeira beneficiada	- 13.000m ³
madeira laminada	- 14.000m ³
madeira compensada	- 21.000m ³

Fazendo-se um ligeiro retrospecto, o que se vem observando de alguns anos para cá é um declínio no consumo desse tipo de madeira em decorrência de diversas causas. Como se sabe, São Paulo não é um grande produtor de madeira, mas consumidor em grande escala. Destarte, a matéria-prima requerida pelas indústrias paulistas do setor, proveniente de outros estados, sofre um substancial encarecimento de fretes, fator considerado como um dos grandes responsáveis pela retração do consumo. Além disso, outros fatores poderiam ser citados: instabilidade dos preços; utilização crescente de madeiras moles em construções; substituição em

construções por metais, cerâmicas e borrachas.

Diante disso, o que se espera para os próximos anos é que tal declínio continue a se verificar.

QUADRO 5.28. - Consumo Paulista de Madeiras Duras, 1963-72

Ano	Quantidade (m ³)
1963	330.000
1964	322.000
1965	216.000
1966	227.000
1967	190.000
1968	256.000
1969	246.000
1970	201.000
1971	118.000
1972	144.000

Fonte: I Seminário Paulista de Silvicultura.

- Madeiras moles

- Pinus spp.

O consumo de madeira de pinus no Estado de São Paulo em 1972 foi da ordem de 250.000m³.

Esse consumo vem se acentuando de forma bastante significativa devido à multiplicidade da utilização dessa madeira.

Assim, além da utilização convencional para a fabricação de celulose e papel, a madeira de pinus é utilizada na fabricação de aglomerados, caixotaria, materiais de construção, carvão vegetal, em serrarias e, mais recentemente, na fabricação de sapatos e tamancos.

Exceto como carvão vegetal cuja situação é ainda indefinida de vido sua possível substituição como combustível para algumas indústrias de base, os demais usos da madeira de pinus como matéria-prima estão em plena expansão. Os planos do governo federal, através do BNH, para a redução do déficit de casas que atualmente ocorre no País de certa forma assegura um mercado de muito futuro. Também o incremento que se vem verificando nas exportações pode ser considerado de grande valia para um maior consumo de caixotaria para embalagem; da mesma forma o crescimento da indústria de celulose e papel assegura um futuro promissor. Enfim, tudo leva a crer que para os próximos anos o consumo de madeira de pinus irá se elevar.

Estatísticas disponíveis, com base na oferta e demanda efetivas desse produto, estimam que até o final de 1973 terão sido consumidos em São Paulo cerca de 300.000m³ e que, em 1974, essa cifra irá ultrapassar os 360.000m³.

- Eucalyptus spp.

O consumo de madeira de Eucalyptus no Estado de São Paulo em 1972 foi aproximadamente de 3.200.000 esteres.

Essa madeira atende atualmente a 90% da matéria-prima para a fabricação de celulose, chapas e aglomerados, constituindo essas indústrias seu grande mercado consumidor. Convém ressaltar que 80% do consumo total cabem à indústria de celulose.

Tais fontes consumidoras, por sua vez, estão em franca expansão, o que irá possibilitar até o final de 1973 um consumo perto de

5.000.000 de esteres.

Estatísticas disponíveis, com base em oferta e demanda conhecidas, demonstram que o aumento no consumo de Eucalyptus até o final da década ocorrerá, mas não em níveis significativos. Cabe, porém, salientar que tais previsões, feitas com base no que existe atualmente em matéria de consumo, excluem a possibilidade de surgirem certas modificações como a utilização de Eucalyptus como madeira serrada (que já começa a se verificar), e a criação e ampliação das indústrias de celulose para fazer face ao aumento substancial que ocorrerá na oferta proveniente dos desbastes das florestas plantadas com incentivos fiscais.

Em síntese, afiguram-se bastante promissoras as perspectivas para as madeiras moles.

5.16 - Aves

5.16.1 - Panorama internacional

A produção mundial de carne de aves foi novamente recorde em 1973, atingindo nos 17 principais países produtores, 9,7 milhões de toneladas, entretanto, o acréscimo relativamente ao ano anterior (5%) foi menor que aqueles verificados em anos precedentes, pois além das constantes reduções nos preços recebidos pelos produtores, defrontou-se a atividade com tremendas dificuldades quanto à oferta e preços de matérias-primas.

Embora os Estados Unidos, destacadamente o maior produtor (com 5,0 milhões de toneladas em 1972), aumentassem seus abates em 7%, a comunidade europeia refreou seu ritmo de crescimento para 4% contra os 6% obtidos em 1971 e 8% em 1970. O incremento de 4% foi possível graças à

evolução verificada na França, Itália, Dinamarca e Reino Unido, já que na Holanda, maior exportadora de carne de aves, a produção de 1972 deve ser ligeiramente inferior àquela de 1971 (324 mil t) enquanto na Alemanha, maior mercado comprador, a produção de 277 mil em 1972 foi somente 2% superior àquela do ano anterior.

Todavia, o maior crescimento na produção de carne de aves deve ter sido alcançado pelo Japão com acréscimo de 16%, passando de uma produção de 536 mil toneladas em 1971 para 620 mil toneladas em 1972. Na América Latina, a relativa escassez mundial da carne bovina deve ter ocasionado aumento na produção de aves.

O consumo de carne de aves continua crescendo na maioria dos países e a tendência é de que persista por muitos anos, já que os preços relativamente altos de outras carnes tendem a tornar a de aves mais atrativa. Outrossim, o consumo "per capita" de carne de aves na maioria dos países desenvolvidos é, com poucas exceções, substancialmente inferior ao nível norte-americano, de 23 kg, enquanto em Israel onde se registra o maior índice de consumo "per capita" a estimativa é de 42 kg. Em contraste, na Holanda e Dinamarca, onde a produção é orientada principalmente para a exportação, o consumo "per capita" é respectivamente de 6,3kg e 5,0kg e na Alemanha, maior mercado importador, esse índice atinge tão somente 8,6kg.

Em 1972, a grande preocupação da avicultura foi a escassez de matéria-prima para rações. A falta de farinha de peixe causou a corrida para seu principal substituto, o farelo de soja. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos, principal fornecedor, sofriam uma queda no volume esperado da soja em decorrência de nevascas antecipadas, ocasionando a elevação dos preços de rações no mercado mundial.

Basicamente, no entanto, a situação no mercado internacional não se alterou: a política de subsídios continuou sendo aplicada prin-

principalmente dentro da CEE, responsável por mais da metade do comércio mundial. Desse modo, o comércio continuou restrito com características determinadas mais pelas situações particulares de alguns países.

A significativa alta nas cotações internacionais deveu-se principalmente ao crescimento da demanda na Alemanha Ocidental, responsável por mais de 50% das importações. Este País, em 1972, importou acima de 270 mil toneladas, com crescimento de cerca de 10% relativamente ao ano anterior.

A Holanda continuou sendo a principal supridora do mercado internacional, com uma exportação de cerca de 249 mil toneladas, ou seja, acréscimo de 7% relativamente a 1971. Quase 90% dessas vendas foram destinadas ao mercado alemão e o restante destinado a outros países também sob política de preços subsidiados.

Em 1973, o mercado internacional para a carne de aves deverá continuar em crescimento. Nova ampliação do mercado alemão deverá manter em níveis altos as vendas dos principais países exportadores da comunidade, bem como os preços de exportação. Baseados em uma produção altamente eficiente, no contínuo desenvolvimento de novos produtos, altos preços da carne bovina e até na desvalorização do dólar, esperam os americanos níveis de exportação e preços sensivelmente superiores aos obtidos em 1972.

5.16.2 - Situação interna

Também no mercado interno a produção brasileira atingiu nível sem precedentes alcançando 350 mil toneladas em 1972. São Paulo, o maior produtor, contribuiu com cerca de 175 mil toneladas, um acréscimo de 3% relativamente ao ano anterior. A alta nos preços das rações durante o ano impediu porém um aumento bem maior.

Durante o primeiro semestre de 1972 a produção foi praticamen-

te uniforme, atendendo plenamente às necessidades do mercado. A partir de junho, no entanto, o tabelamento da carne bovina (e a consequente diminuição na oferta desse produto) ocasionou o fortalecimento na demanda da carne de aves. Estando sua produção programada de modo a suprir as necessidades normais de mercado, aquele fato ocasionou a elevação brusca nos preços recebidos pelos avicultores, estimulando incremento de produção em épocas posteriores, o que veio, numa segunda etapa, ocasionar algum desequilíbrio na atividade durante o segundo semestre.

Sem dúvida, o maior problema encontrado pelos avicultores no transcorrer de 1972 foi a alta nos preços das rações. A escassez da farinha de peixe e de outros componentes de rações fez com que as cotações internacionais desses insumos se elevassem e atraíssem os exportadores brasileiros. Em decorrência, houve um acréscimo de 31% nos preços de rações, no mercado interno naquele ano.

Dessa maneira, mesmo tendo os avicultores recebido Cr\$ 2,58/kg vivo, correspondendo a uma elevação de 16% em relação a 1971, torna-se clara a situação deficiente que caracterizou a atividade, uma vez que a alimentação constitui o grande item do custo total.

Isso posto, e a fim de garantir o suprimento de rações e consequente estabilização da avicultura, várias medidas governamentais foram tomadas em janeiro de 1973. Entre elas cite-se: imposição de cotas para exportação de soja, milho e farelos; isenção total de ICM e livre circulação das matérias-primas em todo o território nacional; inclusão das rações balanceadas no grupo de insumo modernos para fins de financiamento.

5.16.3 - Perspectivas

Para 1973 a produção brasileira é estimada em 400 mil toneladas das quais cerca de 200 mil toneladas deverão ser produzidas por São

Paulo. Tal produção foi estimada principalmente com base nos aumentos de pintos de corte e na maior produtividade verificada com o uso contínuo da vacina contra o mal de Marek.

Muito embora tenha havido desistência de pequenos produtores ligados à avicultura de corte, os plantéis estão aumentando devido à concentração influenciada por economias de escala.

Com as recentes medidas visando assegurar o suprimento de matérias-primas para rações no mercado interno, a produção de aves deverá atender ao consumo interno sem maiores crises no abastecimento. Contudo, a recente evolução dos preços de milho e concentrados protéicos poderá eventualmente provocar distorções imprevisíveis a esta altura.

Levando em conta a situação atual dos mercados das carnes em geral, bem como a crescente demanda da carne de frango, é de prever-se preços relativamente altos na próxima temporada.

5.17 - Ovos

5.17.1 - Panorama internacional

Em 1971, os baixos preços de ovos nos principais países produtores fizeram com que a produção de 1972 sofresse ligeiro decréscimo. Nos Estados Unidos, destacadamente o maior produtor de ovos, registrou-se redução de 3% nos plantéis de poedeiras muito embora o crescente uso da vacina contra o mal de Marek e o melhor controle da Newcastle fizessem com que a produtividade crescesse de 2%, possibilitando uma produção de 5,9 bilhões de dúzias, apenas 1% inferior à obtida em 1971.

Naquele País, em 1972, os preços estiveram relativamente baixos, recuperando-se ligeiramente somente ao final do ano, quando premi -

dos pelo desproporcional aumento no custo de produção, resultante da alta nos preços de rações, os avicultores foram reduzindo seus plantéis.

O comércio internacional continua sendo predominantemente efetivado dentro da CEE. Desse modo, a drástica redução nas importações da Alemanha Ocidental fez com que as vendas da Bélgica, o maior país exportador, decrescessem de 50% relativamente ao ano anterior.

Embora os índices menores, também caíram as exportações da Bulgária, Dinamarca, Finlândia, França e Estados Unidos; somente Holanda e Polônia apresentaram algum incremento de vendas.

Por outro lado, foi significativo o incremento verificado nas vendas de ovos sólidos (em pó). As exportações americanas desse produto, em 1972, totalizaram 1,9 mil toneladas, num valor de US\$ 3,6 milhões, comparativamente a 394 toneladas e US\$ 933 mil, em 1971. Um dos grandes fatores desse desenvolvimento foi a ampliação do mercado japonês, absorvendo mais de 50% das vendas americanas.

A sensível redução dos plantéis de poedeiras em 1972, além da incerteza quanto ao fornecimento e preços das principais matérias-primas para alimentação, deverá ocasionar em 1973 diminuição considerável na produção mundial de ovos.

Por outro lado, a esperada ampliação de alguns dos principais mercados importadores, principalmente Alemanha e Reino Unido, deverá estimular o aumento de transações e de preço no mercado internacional.

5.17.2 - Situação interna

A produção brasileira de ovos de 1972, 500 milhões de dúzias, foi praticamente idêntica à do ano anterior, enquanto o Estado de São Paulo, responsável por cerca de 70% da produção nacional contribuiu com 340 milhões de dúzias, quantidade ligeiramente inferior àquela do ano prece-

dente.

A exemplo do que ocorreu no mercado internacional os baixos preços internos vigorantes e a elevação nos preços dos principais componentes de rações tornaram dramática a situação no setor. A falta de uma infra-estrutura de armazenamento foi novamente evidenciada em 1972, ficando os avicultores a mercê das variações bruscas de mercado e sendo obrigados muitas vezes a vender em condições deficitárias. Em consequência deve ter sido elevado o número de avicultores que abandonaram a atividade.

Em 1972 os preços recebidos pelos produtores foi de Cr\$ 1,62/duzia, 16% superior à média do ano anterior, índice esse muito inferior àquele verificado nos preços de rações durante o mesmo período. No primeiro semestre de 1973, os preços de ovos apresentaram alta já que, além da diminuição do número de criadores, o período é de entressafra.

A variação estacional de preços pode ser apreciada na figura 5.10.

5.17.3 - Perspectivas

A redução no número de matrizes de ovos brancos em 1972 (cerca de 20%) e o abandono da atividade pelas condições deficitárias poderão ser compensados em parte pelo grande aumento na produtividade das poedeiras em decorrência do uso da vacinação contra o mal de Marek. Desse modo, se as disponibilidades de matérias-primas para alimentação forem favoráveis, a produção de ovos durante 1973 poderá ficar em nível semelhante ao do ano anterior, fato esse que pode ser considerado auspicioso em vista dos problemas que vem enfrentando essa atividade nos últimos anos.

Para o próximo ano, as projeções de oferta indicam um possível aumento de até 7% na produção paulista, sendo essas projeções influenciadas pelos atuais níveis de preço ao produtor.

Como no caso das aves, esse preço deverá situar-se em níveis relativamente altos.

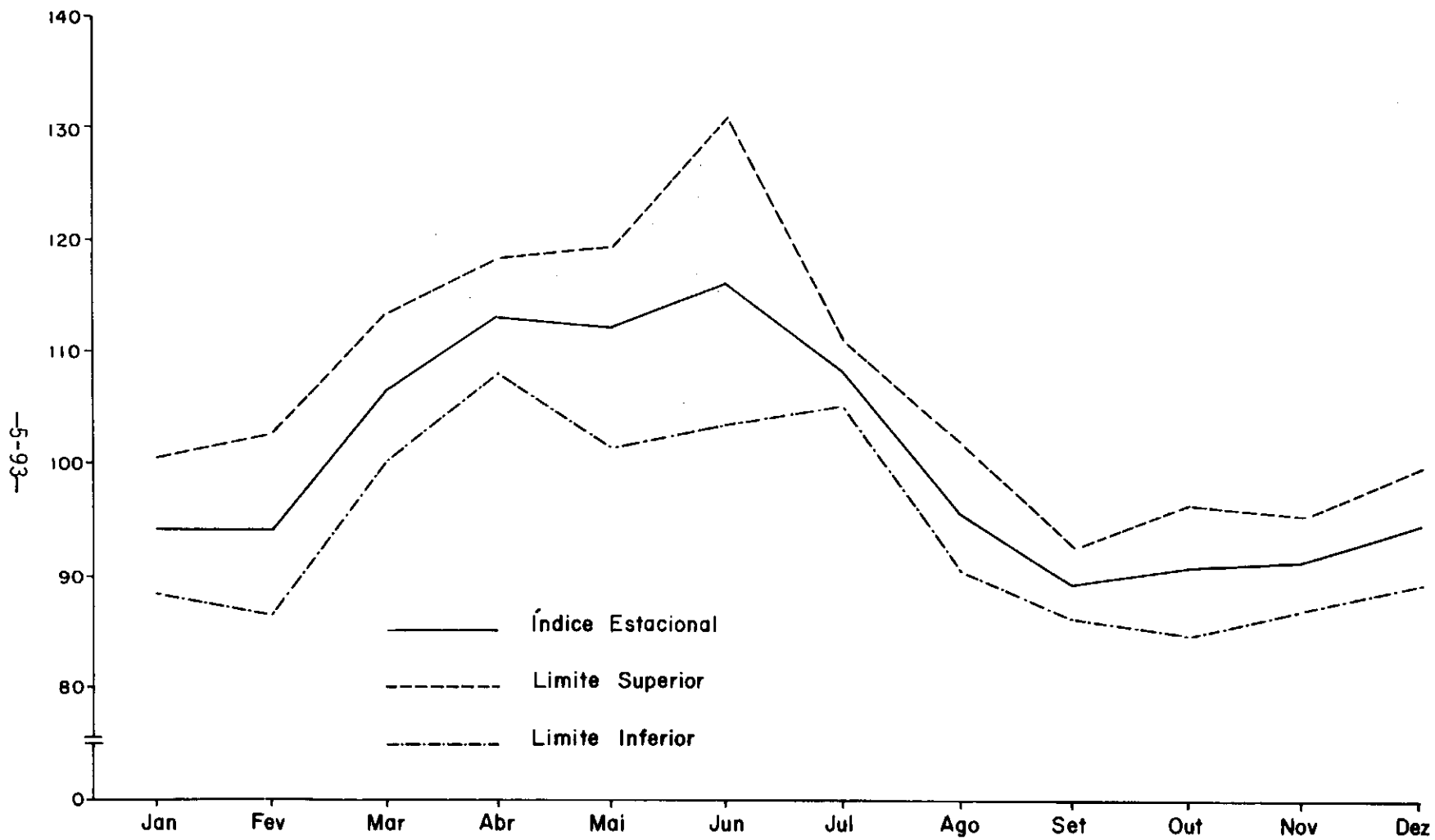


FIGURA 5.10. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Ovos, Estado de São Paulo, 1966-72.

5.18 - Pecuária Leiteira

5.18.1 - Panorama internacional

Na década de 60, o ritmo de crescimento da produção mundial de leite foi menor que 1,5% a.a., o suficiente, todavia, para que os estoques mundiais de derivados lácteos subissem a tal volume, que levou os países produtores a estudar medidas para sua redução, primeiramente em 1968 e com intensificação nos anos de 1969 e 1970. Assim, Finlândia, Suíça e países da CEE chegaram a conceder até 200 dólares por animal sacrificado; alguns países, Áustria, Canadá e Irlanda, reduziram deliberadamente os preços pagos aos produtores; e a adoção de medidas para aumentar o preço dos insumos utilizados na atividade leiteira também contribuiu para reduzir a produção em certos países da Europa. Como resultado, a produção de 1971 foi inferior a de 1970.

Para diminuir os estoques de laticínios, foi estimulada ainda mais a exportação e intensificados os programas de ajuda alimentar, merecendo destaque especial o esforço realizado para aumentar o consumo interno.

Como consequência dessas medidas, os estoques mundiais de derivados reduziram-se sensivelmente. O volume de manteiga armazenada, que estava em torno de 590 mil toneladas em janeiro de 1969, diminuiu para 308 mil toneladas no mesmo mês de 1972 (-48%); o leite em pó desnatado, no mesmo período, passou de 554 mil toneladas para 170 mil toneladas (-69%).

A diminuição nos estoques mundiais de derivados refletiu-se logo nos preços internacionais desses produtos. A cotação em Londres da manteiga da Nova Zelândia a granel aumentou em 70% (atingiu 1.400 dólares/t) durante certos meses de 1971 e princípio de 1972; o leite em pó desnatado chegou quase a duplicar seu preço (700 dólares/t). Assim, dian

te de uma nova situação de relativa escassez, a CEE não sô suprimiu os subsídios as exportações, mas chegou a introduzir temporariamente gravames sobre as vendas externas (os quais já não existem no momento).

Embora ainda não se disponha de dados oficiais, é bem provável que a produção mundial de leite se tenha recuperado em 1972. Estima-se que na Europa Ocidental a mesma, tenha sido 4,5% superior a de 1971; na URSS a Oceania é provável que não se tenha alterado, mas na América do Norte o aumento teria sido de 3%. Maior volume também foi conseguido na América Latina.

Essa tendência de crescimento deverá repetir-se em 1973 (prevê se aumento acentuado na Oceania) e por alguns anos é bem provável que ainda continue existindo excedentes exportáveis, se bem que os estoques de derivados não deverão alcançar os níveis do final dos anos 60, atingindo limites perfeitamente manejáveis. É oportuno mencionar que os mecanismos para absorver os volumes excedentes foram bem aprimorados nos últimos anos. Nos Estados Unidos, recentes notícias dão conta de escassez do produto nos próximos anos.

5.18.2 - Situação interna

Pesquisa realizada pelo IEA mostrou que em 1972 o total de imóveis produtores de leite no Estado somava 95 mil; o rebanho bovino (misto) nessas propriedades foi estimado em 7,6 milhões de cabeças, com 1,2 milhão de vacas em ordenha e uma produtividade média diária em torno de 3,5 litros por vaca.

A produção no Estado cresceu a uma taxa anual de 3% no período de 1960-72 (era de 10% no período de 1948-59). E praticamente manteve-se constante no triênio 1970-72 (ao redor de 1,7 bilhão de litros).

Em termos reais, o preço médio recebido pelo produtor no período de 1948-72 experimentou grandes oscilações. Todavia, a análise esta-

tística dos onze últimos anos evidencia tendência de decréscimo. No ano de 1972, por exemplo, o preço médio recebido pelo produtor (valor líquido) foi 7% menor que aquele recebido em 1966.

A despeito do grande volume proveniente de outros estados, têm sido frequentes as crises no abastecimento da Capital, tendo chegado a mais de 500 mil litros/dia o "deficit" na Grande São Paulo, em relação ao consumo normal, fato explicado pelo desequilíbrio entre oferta e demanda. Realmente, enquanto a demanda potencial cresce pelo menos de 7% ao ano (sō o crescimento da população ē superior a 5%), o volume de leite destinado ao consumo nō vem alcançando a taxa de 5% ao ano a partir de 1969. No corrente ano, atē o momento a situação parece se apresentar ainda mais grave. No período de janeiro a maio a retração no suprimento foi da ordem de 17,5% em relação ao igual período de 1972 (quadro 5.29).

Quanto ā qualidade ou tipo do produto, embora a maior parte do consumo seja de leite C, observa-se que tem crescido muito a distribuição do leite B, representando no momento cerca de 20% do total consumido.

Durante a vigência da Portaria da SUNAB nº 18 de 10/4/1973 foi comercializado um novo tipo de leite - intermediário do B e C - que difere basicamente do tipo C comum, quanto ao maior teor de gordura (3,5%). Na ocasião acreditava-se na normalização do abastecimento do leite, uma vez que a produção seria estimulada com o novo sistema de preços ao produtor. Teoricamente, nesse sistema de preços, o produtor receberia o preço médio de Cr\$ 0,65 por litro.

Essa Portaria trouxe sērias distorções na comercialização do produto. As usinas eram obrigadas a colocar no mercado consumidor pelo menos 50% do leite C comum a Cr\$ 0,90/l; no entanto, o que se verificou foi o desaparecimento quase total desse tipo, predominando o leite C especial entregue a Cr\$ 1,30 ao consumidor. Aparentemente com a criação do leite C especial houve certa melhoria na oferta global, uma vez que havia

por parte das usinas maior interesse em adquirir o produto devido à maior margem de comercialização que, em média, era assegurada pela existência do leite C especial. Por sua vez, o consumidor estava pagando em média preço mais elevado.

Tendo em vista que essa anormalidade na comercialização não atendia à política econômica do Governo Federal, foi baixada nova Portaria pela SUNAB - Super 23, de 17 de maio de 1973 -, que basicamente difere da anterior nos seguintes pontos:

- a) extinção do leite C "especial";
- b) redução do preço ao consumidor, da média de Cr\$ 1,10 para Cr\$ 0,90/l, ou seja, menos 18%; e
- c) diferenciação nítida de preços ao produtor de acordo com a destinação: manteve-se o preço para leite-indústria (Cr\$ 0,572/l) e fixou-se o preço único de Cr\$ 0,65/l para o produtor que destinasse o leite para o consumo "in natura". Esse nível de preço era justamente o que o pecuarista deveria receber se fosse cumprida integralmente a portaria então revogada. Vale lembrar que os valores acima são para o leite-cota.

Embora o preço de Cr\$ 0,65/l possa ser razoável para o produtor, a compressão da margem de intermediação poderá trazer dificuldades para a distribuição do produto.

Pela recente deliberação do Governo Estadual em elevar o crédito de ICM de 70% para 90% sobre o preço fixado ao produtor pela SUNAB, e isentar por completo esse mesmo imposto nas fases de intermediação, considerando que as usinas se beneficiaram com a isenção do IPI (12%) sobre embalagens plásticas, essa margem se aproxima no momento de Cr\$ 0,245/l, menor que as vigentes nas portarias anteriores.

Essas medidas de política econômica visam manter o poder aquisi

tivo do consumidor e, paralelamente, fixar o nível de preços ao produtor de modo a ajustar oferta e procura.

Com a recente Resolução do Conselho de Política Aduaneira, o leite em pó a ser importado pelas firmas terá custos menores e que não deverão exceder o valor médio de Cr\$ 4,93/kg de leite em pó posto São Paulo, ou seja, Cr\$ 0,55/l de leite reidratado, sem o ICM. Incluindo esse imposto o valor por litro seria Cr\$ 0,63. É importante destacar que esses valores são estimados para uma cotação internacional de US\$ 700/t de leite em pó (um pouco acima do preço atual). Confirmadas essas estimativas, importações de leite em pó poderão ser realizadas para atenuar a crise atual no abastecimento.

Aparentemente a pecuária leiteira deve ser encaminhada para a especialização das unidades de produção com altos níveis de tecnologia (e baixos custos unitários). Nas grandes bacias leiteiras do Estado, há evidência de que essas empresas estão realizando retornos positivos e em níveis ao redor de 12% para o capital de exploração (exceto terra).

5.18.3 - Perspectivas

A rentabilidade do setor é relativamente baixa, não estimulando o produtor a novos investimentos. Mesmo com uma relação de preços mais favorável (com Cr\$ 0,65/l) os ganhos de produção e produtividade não serão imediatos. Além disso, deve se ponderar o aspecto dinâmico e competitivo da agricultura paulista em que outras explorações estão oferecendo maiores vantagens comparativas que o leite. Cite-se, como exemplo, a pecuária de corte, que desde 1970 vem atraindo os empresários rurais do Estado.

O Programa Especial de Estímulo à Pecuária Leiteira, recentemente aprovado pelo Conselho Monetário Nacional com juros de 7% ao ano (sem correção monetária) para financiar projetos de investimentos, deverá causar impacto positivo no setor. Todavia, para o caso específico de São

Paulo, avaliação preliminar indica que recursos adicionais deverão ser mobilizados sem o que,serã muito pequeno o aumento da oferta do produto.

A curto prazo, poderão advir outras crises de abastecimento. Importações controladas de leite em pó poderão atenuar essas crises. Atenção especial deve ser atribuída ao problema da margem de comercialização, uma vez que em função da margem as usinas terão maior ou menor empenho em coletar o produto a distancias maiores e distribuí-lo nos bairros periféricos. Eventualmente, esse problema poderá ser transferido para os produtores cooperados.

QUADRO 5.29. - Distribuição de Leite na Grande São Paulo, 1969-73.
(1.000 l)

Mes	1969	1970	1971	1972	1973
Jan.	34.253	38.158	39.406	45.129	43.790
Fev.	31.462	34.881	34.825	43.609	36.170
Mar.	37.043	40.878	40.796	48.012	36.310
Abr.	35.824	40.139	41.445	44.342	34.596
Mai.	37.590	40.867	42.755	45.538	36.196
Jun.	35.324	38.455	37.263	40.589	34.817
Jul.	36.894	39.638	41.751	40.176	...
Ago.	38.293	40.268	45.167	42.211	...
Set.	37.670	40.180	43.601	43.011	...
Out.	39.988	41.732	46.006	43.149	...
Nov.	38.388	40.876	44.532	45.308	...
Dez.	39.597	39.638	46.358	45.560	...
Total	442,326	475.710	503.905	526.634	...

Fonte: SUNAB.

5.19 - Pecuária de Corte

5.19.1 - Panorama internacional

O mercado mundial de carne bovina, segundo a FAO, deverá caracterizar-se por uma demanda maior que a oferta durante a década de 70. Em 1972, tanto a produção quanto o comércio mundial foram maiores que no ano de 1971. O comércio foi mais intenso principalmente pela recuperação das exportações argentinas.

No corrente ano, a produção deverá continuar crescendo, mas na da se pode prever quanto ao volume das exportações uma vez que alguns países produtores estão restringindo as vendas externas para atendimento de seus próprios mercados. Por outro lado, os países importadores vêm assediando fortemente as nações produtoras para obter prioridade na aquisição do produto.

Os Estados Unidos esperam comprar no corrente ano cerca de 8% a mais de carne bovina que no ano anterior. Na Europa Ocidental a escassez do produto seria ainda mais acentuada e o Japão (novo mercado) planeja dobrar suas importações de carne bovina para 150.000 toneladas no ano fiscal de 1973. Por sua vez, a Nova Zelândia tem recusado novos pedidos de compra, já que sua capacidade de oferta mal dará para atender os compromissos já assumidos.

Em decorrência dessa situação, acrescida da crise monetária internacional, os preços da carne bovina vêm se elevando no mercado mundial (quadro 5.30).

Em síntese, observa-se grande avidez por maiores compras nos tradicionais países importadores. O "deficit" na produção norte-americana e o alargamento de novos mercados (Japão, por exemplo) configuram situação que deverá permanecer por período relativamente longo.

QUADRO 5.30. - Exportação Brasileira e Paulista de Carne Bovina, 1962-72

Ano	Brasil ⁽¹⁾ (t)	São Paulo ⁽²⁾ (t)	US\$/t ⁽³⁾
1962	23.654	4.804	421,35
1963	18.857	5.235	402,80
1964	26.626	2.581	608,60
1965	53.354	12.680	679,72
1966	53.006	4.263	621,96
1967	19.378	5.127	580,72
1968	58.874	17.347	514,09
1969	93.942	26.344	536,95
1970	114.862	65.398	707,47
1971	123.119	55.189	1.112,29
1972	191.771	117.000	1.087,25

Fontes: ⁽¹⁾ CACEX.

⁽²⁾ Revista Mensal de Exportação pelo Porto de Santos.

⁽³⁾ CACEX, refere-se somente à carne congelada e resfriada.

5.19.2 - Situação interna

Conquanto a política oficial voltada para o abastecimento interno tenha aplicado restrições na comercialização da carne bovina, a pecuária de corte de São Paulo e do Brasil Central vem se desenvolvendo de maneira satisfatória. Em 1972, a produção de carcaça em S.Paulo foi 19% superior a produção de 1971 (quadro 5.31) e estimativas preliminares indicam para o corrente ano produção também superior a de 1972.

QUADRO 5.31. - Evolução de Produção de Carne Bovina no Estado de São Paulo, 1965-72

Ano	Peso total da carcaça (t)	Valor da produção (Cr\$ 1000)	
		Corrente	de 1971 (1)
1965	491.878	277.572	1.063.451
1966	417.691	452.067	1.254.735
1967	451.200	505.344	1.093.595
1968	450.000	557.400	971.069
1969	484.000	680.504	984.377
1970	415.000	847.708	1.020.938
1971	440.000	1.261.348	1.261.348
1972	524.000	1.851.449	1.537.296

(1) Corrigido de acordo com o Índice "2" da FGV.

Nas regiões de Presidente Prudente e Araçatuba, observa-se interesse crescente dos pecuaristas na reforma das pastagens de acordo com as técnicas mais indicadas visando, com isso, a elevação da produtividade de área. Esse fato merece registro por serem essas duas regiões os principais centros de engorda do Estado. Mencione-se, também, a euforia observada entre os produtores de Barretos, região que se vem firmando cada vez mais na produção de bons reprodutores.

O "Plano de Carne" anunciado pelo Governo Federal para 1973 foi

totalmente reformulado para atender à política econômica do País. Assim, as exportações brasileiras que no ano de 1972 foram em torno de 190.000 toneladas (quadro 5.30) deverá sofrer sensível diminuição das quotas autorizadas no corrente ano (estimada em 30 a 40%). Todavia, no período de janeiro a maio de 1973 a redução nas exportações pelo porto de Santos, em relação ao mesmo período do ano anterior, foi de apenas 20%. A contínua elevação nos preços internacionais, de certo modo, compensou a medida governamental de limitar a exportação através do estabelecimento de uma sobretaxa de 200 dólares por tonelada exportada. Para atestar a alta no mercado mundial da carne bovina cite-se o exemplo do corte "traseiro de 3 costelas congelado", que no período de janeiro a maio do corrente ano elevou-se de 1.050 para 1.350 dólares, ou seja, uma alta de 28,5% .

O comportamento dos preços no Estado de São Paulo pode ser visualizado no quadro 5.32 e figura 5.11. Como se observa, em valor real, houve elevação de 26% no preço médio do boi gordo em 1972, relativamente ao ano de 1970. Todavia, acredita-se que esse diferencial de preço em favor do pecuarista deve ser um pouco superior ao mencionado, levando-se em consideração que os valores correntes tomados para efeito de análise parecem estar subestimados.

Outra constatação relevante é o aumento de 51%, também em valor real, nos preços do boi magro no período 1970-72. Essa maior variação na cotação do animal magro em relação ao boi gordo demonstra que, em geral, quando há variação no preço do boi gordo, os preços do boi magro e bezerro variam mais que proporcionalmente (no mesmo período a elevação de preço do bezerro em valor real foi de 76%).

No corrente ano, embora exista acordo entre abatedouros e autoridades no sentido de não serem pagos preços superiores a Cr\$ 63,00/aroba, os mesmos chegaram a atingir cotações superiores a Cr\$ 70,00; no final de junho essas cotações oscilaram em torno de Cr\$ 68,00. Quanto ao boi magro, os invernistas do Estado estão encontrando dificuldades em adquiri-lo em outros estados, razão porque muitos pecuaristas estão se dedi

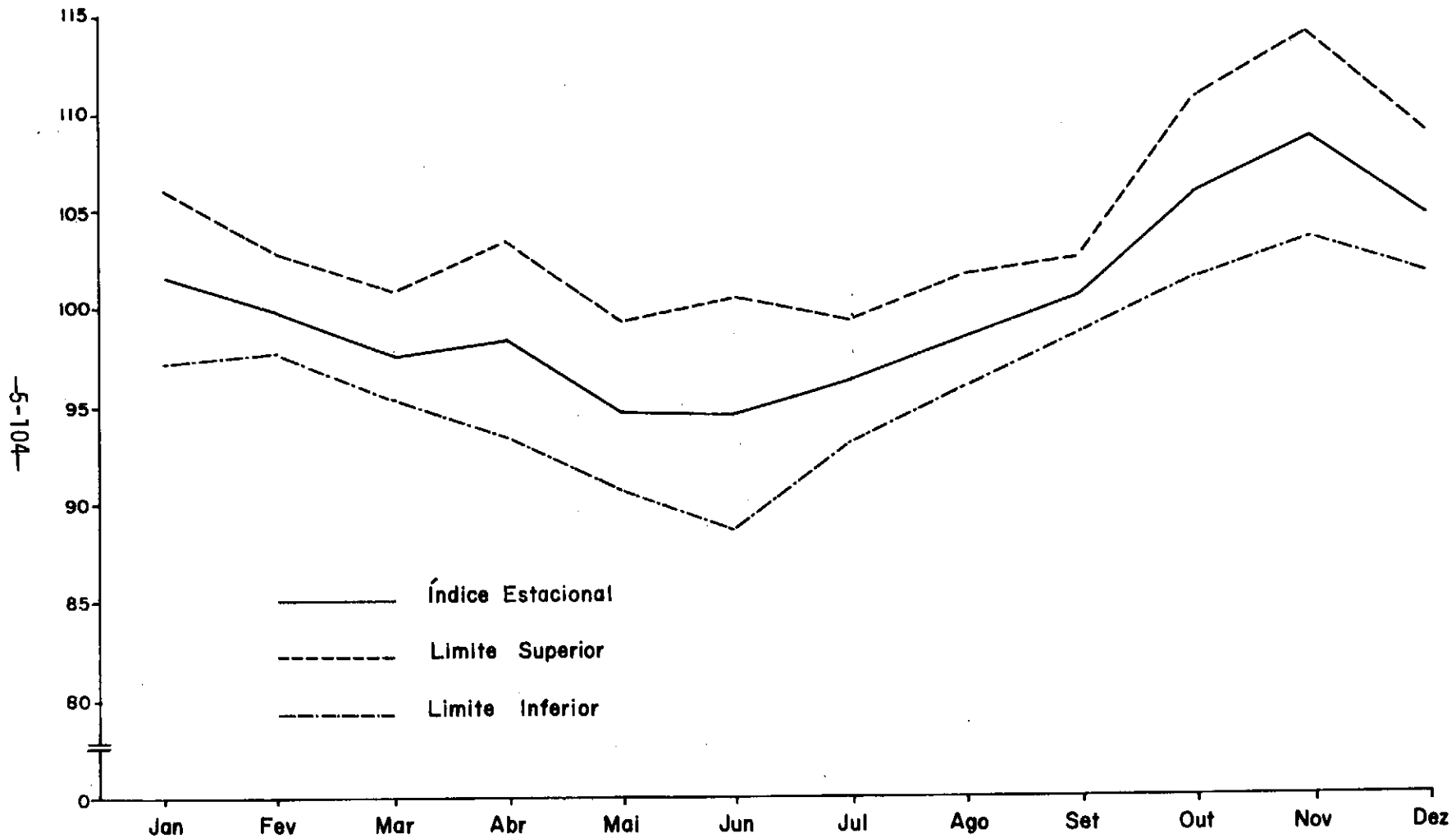


FIGURA 5.11. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Boi Gordo, Estado de São Paulo, 1966-72.

cando também à criação. Aliás, os animais criados no próprio Estado são abatidos mais precocemente, fato esse que deve ser ressaltado, pois, além de produzirem carcaças de melhor qualidade, elevam também o desfrute do rebanho.

QUADRO 5.32. - Evolução dos Preços Médios Recebidos pelos Pecuaristas do Estado de São Paulo, 1962 a junho de 1973

Ano	Boi magro (Cr\$/cabeça)		Boi gordo (Cr\$/arrôba)	
	Valor corrente	Cr\$ de 1971 ⁽¹⁾	Valor corrente	Cr\$ de 1971 ⁽¹⁾
1962	26,13	524,49	2,00	40,14
1963	38,38	439,30	3,19	36,51
1964	59,74	358,95	5,34	32,08
1965	98,49	377,34	8,51	32,60
1966	208,05	577,45	16,26	45,13
1967	201,72	436,53	17,01	36,01
1968	215,12	374,76	18,82	32,78
1969	197,89	286,25	20,93	30,27
1970	283,12	340,97	30,09	36,23
1971	477,64	477,64	42,13	42,13
1972	601,22	514,00	53,18	45,47
Junho,73	740,66	553,00	64,65	48,27

(¹) Corrigido de acordo com "Índice 2" da FGV.

A deliberação das autoridades de proibir os abates nos estabelecimentos que não atendiam os requisitos de higiene requeridos pela inspeção federal beneficia o consumidor com um produto de melhor qualidade, permitindo, também, que os abatedouros que já funcionavam sob o regime de inspeção mais rigorosa, passem a operar com menor capacidade

ociosa. A propósito, vale ressaltar que talvez em decorrência da medida, os abates dos estabelecimentos sob inspeção federal aumentaram em 23,5% no período de janeiro a março deste ano, relativamente ao mesmo período do ano anterior.

5.19.3 - Perspectivas

A despeito da provável existência de mais animais em condições de abate no corrente ano não se pode assegurar que o abastecimento se fará normalmente na entressafra. Há que se considerar o crescente aumento na demanda do produto, decorrente do aumento populacional e da renda, bem como do acelerado ritmo de urbanização. Igualmente, é possível que a elevação dos preços de outros gêneros alimentícios estimule maior procura de carne bovina, cujo preços têm sido mantidos em níveis inferiores ao de equilíbrio entre oferta e procura.

As contraditórias informações disponíveis dão conta da formação de estoques reguladores superiores àqueles do ano anterior (35 a 40 mil toneladas), que poderão contribuir para atenuar a escassez do produto que normalmente ocorre no período da entressafra.

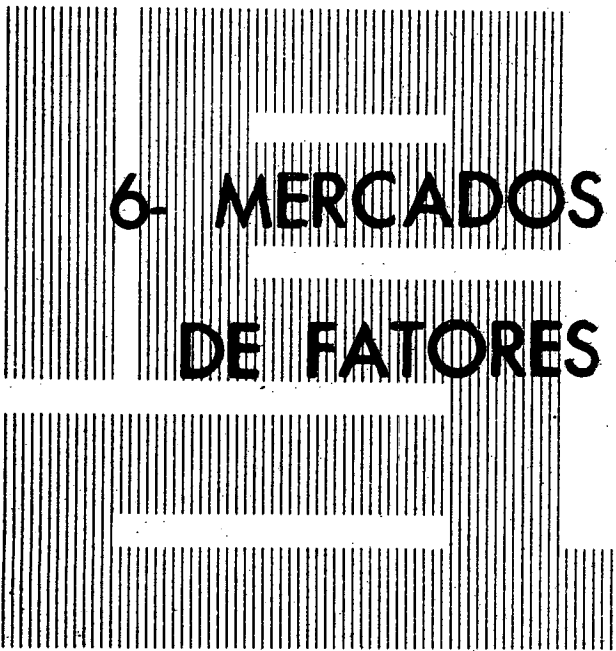
Com relação ainda a estocagem, cujo prazo deverá encerrar-se a 31 de julho, convém mencionar que os frigoríficos que não foram punidos pelo poder público realizam no momento um grande esforço para cobrir a lacuna deixada pelos castigados.

Por outro lado, convém mencionar que dependendo da cotação que vigorar na entressafra e da expectativa de preço para a próxima safra é possível que alguns invernistas deixem de abater a sua boiada no presente ano embora com os riscos de custos adicionais decorrentes dessa "estocagem em pé".

Em termos de rentabilidade, a pecuária de corte continuará em

franca expansão, atraindo os criadores atuais e novos empresários a investimentos crescentes que de há muito já ultrapassaram as fronteiras do Estado. Pode-se também afirmar que o momento parece dos mais oportunos para a adoção de uma tecnologia moderna (com uso intensivo de capital) especialmente no território paulista onde o fator terra é mais escasso.

As recentes aberturas nas regiões Norte e Centro-Oeste deverão intensificar a disputa por matrizes e, nesse particular, S.Paulo poderá especializar-se ainda mais nessa linha de exploração.



**6- MERCADOS
DE FATORES**

6 - MERCADOS DE FATORES

6.1 - Fertilizantes

6.1.1 - Panorama internacional

A produção mundial de fertilizantes no período de 1965-70 experimentou um crescimento médio da ordem 6% a.a. para os fosfatados, com uma produção de P_2O_5 de 14,7 milhões de toneladas em 1965 e 19,2 milhões de toneladas em 1970. Os nitrogenados, no mesmo período, apresentaram crescimento médio em torno de 15% a.a. passando de 17,3 milhões de toneladas de N em 1965 para 30,2 milhões de toneladas em 1970. Dados preliminares para 1972 indicam produção de 21,7 milhões de P_2O_5 e 35,1 milhões de toneladas de N, representando acréscimos de 13,0% e 16,2%, respectivamente para P_2O_5 e Nitrogenio, quando comparados com o ano de 1970. A análise da relação produção/consumo (quadro 6.1) evidencia tendência de estabilidade para os nitrogenados e redução para os fosfatados com possibilidade de déficit na oferta em 1975 para esses últimos.

QUADRO 6.1. - Oferta e Demanda Mundial de Nitrogenio e P_2O_5 , 1965-75 (milhões de toneladas)

Ano	N			P_2O_5		
	Produção(S)	Consumo(D)	S/D	Produção(S)	Consumo(D)	S/D
1965	17,3	16,3	1,06	14,7	13,0	1,07
1970	30,2	28,7	1,05	19,2	18,6	1,03
1972 ⁽¹⁾	35,1	33,7	1,04	21,7	20,9	1,03
1975 ⁽²⁾	43,1	41,0	1,05	22,0	24,3	0,91

(¹) Estimativas preliminares.

(²) Dados projetados.

Fonte: Seminário de Transporte e Distribuição de Fertilizantes - ANDA.

Basicamente dois indicadores de consumo são evidenciados na análise da tendência do mercado mundial: relação de consumo (N,P,K) e consumo por unidade de área (kg/ha). A análise da relação de consumo no contexto mundial revela predominância crescente de utilização de adubos nitrogenados. Em 1965 a relação de NPK era 1,00:0,84:0,67, em 1970 a relação passa para 1,00:0,65:0,54 e, predição para 1980 1,00:0,57:0,48 (quadro 6.2).

QUADRO 6.2. - Consumo Mundial de Fertilizantes, 1965-80
(Milhões de toneladas de nutrientes)

Ano	N	P ₂ O ₅	K ₂ O	Total	Relação		
					N	P	K
1965	16,3	13,7	11,0	41,0	1	0,84	0,67
1970	28,7	18,6	15,4	62,7	1	0,65	0,54
1972 ⁽¹⁾	33,7	20,9	17,5	72,1	1	0,62	0,52
1975 ⁽²⁾	41,0	24,3	20,5	85,8	1	0,59	0,50
1980 ⁽²⁾	51,5	29,3	24,8	105,6	1	0,57	0,48

⁽¹⁾ Estimativas preliminares.

⁽²⁾ Dados projetados.

Fonte: Seminário de Transporte e Distribuição de Fertilizantes - ANDA.

A análise da relação de consumo por continente indica que a América do Sul e a Oceânia fazem exceção à tendência mundial. Nesses dois continentes a utilização de fosfatados supera a de nitrogenados e ainda na Oceânia, o consumo de potássicos é superior ao de nitrogenados. Deve-se ressaltar que na Austrália 60% dos adubos fosfatados são utilizados em fertilização de pastagens, o que constitui a razão do alto índice de consumo de P₂O₅. Todavia, observa-se uma nítida diminuição do nível de utilização de P₂O₅ em relação aos demais nutrientes.

O consumo mundial de fertilizantes em 1970, em kg/ha de elementos nutrientes, foi de 19,56 kg para os nitrogenados, 13,60 kg para os fosfatados, 11,85 kg para os potássicos e 45,01 kg para NPK. A análise intercontinental revela que o nível de utilização de fertilizantes é bastante variável. Entre os continentes analisados, isolando-se a União Soviética do continente asiático e a América do Sul do continente americano, constata-se que cinco deles apresentam consumo abaixo da média mundial enquanto apenas dois (continentes Europeu e América do Norte mais América Central) estão acima da média mundial (45,01 kg). Isto é uma indicação de que a demanda potencial por fertilizantes é bem superior à demanda efetiva no contexto mundial (quadro 6.3).

QUADRO 6.3. - Consumo Mundial de Fertilizantes, por Continente, 1970 (kg/ha)

Continente	N	P ₂ O ₅	K ₂ O	NPK
Europa	61,30	49,30	47,74	158,34
URSS	16,29	8,22	9,94	34,45
América do Norte e Central	30,65	18,84	16,39	65,88
América do Sul	4,75	5,38	3,58	13,71
Ásia	10,96	4,97	3,68	19,61
África	3,45	2,56	1,17	7,18
Oceânia	3,98	24,91	4,13	33,02
Total	19,56	13,60	11,85	45,01

Fonte: FAO - Roma, 1971.

6.1.2 - Situação interna

A agricultura nacional tem apresentado crescimento expressivo no consumo de fertilizantes, e com tendência de acréscimo ainda superior ao verificado na década de 70.

Assim é que, a área cultivada, referida no Censo Agropecuário Nacional, sofreu acréscimo de 34%, no período de 1960 a 1970, atingindo a 36 milhões de hectares em 1970. Paralelamente, o consumo, com base nos dados do Sindicato de Adubos e Colas do Estado de São Paulo (SIACESP) e do Censo Agropecuário Nacional, atingiu 29,2 kg/ha em 1970 contra 11,9 kg/ha em 1960, isto é, um crescimento no período de 144% em elementos nutrientes o acréscimo teria sido ainda maior, cerca de 233%, na década. Como o aumento na área cultivada foi de apenas 34%, pressupõe-se que o acréscimo devido a intensificação de uso de fertilizantes foi de 110% e, em termos de elementos nutrientes alcançou a 199%.

No contexto nacional, a região que experimentou maior índice de expansão foi o Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás).

A estimativa preliminar da demanda de fertilizantes em 1972 é da ordem de 1.400 mil toneladas de elementos nutrientes (NPK) e, prevê-se para 1973, 1.600 mil toneladas, o que representará acréscimo de 15%.

A tendência de crescimento do consumo de fertilizantes pode ser explicada pelos seguintes indicadores econômicos do setor: crescentes importação e produção nacional, firmeza dos preços mundiais para alguns produtos agrícolas, potencial de expansão da área de cultivo e possibilidade de consumo de fertilizantes em área com pastagens e reflorestadas.

As especificações qualitativas tendem a tomar outros aspectos: aumento de concentração, estado físico granulado, enriquecimento com nutrientes menores e secundários e redução da solubilização dos nitrogêna

dos. Dois fatores pelo menos definem essas modificações: tendência do consumo e tecnologia utilizada em projetos recentes.

Os nitrogenados serão importados sob forma concentrada: uréia e produtos binários como mono-amônio-fosfato (MAP) e diamônio-fosfato (DAP). A amônia poderá ser importada em estado líquido refrigerada o que exige a adaptação dos sistemas portuário e de transporte. Os fosfatos serão importados em forma concentrada e, se ocorrer insuficiência de ácido-fosfórico nos mercados externo e nacional serão importadas maiores quantidades de fosfatos naturais e concentrados. Para os potássicos caberá ao cloreto de potássio a liderança das importações e as especificações qualitativas serão: tipo "standard" para a indústria granuladora e grosso (Coarse) ou granulado para misturas. O sulfato de potássio será importado em menor escala para satisfazer exigências principalmente da cultura de fumo.

Continuarão crescentes as importações de enxofre bruto a granel devido sua importância na solubilização dos fosfatos e fixação direta ou indireta da amônia através do ácido sulfúrico.

Nos cinco últimos anos o crescimento da demanda aparente no Estado foi da ordem de 134%. Estima-se para 1973 um consumo em torno de 680 mil toneladas de nutrientes (NPK), e para 1974, 768 mil toneladas, prevendo-se uma taxa de crescimento de 12,6% a.a..

O crescimento do consumo deve-se mais a intensificação de uso do que propriamente ao aumento de área. Assim, o consumo por unidade de área (kg/ha) que se situava em torno de 45 kg/ha em 1968, passou em 1972 para 100,9 kg/ha, indicando acréscimo de 124% no período. Estima-se para 1973 um consumo da ordem de 116,5 kg/ha cultivado com lavouras anuais e perenes, não incluindo áreas reflorestadas e em pastagens artificiais (quadro 6.4).

QUADRO 6.4. - Evolução do Consumo de Fertilizantes, Estado de São Paulo,
1968-73

(em kg de nutrientes por ha)

Ano	NPK	Índice (1968 = 100)
1968	44,9	100
1969	51,9	116
1970	69,1	154
1971	81,2	181
1972	100,9	225
1973	116,5	259

A intensificação de uso foi em grande parte condicionado pela melhoria da relação de preços, aliada às políticas creditícias e programas governamentais.

Com relação ao calcário destinado a correção do solo, produção e consumo têm apresentado crescimentos expressivos. Nos últimos cinco anos o acréscimo na produção foi da ordem de 69%, com uma taxa média de incremento em torno de 13,8% a.a. (quadro 6.5).

Alguns fatores podem ser citados como condicionantes da intensificação do uso de calcário: transporte, armazenamento na fonte de produção agrícola e estacionalidade da produção.

Em 1972 o índice de preço corrente para fertilizantes, cotejado com o ano anterior experimentou acréscimo de 23,6%; o índice de preço real cresceu 5,7%.

A análise dos dez últimos anos (inclusive 1973), evidencia dois períodos bem distintos (figura 6.1). O primeiro que vai desde 1964 até

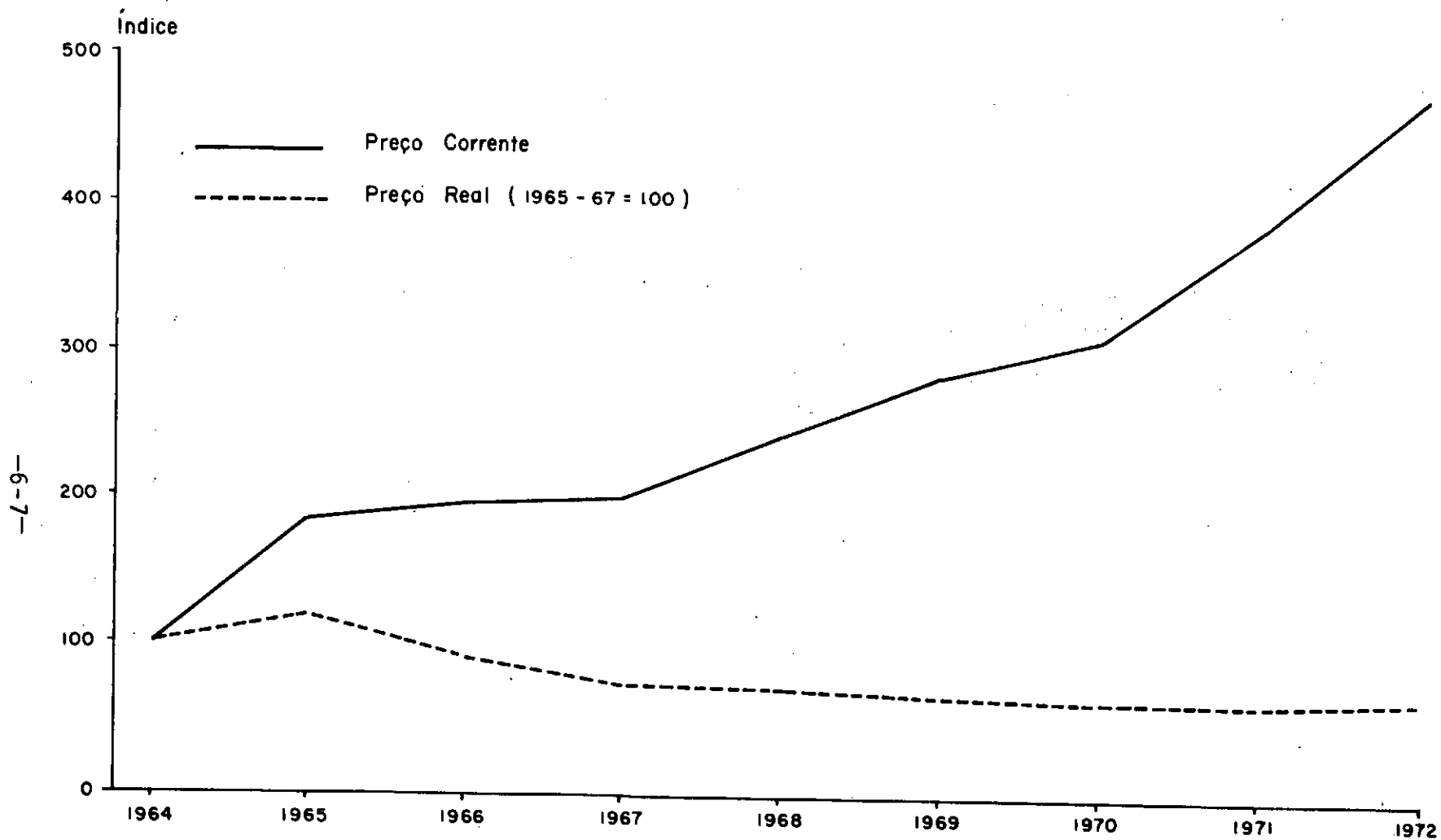


FIGURA 6.1. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Fertilizantes, Estado de São Paulo, 1964-72.

1970 com uma queda contínua do Índice de preço real, em 1971 houve uma inversão do processo, continuando firme até o momento. No mes de maio de 1973, o índice já chegou a superar aquele registrado em 1967.

QUADRO 6.5. - Produção de Calcário Moido para Uso Agrícola na Região de São Paulo, 1968-72 (1)

Ano	Calcário-moido	Índice (1968 = 100)
1968	604,4	100
1969	748,6	124
1970	831,9	138
1971 (2)	913,2	151
1972 (3)	1.023,0	169

(1) Inclui uma unidade produtora localizada em Minas Gerais, mas que destina quase toda sua produção para São Paulo.

(2) Dado corrigido.

(3) Dados preliminares sujeitos à retificação.

Fonte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo.

A tendência é para mercado firme, principalmente se se considerar o longo prazo, visto que a política de preços diferenciados praticada por alguns exportadores tende a desaparecer.

Tais elevações de preços de fertilizantes se devem principalmente as alterações de preços do mercado internacional as quais podem ser atribuídas à elevação de custos e especulação ocasional decorrente da escassez do insumo.

6.2 - Defensivos

6.2.1 - Panorama internacional

As importações mundiais de defensivos agropecuários cresceram de 341 milhões de dolares em 1965 para 657 milhões de dolares em 1970, registrando-se aumento de 93% no período. O volume total dos negócios, no período, aproximou-se dos 3 bilhões de dolares.

No período 1965-70 coube ao continente Europeu 71,8% dos negócios mundiais no setor de exportação e 32,3% no setor de importação. A América do Sul constitui um continente tipicamente importador e seu volume de negócios foi da ordem de 229,2 milhões de dolares. Os países da América do Sul que apresentaram maior valor nas importações foram: Brasil, Argentina, Venezuela, Colombia com 76, 28, 17 e 16 milhões de dolares, respectivamente.

6.2.2 - Situação interna

A participação brasileira, em termos de valor das importações realizadas na América do Sul, apresenta um crescimento contínuo o que indica um consumo cada vez mais elevado de defensivos. Em 1965 foram importados 8,99 milhões de dolares e em 1970 o total de negócios foi de 18,77 milhões de dolares.

O valor das importações em 1973 e 1974 (projetado com base na taxa de crescimento anual de 15,8%) se situará em torno de 29 milhões e 33 milhões de dolares, respectivamente.

Com base no volume físico, o consumo de defensivos, nos últimos 10 anos, aumentou cerca de 330%, com média anual da ordem de 33%.

Não obstante os herbicidas tenham apresentado a maior taxa de crescimento no período, os inseticidas lideraram esse consumo, seguidos pelos fungicidas. As importações de inseticidas, no período, cresceram 36% e a produção nacional 252%. No grupo dos fungicidas, as importações cresceram 223% e a produção nacional 2.025% partindo de uma produção insignificante. O crescimento computado para herbicidas (1.727%) refere-se ao volume de importação, face à inexistência de produção nacional. Em 1971 o consumo aparente de inseticidas, em termos de volume físico, pode ser assim visualizado: 57% provieram de importações e 43% de produção nacional. Em 1972 as importações participaram com 64% e a produção nacional com 36%. Assim, o aumento no consumo tem-se feito mais com o crescimento das importações do que propriamente da produção nacional.

O mesmo fenômeno se observa para os fungicidas. Em 1971 as importações participaram com 75% e em 1972 com 83%. Embora a análise tenha mostrado a tendência do incremento das importações, em 1970 já se registraram 380 mil dolares de exportação de defensivos da produção nacional.

A evolução dos preços reais apresentou nos últimos cinco anos tendência decrescente para 4 defensivos selecionados, possivelmente de uso mais comum na agricultura (aldrin, dhitane, manzate e sulfato de cobre). Essa tendência de queda nos preços reais teve influência marcante no incremento do uso de defensivos e também na melhoria da relação de preços produto/insumo que fora bastante desfavorável no passado (quadro 6.6 e figura 6.2).

A política adotada pelo governo federal, principalmente a de redução da alíquota de impostos de importação, contribuiu grandemente para a manutenção dos preços em níveis compatíveis com o incremento do uso desse insumo.

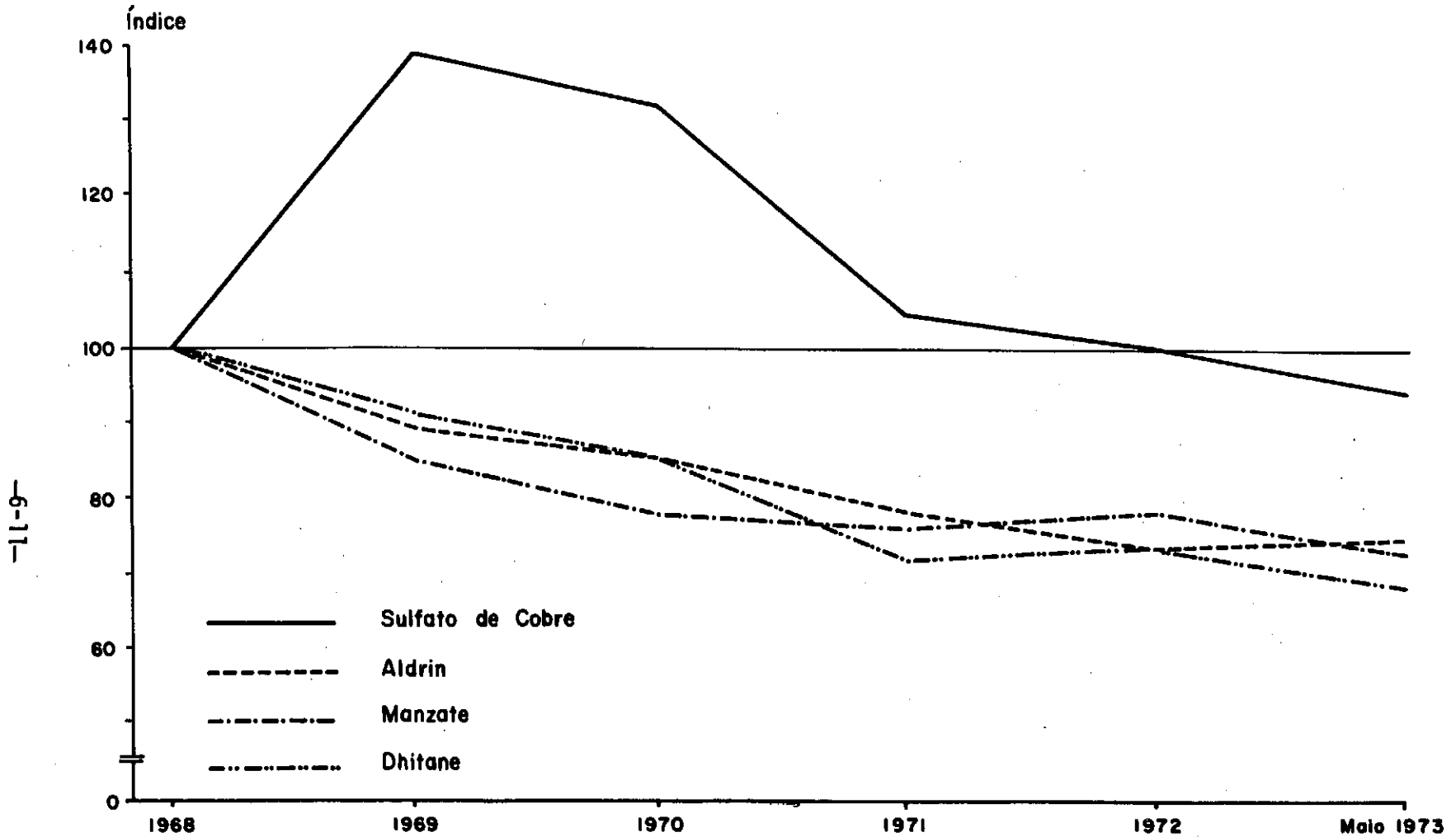


FIGURA 6.2. - Evolução dos Preços Reais de Defensivos, Estado de São Paulo, 1968 - Maio de 1973.

QUADRO 6.6. - Evolução dos Preços, Corrente e Real de Defensivos, Estado de São Paulo, 1968-73

Ano	Aldrin (Cr\$/sc.25kg)		Dhitane (Cr\$/kg)		Manzate (Cr\$/cx.25kg)		Sulfato de cobre (Cr\$/kg)	
	Preço corrente	Preço real	Preço corrente	Preço real	Preço corrente	Preço real	Preço corrente	Preço real
1968	38,00	23,90	10,04	6,31	225,61	141,89	2,67	1,68
1969	40,62	21,16	11,00	5,73	231,25	120,44	4,48	2,33
1970	46,54	20,24	12,34	5,36	255,31	111,00	5,11	2,22
1971	51,62	18,64	12,63	4,56	298,23	107,66	4,90	1,77
1972	56,83	17,54	14,88	4,59	359,79	111,05	5,44	1,68
Maio 73 ⁽²⁾	65,00	17,76	15,82	4,32	376,67	102,92	5,77	1,58

⁽¹⁾ Corrigido pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica - FGV, 1965-67=100.

⁽²⁾ Índice estimado.

6.3 - Tratores

6.3.1 - Panorama internacional

Nos últimos anos tem sido mínima a importação brasileira de tratores. Algumas importações tem se verificado para as categorias de alta potência e de uso mais generalizado no setor não agrícola. São citadas como causa da retração das importações:

- financiamento diferenciado para tratores de produção nacional e importados;
- alíquota "ad valorem" alta;
- dificuldade de peça de reposição para os tratores importados;
- preço interno em nível compatível com o internacional.

Por outro lado, as exportações de tratores agrícolas do Brasil totalizaram 543 mil dolares em 1971.

6.3.2 - Situação interna

A indústria brasileira de micro-trator, cultivador motorizado, trator de 4 rodas e trator de esteira tem apresentado ajustamento constante na sua linha de produção (quadro 6.7).

Em 1966, os micro-tratores e cultivadores motorizados representavam cerca de 38% da produção total (inclusive trator de esteira) da mesma forma que os tratores leves, em 1967, participavam com 52% da produção de tratores de 4 rodas. Atualmente, a participação dos micro-tratores e cultivadores motorizados na produção total da indústria é pouco superior a 11% e os tratores leves representam cerca de 34% da produção de tratores de 4 rodas. Isto significa que o incremento verificado na indústria deveu-se mais ao aumento na produção de tratores de 4 rodas (especialmente para as linhas mais pesadas), e tratores de esteira, embora esse últi-

Em 1972, já se observou uma grande reação para ambas as categorias. Os cultivadores motorizados e micro-tratores cujo pico de produção fora em 1966 (3.469 unidades), desde a implantação da indústria obtiveram novo recorde de produção (3.773 unidades). E os tratores leves experimentaram um acréscimo de 136%, superando o acréscimo verificado para a categoria média (122%) e nos 5 primeiros meses de 1973, a sua participação no grupo de tratores de 4 rodas já alcançou 38%.

Muito contribuiu para esses aumentos de produção o incremento da demanda para o controle à ferrugem do cafeeiro.

QUADRO 6.7. - Produção da Indústria Brasileira de Tratores, 1966-72
(Índice 1966=100)

Ano	Cultivador motorizado (1)		Trator de esteira		Trator de 4 rodas	
	Produção	Índice	Produção	Índice	Produção	Índice
1966	3.469	100	13	100	9.069	100
1967	2.231	64	73	562	6.223	69
1968	2.612	75	106	815	9.818	108
1969	2.281	66	91	700	9.548	105
1970	2.474	71	185	1.423	14.048	155
1971	2.556	74	770	5.923	22.122	244
1972	3.773	109	1.282	9.862	29.142	321
Total	19.396	-	2.520	-	99.970	-

(1) Inclusive micro-tratores.

Fonte: "ANFAVEA" - Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Auto Motores.

A indústria brasileira de tratores vendeu 28.339 unidades em 1972 contra 21.732 unidades no ano anterior, registrando acréscimo de 30,4%. Estima-se que em 1973, o mercado brasileiro absorva 35.500 unidades de todos os tipos e categorias, com maior incremento esperado para os tratores leves (até 50 HP) (figura 6.3).

30,4%. Estima-se que em 1973, o mercado brasileiro absorva 35.500 unidades de todos os tipos e categorias, com maior incremento esperado para os tratores leves (até 50 HP) (figura 6.3).

A região Centro-sul absorveu cerca de 90% da produção com a maior participação de São Paulo (40%). Estima-se em 1973 uma participação ainda maior de São Paulo, em virtude da retração do Rio Grande do Sul face a má safra de trigo.

A ocorrência de uma demanda sempre crescente, especialmente a partir de 1970, é resultante da melhoria da relação de preços, entre outros fatores.

Pelo quadro 6.8 pode-se observar que nos cinco produtos selecionados (arroz, milho, café, soja e algodão) a quantidade de produto necessária para adquirir uma unidade de trator tem tendência decrescente. Faz exceção o arroz que apresentou crescimento até 1970, mas com nítida tendência decrescente nos dois anos seguintes. O produto que apresentou maior ganho na relação de preços foi o café, seguido do algodão, soja, milho e por último o arroz.

QUADRO 6.8. - Unidade de Produto Agrícola Necessária para Adquirir um Trator (MF-44HP) Estado de S.Paulo, 1967-72

Ano	Arroz em casca sc.60kg	Milho sc.60kg	Café beneficiado	Soja sc.60kg	Algodão em caroço 15 kg
1967	727	2.173	334	1.105	2.608
1968	729	2.595	270	974	2.330
1969	834	1.717	187	928	2.337
1970	881	1.698	131	754	2.021
1971	524	1.531	162	684	1.537
1972	518	1.475	116	681	1.450

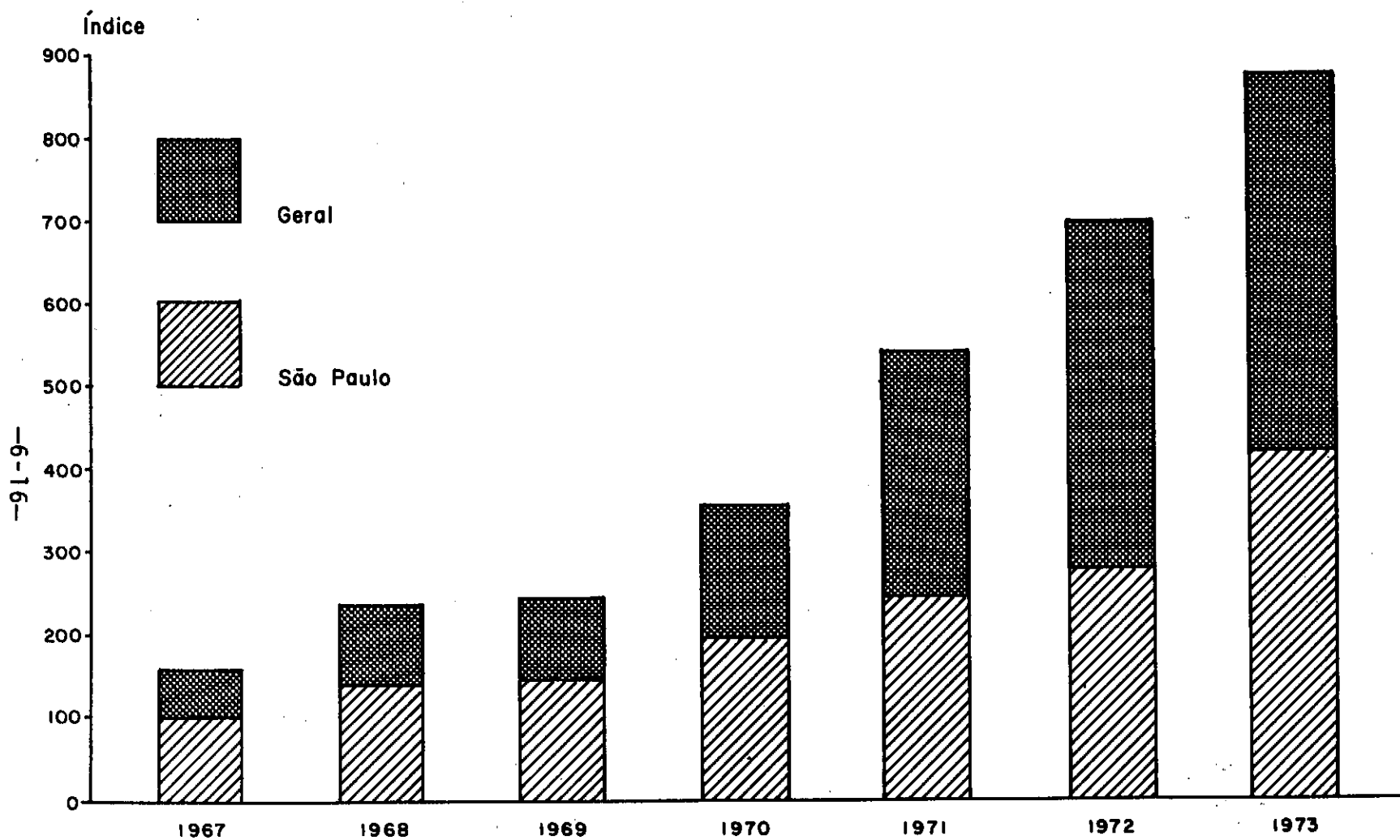


FIGURA 6.3. - Vendas da Indústria Brasileira de Tratores Geral e para o Estado de São Paulo, 1967-73.

O Índice de preço corrente cresceu 108% de 1967 a 1972, enquanto o de preço real decresceu 17,8%. De 1971 para 1972 o decréscimo no índice de preço real foi de 0,8% (figura 6.4).

A tendência do mercado é de estabilidade dos preços reais. As evidências que conduzem a esta situação de mercado são: o observado equilíbrio entre oferta e demanda e a política governamental para conter a inflação através do CIP.

6.4 - Sementes

6.4.1 - Situação interna

Não obstante alguns estados brasileiros já se encontrarem em um bom grau de tecnificação na produção de sementes melhoradas, o Brasil ainda dispense divisas na compra de sementes no mercado internacional, embora essas importações estejam limitadas às sementes olerícolas. Apenas o sorgo e pequenas quantidades de milho doce ainda dependem de importações.

A venda de sementes pela Secretaria da Agricultura de São Paulo, para a safra 1972/73, comparativamente à safra anterior, apresentou decréscimo para o algodão, amendoim e milho híbrido. A retração na demanda para essas sementes foi de certa forma compensada pelo incremento na procura para soja, feijão e arroz. Entre as sementes vendidas, apenas o algodão e milho variedade tiveram vendas expressivas para outros estados, em torno de 20% e 15%, respectivamente. O milho variedade, embora tenha apresentado boa participação relativa, a quantidade exportada para outros estados foi pequena em valor absoluto (cêrca de 3.000 sacas).

Para a safra 1973/74, à exceção da soja e possivelmente o trigo, a disponibilidade de sementes é bem superior às vendas registradas na safra anterior.

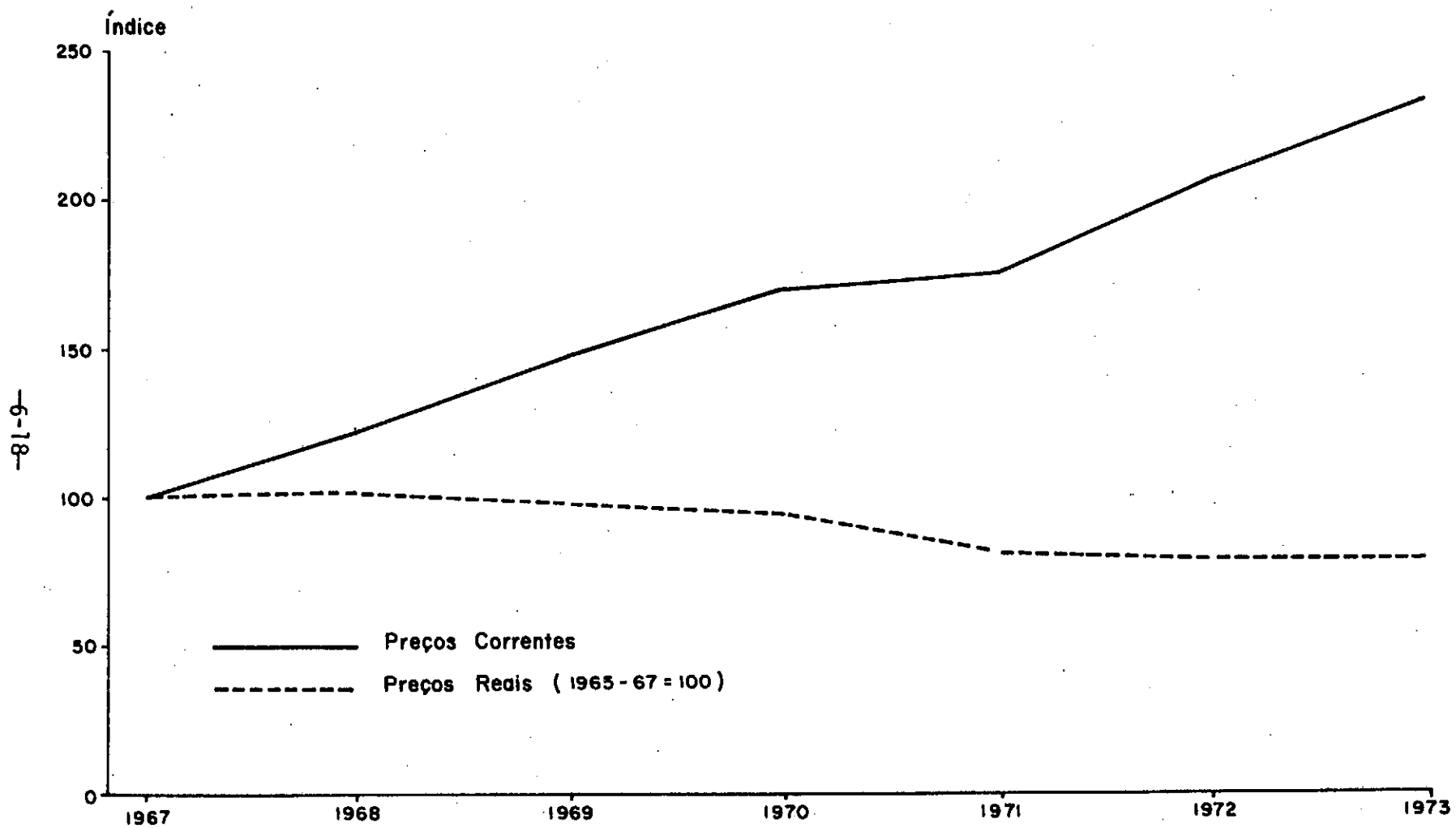


FIGURA 6.4. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Tratores, Estado de São Paulo, 1967-73.

O desequilíbrio esperado (safra 1973/74) entre a oferta e a demanda de semente de soja, face ao aumento de área dessa cultura, é agravado pela má qualidade das sementes entregues nos Postos de Sementes da Secretaria da Agricultura, sendo grande a percentagem de sementes recusadas; situação esta também presente nas culturas das firmas particulares que produzem sementes certificadas (quadro 6.9).

Face ao problema no abastecimento de feijão, a Secretaria da Agricultura, através da CATI, elaborou um plano especial para semente de feijão objetivando aumentar a sua disponibilidade. O plano atual, de 10 mil sacas de 50 quilos, foi ajustado para 23 mil sacas, com um incremento portanto, superior a 100%.

QUADRO 6.9. - Quantidade Vendida das Principais Sementes pela Secretaria da Agricultura e Firms Particulares, no Estado de São Paulo, para as Safras 1971/72 e 1972/73

Semente	Secretaria da Agricultura		Firms particulares		Total	
	1971/72	1972/73	1971/72	1972/73	1971/72	1972/73
Algodão (sc. 30kg)	885.217	614.240	-	-	885.217	614.240
Arroz (sc. 50kg)	80.408	97.346	74	797	80.482	98.143
Amendoim. (cx. 20kg)	120.838	76.960	7.890	38,081	128.728	115.041
Feijão (sc. 50kg)	3.009	6.135	-	-	3.009	6.135
Milho (sc. 50kg)	183.791	151.383	114.400	153.999	298.191	305.382
Soja (sc. 50kg)	13.508	51.587	9.539	51.826	23.047	103.413

A Secretaria da Agricultura tem contribuído para o incremento

do uso de sementes selecionadas, tendo em vista a sua presença no processo produtivo dessas sementes. Além de contribuir com o suprimento de sementes de alta qualidade, serve como órgão regulador ou disciplinador dos preços das sementes em geral, sendo a grande responsável pela situação atual. Esta situação também presente nas culturas das firmas particulares.

Em 1972, feijão, algodão e arroz tiveram seus preços de venda inferiores aos respectivos custos de produção, enquanto milho híbrido, milho variedade e milho perolado alcançaram largas margens, sendo por conseguinte as sementes que apresentaram maior incentivo à produção. O feijão objetivava aumentar a sua produtividade e obter maiores rendimentos. Em virtude do preço pago ao cooperador ter alcançado altos níveis, o preço de venda deverá registrar acréscimos substanciais, para algumas sementes. É o caso da soja e feijão que deverão ter seus preços de venda em torno de Cr\$ 170,00 e Cr\$ 280,00 por saca de 50 quilos, respectivamente.

6.5 - Mercado de Terras

Nos quadros 6.10 e 6.11 aparecem as informações disponíveis sobre preço de terras nos últimos 5 anos. Numa análise geral, ambos os quadros refletem a mesma coisa, isto é, uma evolução acentuada nos preços de todos os tipos de terras, com os valores reais mais do que duplicando em apenas 5 anos. Os maiores acréscimos observados referem-se ao último ano (1973). Embora a classificação seja bastante subjetiva, há indicações de que as terras para pastagens e de campo estejam elevando seus preços mais rapidamente que os outros tipos; as diferenças na evolução não chegam a ser muito grandes. Ademais, nota-se uma evolução mais acentuada, nas propriedades médias, entre 24 e 240 hectares; novamente podem as diferenças entre os vários tipos de propriedade não são muito grandes quanto à evolução de seus preços.

No quadro 6.12 os preços de aluguel de pasto aparecem com tendência definida de alta, especialmente quando o aluguel é expresso em

cruzeiros por cabeças por mês ou em cruzeiros por hectare por mês. Isso é indicação de que os contratos feitos a mais curto prazo motivariam um aumento mais acentuado nos preços.

No quadro 6.13 aparecem os preços de arrendamento de terras. Quando feitos para pagamento em dinheiro a evolução é clara, provavelmente refletindo, em escala bem menos acentuada, a alta do preço das terras. Já para os arrendamentos em espécie, parece haver uma tendência de queda para o algodão e o milho e um comportamento oscilante para o arroz e o amendoim, tendo este último permanecido estável nas duas últimas safras.

6.6 - Mercado de Trabalho

Os indicadores de força de trabalho rural são extremamente precários, sendo necessário o uso da própria população rural como indicador indireto. A população rural do Estado vem decrescendo tanto percentualmente como em números absolutos nos últimos anos, sendo que o Censo de 1970 estima um percentual de 19% para o contingente rural. Nas diversas regiões agrícolas esse percentual se diferencia, variando de perto de 5% para DIRA de São Paulo até 49% para a de Presidente Prudente. De qualquer modo a tendência geral é de queda tanto na população como no número de trabalhadores rurais.

Essa queda no número de trabalhadores provavelmente explica a alta no nível de salários rurais que vem ocorrendo nos últimos anos. Ao se analisar a série disponível desde 1948, em cruzeiros reais de 1971 (quadros 6.14 e 6.15) observam-se altos índices até 1958, queda no período 1958-64 e a partir desse ano, provavelmente influenciados pelo Estatuto do Trabalhador Rural, os índices voltam a subir. Nos últimos anos essa subida torna-se bastante acentuada, refletindo uma escassez de mão-de-obra rural. No quadro 6.16 essa alta é mais visível, pois para índice em 1971 igual a 100, tem-se em março do corrente ano um nível de

119 e 113 para diaristas e volantes, respectivamente. Note-se que esses valores estão expressos em cruzeiros deflacionados o que mostra uma evolução muito acima do nível de inflação para os salários rurais.

Os salários de colheita refletem uma evolução menos intensa para café e cana, embora não se disponham de dados para o corrente ano em relação a esses produtos, pois suas safras estão se iniciando agora. No caso do algodão e amendoim os aumentos também são bastante significati-vos, estando os Índices em março deste ano em níveis de 18% e 19% acima dos de 1971, sempre em valores reais. Aliás, esses produtos forem variações maiores que os de café e cana porque suas colheitas coincidem com as de quase todos os outros produtos importantes no setor agrícola, o que intensifica a procura de mão-de-obra. Também os níveis relativamente altos de preços de algodão, e especialmente de amendoim, permitiram aos empresários oferecer maiores salários. Assim, enquanto o salário de volante era de Cr\$ 10,30 em março de 1973, a colheita de algodão estava em Cr\$ 3,57 por arroba e a média de produção superior a 3 arrobas por dia, dando ao redor de Cr\$ 14,00 por dia de salário. Para o amendoim, com Cr\$ 2,86/saco de 25 kg e 6 sacos por homem/dia, tem-se um salário de Cr\$ 17,16 por dia, ambos bem acima do salário de volante ou de diarista nessa época.

Se a tendência do chamado "exodo rural" continuar e a agricultura paulista mantiver seu ritmo de expansão é de se esperar que os salários rurais se mantenham em alta, permitindo que as diferenças salariais entre o meio rural e urbano se atenuem e contribuindo, a mais longo prazo, para frear a transferência de mão-de-obra da zona rural para a zona urbana.

QUADRO 6.10. - Valor da Terra sem Benfeitorias, no Estado de São Paulo, Segundo os Tipos, 1969-73

Ano ⁽¹⁾	Terra de primeira			Terra de segunda			Terra para pastagens			Terra para reflorestamento			Terra de campo		
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)
1969	700	1.102	64,86	519	817	70,49	459	722	75,44	322	507	75,22	255	401	70,10
1970	1.098	1.441	84,81	690	906	78,17	596	782	81,72	449	588	87,24	352	462	80,77
1971	1.546	1.699	100,00	1.054	1.159	100,00	871	957	100,00	613	674	100,00	520	572	100,00
1972	2.000	1.834	107,95	1.400	1.284	110,79	1.200	1.101	115,05	835	766	113,65	680	624	109,09
1973	3.300	2.619	154,15	2.400	1.905	164,37	2.000	1.587	165,83	1.300	1.032	153,12	1.200	952	166,43

⁽¹⁾ Informações coletadas em janeiro de cada ano.

⁽²⁾ Média do Estado em valores correntes.

⁽³⁾ Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

⁽⁴⁾ Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

-6-23-

QUADRO 6.11. - Valor da Terra com Benfeitorias no Estado de São Paulo, Segundo o Tamanho das Propriedades, 1969-73

Ano ⁽¹⁾	Menos 7,26 hectares			Entre 7,26 a 24,20 hectares			Entre 24,20 a 72,50 hectares			Entre 72,50 a 242,00 hectares			Maior do que 242,00 hectares		
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)
1969	-	-	-	942	1.483	65,07	866	1.363	76,27	718	1.130	73,38	624	982	72,42
1970	1.960	2.573	83,77	1.385	1.818	79,77	1.131	1.485	83,10	967	1.269	82,40	891	1.170	86,28
1971	2.795	3.072	100,00	2.073	2.279	100,00	1.626	1.787	100,00	1.401	1.540	100,00	1.234	1.356	100,00
1972	3.460	3.174	103,32	2.600	2.385	104,65	2.000	1.834	102,63	1.800	1.651	107,21	1.620	1.486	109,59
1973	6.000	4.762	155,01	4.500	3.572	156,74	3.800	3.016	168,77	3.300	2.619	170,06	2.700	2.143	158,04

⁽¹⁾ Informações coletadas em janeiro de cada ano.

⁽²⁾ Média do Estado em valores correntes.

⁽³⁾ Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

⁽⁴⁾ Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

QUADRO 6.12. - Custo do Aluguel de Pasto, no Estado de São Paulo, 1969-72

Ano (1)	Em Cr\$ por hectare por mês			Em Cr\$ por hectare por ano			Em Cr\$ por cabeça por mês		
	Cr\$ (2)	Cr\$ (3)	Índice (4)	Cr\$ (2)	Cr\$ (3)	Índice (4)	Cr\$ (2)	Cr\$ (3)	Índice (4)
1969	4,14	6,10	64,01	45,87	67,58	69,71	3,42	5,04	67,92
1970	5,41	6,60	69,25	59,11	72,13	74,41	4,42	5,39	72,64
1971	9,53	9,53	100,00	96,94	96,94	100,00	7,42	7,42	100,00
1972	11,95	10,28	107,87	114,80	98,76	101,88	9,64	8,29	111,73

(1) Informações coletadas em junho de cada ano.

(2) Média do Estado em valores correntes, ponderada pela área de pastagem em cada DIRA.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971, pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

QUADRO 6.13. - Custo do Arrendamento de Terras, no Estado de São Paulo, 1968-72

Ano (1)	Em dinheiro			Em espécie							
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Algodão		Amendoim		Arroz		Milho	
				\$/ha (5)	Índice (6)	sc.25kg/ha (5)	Índice (6)	sc.60kg/ha (5)	Índice (6)	sc.60kg /ha (5)	Índice (6)
1968	70,25	113,07	87,64	19,0	113,77	17,8	111,25	7,4	117,46	12,0	114,29
1969
1970	104,85	118,06	91,46	18,6	111,38	14,5	90,62	7,7	122,22	10,6	100,95
1971	137,00	129,08	100,00	16,7	100,00	16,0	100,00	6,3	100,00	10,5	100,00
1972	180,00	146,22	113,29	16,3	97,60	16,0	100,00	7,1	112,70	8,9	84,76

(1) Informações coletadas em novembro de cada ano.

(2) Média do Estado, em valores correntes.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

(5) Média do Estado, ponderada pela produção em cada DIRA, com exceção de 1968.

(6) Índice simples, base de comparação: 1971 = 100.

QUADRO 6.14. - Salários Rurais e Respetivos Índices, em Valores Correntes, para o Estado de São Paulo, 1948-73

Ano	Diarista residente		VoIante		Tratorista	
	Cr\$/dia	Índice (1)	Cr\$/dia	Índice (1)	Cr\$/mês	Índice (1)
1948	0,016	9	0,020	9	0,59	9
1949	0,018	10	0,022	10	0,65	10
1950	0,022	12	0,024	11	0,76	12
1951	0,027	15	0,027	13	0,87	13
1952	0,031	17	0,034	16	1,04	16
1953	0,033	18	0,037	17	1,14	17
1954	0,038	20	0,049	23	1,27	19
1955	0,047	25	0,060	28	1,56	24
1956	0,055	30	0,063	30	1,88	29
1957	0,063	34	0,076	36	2,12	32
1958	0,070	38	0,082	39	2,33	36
1959	0,087	47	0,107	50	3,01	46
1960	0,114	61	0,110	52	4,14	63
1961	0,148	80	0,171	80	5,23	80
1962	0,223	120	0,254	120	7,84	120
1963	0,362	195	0,398	187	12,82	196
1964	0,764	412	0,814	383	27,13	415
1965	1,369	738	1,547	728	62,36	954
1966	1,787	963	2,071	975	73,45	1.124
1967	2,492	1.343	2,538	1.194	86,78	1.328
1968	3,287	1.772	3,700	1.741	109,02	1.668
1969	3,970	2.140	4,081	1.920	142,80	2.185
1970	5,135	2.768	5,650 ⁽²⁾	2.659	183,39	2.806
1971	6,445	3.474	7,035 ⁽²⁾	3.311	233,86	3.579
1972	8,380	4.518	9,360	4.405	290,64	4.447
1973 ⁽³⁾	9,900	5.337	10,300	4.874	321,10	4.914

(1) Índice simples, base de comparação: 1961-62=100.

(2) Retificados em relação aos publicados anteriormente.

(3) Informação coletada em março de 1973.

QUADRO 6.15. - Salários Rurais e Respective Índices, em Valores Reais ⁽¹⁾, para o Estado de São Paulo, 1948-73

Ano	Diarista residente		Volante		Tratorista	
	Cr\$/dia	Índice ⁽²⁾	Cr\$/dia	Índice ⁽²⁾	Cr\$/dia	Índice ⁽²⁾
1948	4,84	103,37	6,05	115,33	178,42	98,04
1949	5,08	108,50	6,21	118,38	183,54	100,86
1950	5,59	119,39	6,10	116,28	193,14	106,13
1951	5,89	125,80	5,89	112,28	189,76	104,27
1952	6,05	129,22	6,63	126,38	202,87	111,48
1953	5,61	119,82	6,29	119,90	193,73	106,46
1954	5,06	108,07	6,56	125,05	169,95	93,39
1955	5,40	115,34	6,90	131,53	179,30	98,53
1956	5,27	112,56	6,04	115,14	180,19	99,02
1957	5,29	112,99	6,38	121,62	177,95	97,78
1958	5,20	111,06	6,09	116,09	173,03	95,08
1959	4,69	100,17	5,77	109,99	162,21	89,14
1960	4,76	101,66	4,59	87,50	172,71	94,90
1961	4,51	96,33	5,21	99,31	159,20	87,48
1962	4,48	95,69	5,10	97,22	157,37	86,48
1963	4,14	88,42	4,56	86,92	146,74	80,63
1964	4,59	98,04	4,89	93,21	163,02	89,58
1965	5,24	111,92	5,93	113,04	238,92	131,29
1966	4,96	105,94	5,75	109,61	203,86	112,02
1967	5,39	115,12	5,49	104,65	187,80	103,20
1968	5,73	122,38	6,46	123,14	189,93	104,37
1969	5,73	122,38	5,89	112,28	206,02	113,21
1970	6,18	131,99	6,80	129,62	220,87	121,37
1971	6,44	137,55	7,04	134,20	233,86	128,51
1972	7,16	152,93	8,00	152,50	248,48	136,54
1973 ⁽³⁾	7,66	163,61	7,97	151,93	248,45	136,52

⁽¹⁾ Em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

⁽²⁾ Índices simples, base de comparação: 1962-66=100.

⁽³⁾ Informação coletada em março de 1973 e transformada em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" referente a esse mes.

QUADRO 6.16. - Salários Rurais e Respetivos Índices no Estado de São Paulo, 1968-73

Ano	Mes	Diarista a sêco			Volante			Administrador			Tratorista ou motorista		
		Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)
1968	Nov.	3,40	5,48	85,09	3,60	5,80	82,39	180,00	289,88	93,13	120,00	193,26	82,64
1969	Mar.	3,45	5,31	82,45	3,88	5,97	84,80	185,14	284,91	91,53	134,68	207,26	88,66
1970	Mar.	4,62	5,87	91,15	5,42	6,89	97,87	217,79	276,73	88,90	161,45	205,14	87,72
1970	Nov.	5,65	6,36	98,76	5,88	6,62	94,03	279,20	314,38	101,00	205,33	231,20	98,86
1970	Média	5,14	6,18	95,96	5,65	6,80	96,59	248,50	299,28	95,15	183,39	220,87	94,45
1971	Mar.	5,68	6,01	93,32	6,58	6,96	98,86	289,53	306,11	98,34	207,80	219,70	93,95
1971	Nov.	7,21	6,79	105,43	7,49	7,06	100,28	333,01	313,75	100,80	259,92	244,89	104,72
1971	Média	6,44	6,44	100,00	7,04	7,04	100,00	311,27	311,27	100,00	233,86	233,86	100,00
1972	Mar.	7,46	6,62	102,80	8,92	7,92	112,50	379,90	337,28	108,36	259,29	230,20	98,43
1972	Nov.	9,30	7,55	117,24	9,80	7,96	113,07	424,00	344,42	110,65	322,00	261,56	111,84
1972	Média	8,38	7,16	111,18	9,36	8,00	113,64	401,95	333,75	107,22	290,64	248,48	106,25
1973	Mar.	9,90	7,66	118,94	10,30	7,97	113,21	506,40	391,82	125,88	321,10	248,45	106,24

- 6-27 -

(1) Média do Estado, em valores correntes.

(2) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(3) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: média de 1971 = 100.



**7- INFORMAÇÕES DE
POLÍTICA AGRÍCOLA**

7 - INFORMAÇÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA

7.1 - Crédito

- Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais

Modificações no Plano inicial fizeram-se nos seguintes tópicos:

- a) encargos para mudas, plantio e podas: juros de 3% elevaram-se a 6% ao ano;
- b) plantio: o financiamento por cova subiu de Cr\$ 3,00 para Cr\$ 3,10;
- c) recepa e decote: de Cr\$ 0,30 por unidade para Cr\$ 0,33;
- d) formação de mudas: de Cr\$ 0,12 para Cr\$ 0,13;
- e) inseticidas (defesa contra a broca): de Cr\$ 56,00 por ha para Cr\$ 100,00 por ha;
- f) fertilizantes: de Cr\$ 500,00/ha para Cr\$ 600,00;
- g) fungicidas: de Cr\$ 350,00/ha para Cr\$ 400,00;
- h) montante acima de Cr\$ 35.000,00, só é liberado com garantia real. Contudo, apenas sobre a primeira parcela liberada será exigida a garantia correspondente;
- i) no ano agrícola 1973/74 deverá ser financiada a formação de 245 milhões de pés com a seguinte distribuição de quotas:

Estado de São Paulo	- 50 milhões de pés
Estado de Minas Gerais	- 50 " " "
Estado do Paraná	- 50 " " "
Outros	- 65 " " "

Um restante de 30 milhões de pés ficarã de posse do IBC-GERCA , para atender alterações na demanda de determinadas áreas. Em 1973/74 se-

rão aplicadas Cr\$ 1,35 bilhão na renovação dos cafezais. Com essas modificações, a meta do Plano, 600 milhões de pés, poderá ser alcançada em 2 anos.

- Programa Especial de Crédito Orientado para o Vale do Ribeira

O programa tem por objetivo o soerguimento econômico do setor primário da região do Vale do Ribeira através de projetos financiados que visem o aproveitamento racional das potencialidades produtivas das atividades agrícolas, pecuárias, pesqueiras, florestais e extrativas diversas. A assistência técnica ao nível da empresa é prestada pela CATI.

Basicamente, são financiados projetos agropecuários cujo montante total de crédito seja igual ou superior a 20 mil cruzeiros para os produtores rurais e suas cooperativas. Os agentes financeiros são: a) Banco do Estado de São Paulo, para todas operações de custeio e investimentos agropecuários cujo valor do projeto não ultrapasse a 750 vezes o maior salário mínimo corrente no País; b) Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, para as operações de investimentos agropecuários cujo valor do projeto seja igual ou superior a 750 salários mínimos.

- Comissão Estadual de Crédito Rural (CECERER)

O objetivo fundamental da CECERER é o de coordenar as aplicações de recursos em crédito rural pelas entidades financeiras estaduais, visando a maior eficiência no atendimento da política de desenvolvimento agropecuario fixada pela Secretaria da Agricultura, bem como encaminhar às entidades federais relacionadas com o crédito programas e necessidades adicionais de recursos. Visa também centralizar as relações com os órgãos privados nas atividades referentes ao crédito rural.

A Comissão deverá elaborar planos globais ou específicos, por região ou setor, de aplicações em crédito rural.

Integrada por representantes da Secretaria da Fazenda, Secretaria da Agricultura, Secretaria de Economia e Planejamento, Banco do Estado de São Paulo, Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, Banco Central do Brasil e Banco do Brasil, a CECRER é mais um esforço de S. Paulo para a integração do crédito num contexto mais amplo de desenvolvimento agrícola.

- Programa Especial de Estímulo à Pecuária Leiteira

O Conselho Monetário Nacional aprovou programa especial de assistência técnica e creditícia para a pecuária leiteira nas principais ba cias do País, na procura de índices mais altos de produtividade através de projetos de investimentos de comprovada eficiência técnica e econômica. Com esse programa, o Governo Federal reconhece que muitos dos problemas que afligem o setor, não podem ser resolvidos a curto prazo. Bases mais sólidas para a atividade são objetivadas principalmente com financiamentos para formação e melhoria das pastagens, benfeitorias, rebanhos e equipamentos para produção e comercialização. Conforme o caso, os prazos dos empréstimos poderão alcançar 12 anos, com até 4 anos de carência.

Os encargos financeiros serão de 7% a.a. sem correção monetária e o principal agente será o Banco do Brasil S.A. As matrizes leiteiras deverão constituir as garantias essenciais da operação, podendo ser substituídas quando dos respectivos descartes.

As exigências para o mutuário são: a) aprovação do projeto por organismo de assistência técnica regional, cujas diretrizes de atuação devem ser definidas pelo CONDEPE; b) formalidade de compromisso para fornecer um volume mínimo durante a vigência do crédito; e c) comprovação de que já produz um certo volume diário de leite.

Esse programa creditício, deverá aplicar 200 milhões de cruzei -

ros nos próximos dois anos. Obviamente o número de produtores paulistas a serem atendidos pelo programa dependerá de dois parâmetros básicos: volume total de recursos aplicado no Estado e o valor médio dos projetos . Se forem aplicados 50 milhões de cruzeiros em São Paulo (25% do total) e se o projeto médio for de 50 mil cruzeiros, serão atendidos apenas cerca de mil produtores de leite, o que, desde logo, sugere a necessidade de mobilizar recursos adicionais para o programa causar maior impacto sobre o setor.

- Programas de Investimento Financiados pelo BADESP

Com base nos objetivos do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo existem atualmente os seguintes programas de operação:

a) Calcário

- itens financiáveis: instalação, reforma e ampliação de unidades produtoras;
- beneficiários: produtores de calcário e empresas rurais localizadas no Estado;
- prazo até 9 anos; juros e correção 15% ao ano com garantia de preferência real.

b) Rações

- itens financiáveis; instalação reforma e ampliação das unidades produtoras, construção de silos e armazens;
- beneficiários: produtores rurais e suas cooperativas do Estado, prazo até 7 anos com garantias de preferência real e juros de 15% ao ano.

c) Sementes

- itens financiáveis: instalações, reforma e ampliação de unidades de beneficiamento.

- beneficiários: produtores rurais e suas cooperativas do Estado, prazo até 5 anos com 15% a.a.
- d) Investimento a nível de empresa rural
- itens financiáveis: construção, reforma e ampliação de instalações, formação de lavouras perenes, construção de estradas e aqudes aquisição de máquinas pelos produtores e suas cooperativas, prazo até 7 anos e juros de 12 a 15% a.a.
- e) Avicultura
- itens financiáveis: instalação e expansão de infra-estrutura para produção mínima de 20.000 frangos/mes (o que corresponde a 60.000 frangos) com obrigatoriedades de contrato integrado com abatedouro frigorífico processando 1.000 aves/hora;
 - beneficiários: produtores e suas cooperativas, prazo até 5 anos, juros de 15% a.a.
- f) Pecuária de corte e leite
- itens financiáveis: reprodutores e matrizes, pastagens, benfeitorias, prazo até 9 anos, juros a 15% a.a.
- g) Reflorestamento
- itens financiáveis: implantação e aquisição de insumos, benfeitorias;
 - beneficiários: produtores e empresas industriais;
 - prazo até 7 anos
 - juros 13% a.a. hipoteca do imóvel cuja área será reflorestada.
- h) Programa especial para o Vale do Ribeira

- itens financiáveis: formação de pastagens e culturas perenes; aquisição de reprodutores e matrizes, máquinas e equipamentos, construção de benfeitorias, etc.
- beneficiários: produtores e suas cooperativas
- prazo até 12 anos;
- juros e correção 12% a.a.

i) Serviços rurais

- itens financiáveis: aquisição de máquinas, equipamentos e infra-estrutura;
- juros e correção 15% a.a.
- prazo: até 8 anos.

j) Industrialização da laranja

- itens financiáveis: instalação, reforma e ampliação de unidades de produção e frigorificação;
- beneficiários: produtores rurais e suas cooperativas;
- prazo: até 7 anos
- juros e correção: 15% ao ano.

l) Industrialização do leite e derivados

- itens financiáveis: instalação, reforma e ampliação de unidades de beneficiamento;
- beneficiários: produtores rurais e suas cooperativas;
- juros e correção monetária: 15% a.a.
- prazo: até 9 anos.

m) Industrialização da pesca

- itens financiáveis: instalação reforma e ampliação de unidades de beneficiamento e industrialização;
- beneficiários: pessoas físicas ou jurídicas ligadas a atividade à captura e industrialização do pescado;

- prazo até 9 anos;
- juros e correção 15% a.a.

O limite mínimo de financiamento é de 500 vezes o maior salário mínimo vigente no país. As garantias exigidas são preferencialmente reais, cobrindo 130% do financiamento. A participação do BADESP não deve ultrapassar 70% do valor global dos itens financiáveis. O prazo de carência em todos os programas é de até 2 anos, à exceção dos programas de pecuária e reflorestamento com limites de até 3 e 7 anos. Os empreendimentos enquadrados no programa de investimentos a nível de empresa rural serão beneficiados com a taxa de 12% a.a., quando se tratar de projetos de investimento apenas em infra-estrutura.

7.2 - Previdência no Campo

Instituiu-se o PRORURAL pela Lei Complementar nº 11, de 25/05/1971 regulamentado, posteriormente, pelo Decreto nº 69.919, de 11/01/1972.

Tal dispositivo visa implantar um sistema de previdência social rural, concedendo os seguintes benefícios pecuniários: a) aposentadoria por velhice; b) aposentadoria por invalidez; c) pensão; d) serviço de saúde; e f) serviço social.

Este programa executado pelo FUNRURAL é administrado por um Conselho Diretor, presidido pelo Ministro do Trabalho e Previdência Social e integrado pelos representantes dos seguintes órgãos: Ministério da Agricultura, Ministério da Saúde, INPS e de cada uma das Confederações representativas das categorias econômicas e profissionais agrárias.

Além disso, para supervisão e controle, o FUNRURAL conta

com Diretorias Regionais nas capitais estaduais e representações locais sediadas onde convier.

Deve, ainda, haver em cada Comarca uma Comissão Revisora, órgão de controle jurisdicional, que atende reclamações de mal atendimento ou recusa por parte dos serviços de saúde e social que mantenham convênio com o FUNRURAL.

São beneficiários do FUNRURAL: a) trabalhador rural - pessoa física que presta serviço de natureza rural a empregador, mediante remuneração de qualquer espécie; b) o produtor, proprietário ou não que, sem empregado, trabalhe na atividade rural, individualmente ou em regime de economia familiar; e c) os dependentes das pessoas acima definidas.

É concedida aposentadoria ao trabalhador rural isolado ou ao chefe de unidade familiar que tiver completado 65 anos. Atualmente a aposentadoria é Cr\$ 156,00/mês (metade do maior salário mínimo vigente). Aposentadoria por invalidez será concedida em valor idêntico.

A pensão por morte será devida aos dependentes do trabalhador rural e consistirá numa prestação mensal equivalente a 30% do maior salário mínimo no País (atualmente Cr\$ 93,60).

Novo Estatuto do Trabalhador Rural

Em redação definitiva, as normas reguladoras do trabalho rural formaram a lei nº 5.889, de 08.06.1973, que encampou quase todos os dispositivos da CLT ou melhor, todos aqueles que com ela não colidirem. Entretanto, revoga em especial a lei nº 4.214, de 2 de março de 1963 (Estatuto do Trabalhador Rural) e o Dec.-Lei nº 761, de 14 de agosto de 1969, que dispõem sobre o contrato do trabalho de safrista.

Segundo os arts.19 e 20 do novo Estatuto do Trabalhador Rural,

o enquadramento e contribuição sindical rural continuam regidos pela legislação ora em vigor: o Seguro Social e o Seguro Contra Acidentes do Trabalho Rural, bem como a aplicação ao trabalhador rural no que couber do regime do FGTS, serão regulados por leis especiais. Foi vedado ainda o trabalho noturno ao menor de 18 anos.

Existe ainda dúvida quanto ao art. 2º (definição do empregado rural) e o art. 17 (envolvendo o que a definição não atingiu), quanto a sua constitucionalidade.

Para fins de dedução dos salários pagos ao trabalhador rural, o regulamento desta lei deverá especificar os tipos de moradia.

Todo safrista terá direito a 1/12 (um doze avos) do salário mensal por mes de serviço ou fração superior a 14 dias, a título de indenização do tempo de serviço.

Além da Lei 5.452, de 1º de maio de 1943 (CLT) devem ser aplicadas às normas do trabalho no campo outros diplomas legais:

a) A Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973, que estatui normas reguladoras do trabalho rural e dá providências;

b) Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Dec.-Lei 5.452, de 1º de maio de 1943;

c) Dec.-Lei nº 605, de 5 de janeiro de 1949, dispondo sobre o repouso semanal e pagamento de salários nos feriados.

d) Lei nº 4.090, de 13 de julho de 1962, instituindo a gratificação de Natal;

e) Lei 4.725, de 13 de julho de 1965, estabelecendo normas para o processo de dissídio coletivo e outras providências;

f) Lei nº 4.903, de 16 de dezembro de 1965, dando nova redação ao art. 2º e ao § 1º da Lei nº 4.725;

g) Dec.-Lei nº 15, de 29 de julho de 1966, estabelecendo normas de critérios para unificação dos reajustes salariais e outras providências;

h) Dec.-Lei nº 17, de 22 de agosto de 1966, introduzindo alterações em dispositivos do mencionado Dec.-Lei nº 15;

i) Dec.-Lei nº 27.048, de 12 de agosto de 1950, que aprovou o regulamento da Lei nº 605, de 5 de janeiro de 1949;

j) Lei nº 2.761 de 26 de abril de 1965, que deu nova redação ao § 2º do art. 6º da Lei nº 605;

l) Dec. nº 57.146, de 1º de novembro de 1965, que atualizou conforme o disposto no art. 9º da Lei nº 4.357, as multas previstas na legislação do trabalho;

m) Dec.-Lei nº 86, de 27 de dezembro de 1966, que altera o art. 11 da Lei nº 605;

n) Dec.-Lei nº 1.881, de 1º de dezembro de 1962, regulamentando a Lei nº 4.090;

o) Lei nº 4.749, de 12 de agosto de 1965, dispondo sobre o pagamento de gratificação prevista na Lei 4.090;

p) Dec. nº 57.627, de 13 de janeiro de 1966, com a redação dada pela Lei nº 4.903;

q) Lei nº 5.451, de 12 de junho de 1968, dispondo sobre reajus-tamento salarial;

r) Dec. nº 64.378, de 21 de março de 1969, que dispõe sobre a Consolidação e Liquidação de Débitos para com a Previdência Social.

7.3 - Tributação

- Impostos pagos pela agricultura

Convênio firmado pelo Ministério da Fazenda e Secretarias da Fazenda de todos os estados brasileiros, em janeiro de 1973, determinou a redução da alíquota do ICM nas operações efetivadas com produtos agrícolas. Na Região Centro-Sul, esse decréscimo atingiu 67,7% nas operações internas e 63% nas interestaduais, quando se tratar de comercialização da carne bovina verde, resfriada ou congelada, bem como dos produtos comestíveis derivados.

O mesmo acordo revogou a vigência dos estímulos fiscais à exportação da carne bovina industrializada, concedidos com base no recolhimento do ICM. O Governo de São Paulo editou o Decreto 961, de 17 de janeiro de 1973, o qual versa sobre as medidas decorrentes do mencionado convênio.

Por meio de protocolo, assinado pelo Ministro da Fazenda e Secretários Estaduais da Fazenda, em 7 de fevereiro de 1973, ficou decidida a isenção do Imposto de Circulação de Mercadorias para os seguintes produtos:

- a) Farinhas de peixe, de ostras, de carne, de osso e sangue;
- b) farelos e tortas de soja, de amendoim, de algodão, de milho, de trigo, de babaçu e de mamona;
- c) demais insumos de qualquer natureza, para ração animal, concentrados e suplementos, exceto sorgo nas operações in-

terestaduais.

De acordo com o documento, tais produtos continuarão sujeitos ao pagamento do ICM nas exportações.

7.4 - Alterações na Política de Exportação de Produtos Agropecuários

Resolução nº 240 do Banco Central do Brasil, de 12 de janeiro de 1973, estabeleceu cota de contribuição de US\$ 200,00 por tonelada FOB nas exportações de carne bovina fresca, resfriada, congelada ou industrializada. A 15 de janeiro foi divulgada a regulamentação dessa contribuição.

Por outro lado, o Conselho Monetário Nacional decidiu submeter ao sistema de licença prévia de exportação, através da CACEX, a venda ao exterior dos seguintes produtos:

- soja em grão, farelo e torta de soja;
- milho em grão e farelo de milho;
- torta e farelo de algodão;
- farelo de trigo;
- torta e farelo de babaçu;
- farinha de peixe.

Posteriormente, o Conselho Monetário Nacional, a fim de manter em níveis de normalidade o suprimento de soja e os preços desse produto no mercado interno resolveu baixar norma, tornando obrigatória a venda à CACEX de soja em grão, torta e farelo, na proporção de uma tonelada para cada três exportadas, ao preço de Cr\$ 45,00 por saco de 60 quilos.

As quantidades adquiridas pela CACEX destinam-se ao consumo in

terno, tomando por base as cotações fixadas pelo Conselho Interministerial de Preços - CIP.

7.5 - Sementes: Preços para 1973/74

Os preços de venda das sementes produzidas em Campo de Cooperação pela Secretaria da Agricultura de São Paulo refletem a política adotada por esta Secretaria, visando o incremento do uso de sementes melhoradas pelos agricultores paulistas. Tal política tem ressonância inclusive em outros estados da Federação, como bem evidencia o fluxo de saída de sementes de algodão para outros estados que, no presente ano, atingiu cerca de 20% da produção total. Em contrapartida, a Secretaria da Agricultura adquiriu sementes de soja em outros estados, especialmente no Rio Grande do Sul. E para as demais sementes o intercâmbio inter-estadual é relativamente pequeno.

No quadro 7.1 são apresentadas as cotações a vigorar na próxima safra 1973/74, conforme Resolução do Secretário da Agricultura.

QUADRO 7.1. - Preço de Venda das Sementes Produzidas em Campo de Cooperação da Secretaria da Agricultura de São Paulo, para Plantio da Safra 1973/74

Semente	Unidade	Preço	Semente	Unidade	Preço
Algodão	sc.30kg	28,00 ⁽¹⁾	Quiabo	kg	7,60
Arroz	sc.50kg	70,00	Mucuna	sc.50kg	78,00
Amendoim	cx.20kg	51,00	Dólico	sc.50kg	78,00
Feijão	sc.50kg	280,00	Guandu	sc.50kg	78,00
Milho híbrido	sc.50kg	65,00	Siratiro	kg	45,00
Milho variedade	sc.50kg	55,00	Centrozema	kg	45,00
Milho pérola	sc.50kg	62,00	Soja p.tardia	kg	45,00
Soja	sc.50kg	170,00	Galactia	kg	45,00
Mamona	sc.30kg	90,00	Ervilha	kg	10,00

⁽¹⁾ Não inclui taxa de seguro contra granizo.

Fonte: Comissão Permanente de Política de Preços de Sementes e Mudas.

7.6 - Preços Mí́nimos para 1973/74

Os preços mí́nimos apresentados no quadro 7.2 correspondem aos montantes lí́quidos a serem efetivamente recebidos pelos agricultores, desde que entreguem seu produto nas cidades que possuam agência do Banco do Brasil. Apenas deverão correr por conta do produtor as despesas relativas ao carreto até um dos armazens indicados pelo Banco do Brasil e a sacaria, quando se tratar de produto cuja comercialização seja assim efetuada. A garantia de preços mí́nimos poderá ser realizada de dois modos: a) pela venda imediata do produto à CFP, através das agências do Banco do Brasil; b) por empréstimos com garantia federal junto ao Banco do Brasil.

QUADRO 7.2 - Preços Mí́nimos Básicos para a Safra 1973/74

Produto	Unidade	Cr\$/unidade	
		1972/73	1973/74
Algodão em caroço - SP	arroba	17,10	24,45
Arroz em casca - GO ⁽¹⁾	sc.50kg	30,00	39,00
Milho - SP	sc.60kg	18,00	30,00
Sorgo - SP	sc.60kg	14,40	24,00
Soja - RS ⁽¹⁾	sc.60kg	30,00	36,00
Girassol - SP	sc.40kg	19,20	24,00
Amendoim em casca - SP	sc.25kg	17,00	24,00
Mamona - BA ⁽¹⁾	sc.60kg	37,80	49,80
Feijão uberabinha - MG e GO	sc.60kg	57,00	100,20
Feijão preto comum - PR	sc.60kg	49,20	75,00
Feijão de cores - PR ⁽¹⁾	sc.60kg	52,80	79,80
Feijão roxo - PR	sc.60kg	52,80	100,20
Mandioca (raiz) - SC ⁽¹⁾	t	104,00	104,00
Mandioca (farinha) - SC ⁽¹⁾	sc.50kg	22,50	23,50
Mandioca (fêcula) - SC ⁽¹⁾	sc.50kg	36,00	37,50

⁽¹⁾ Os preços mí́nimos médios das regiões no Estado de São Paulo para a safra 1972/73 foram: Arroz - Cr\$30,62; Soja - Cr\$29,00; Mamona - Cr\$36,00; Feijão de cores - Cr\$53,16; Mandioca (raiz) - Cr\$92,50; Mandioca (farinha) - Cr\$22,25; Mandioca (fêcula) - Cr\$32,62.

7.7 - Aumenta a Oferta de Crédito Rural

O Conselho Monetário Nacional alterou sua resolução nº 69, aumentando de 10 para 15 por cento dos saldos dos depósitos, as aplicações obrigatórias das instituições bancárias em financiamento agrícola. O Banco Central expediu a resolução nº 260 na qual o Conselho Monetário Nacional resolveu:

I - Elevar de 10 por cento para 15 por cento o percentual a que se refere o item I da resolução nº 69, de 22 de setembro de 1967.

II - A partir do mês de julho corrente, o cálculo das aplicações a que se refere a presente resolução será baseado na média móvel trimestral dos saldos dos depósitos, apurada mensalmente.

III - Determinar que, a partir do mês de julho do corrente, seja aplicada em operações típicas de crédito rural, importância equivalente a 30 por cento do acréscimo de depósito verificado em relação ao mês anterior, até que os novos níveis mínimos obrigatórios estabelecidos pela presente resolução sejam atingidos.

IV - As instituições que não desejarem ou não puderem cumprir a obrigação expressa nos itens I e III, recolherão as importâncias correspondentes ao Banco Central do Brasil na forma prevista no item II da resolução nº 69.

V - O Banco Central do Brasil baixará as normas complementares à implementação das disposições contidas na presente resolução.

Essa resolução causará forte impacto na oferta do crédito rural no próximo ano agrícola. Assim, segundo estimativas preliminares, os recursos da resolução nº 69 que eram de 4 bilhões de cruzeiros, passariam para aproximadamente 6 bilhões de cruzeiros com a resolução nº 260.

A Secretaria da Agricultura, a fim de acelerar a concretização dessas aplicações, colocou à disposição dos bancos privados todo o apoio técnico necessário para a formulação da política de atuação da rede privada.

CORPO TÉCNICO DO I.E.A.

- em exercício -

DIRETORIA GERAL: Paulo Fernando Cidade de Araujo
ASSESSORIA DE PROGRAMAÇÃO: Evaristo Marzabal Neves
ASSESSORIA ESPECIALIZADA: Caio Takagaki Yamaguishi
Décio Sodrzejieski
Ralph Gerald Saylor

COMUNICAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA: Paulo David Criscuolo
Devancyr Aparecido Romão
Maria de Lourdes Barros Camargo

ECONOMIA DA PRODUÇÃO

Diretoria: Paul Frans Bemelmans

Abel de Lima Filho
Alfredo de Almeida Bessa Junior
Hermanto Ferreira de Noronha (1)
José Roberto Viana de Camargo (1)
Laerte Pereira Rodrigues (1)
Luiz Carlos Assef
Luiz Carlos Duzzi Maranhão de Carvalho
Maria Naima Kalil
Minoru Matsunaga
Nelson Batista Martin
Paulo Edgard Nascimento de Toledo
Richard Domingues Dulley
Yoshihiko Sugai (1)
Zuleima Alleoni Pires

COMERCIALIZAÇÃO

Diretoria: Pêrsio de Carvalho Junqueira
Everton Ramos de Lins
Claus Floriano Trench de Freitas
Flavio Condê de Carvalho
Hiroshigue Okawa
Irene José Einhorn Goldenberg
Joel Evaldo de Oliveira Kersten
José Diniz de Araújo
Lídia Hatue Ueno
Maria Celina Mauro Padovani (1)
Maria Elisa Benetton Junqueira
Maria de Lourdes do Canto Arruda
Maria Lúcia Buff D'Apice
Marilena Igreja Lazzarini
Natanáel Miranda dos Anjos
Wilson Leite do Canto

POLÍTICA E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Diretoria: Antonio Ambrósio Amaro
Ismar Florêncio Pereira

Alfredo Tsuneshiro
Ana Elisa Brito Garcia
Anna Perina Rabello Arruda
Antonio Carlos Furlan Gimenes
Arciley Alves Pinheiro
Cesar José Almeida Camargo
Claudia Andreolli Galvão
Fernando Bento Homem de Mello (1)
Gabriel Luiz Seraphico Peixoto da Silva (1)
José Carlos Mollo Alarcon
José Ricardo Cardoso de Mello Junqueira
Luiz Flávio Barbosa Cancegliero
Luiz Moricochi
Paulo Augusto Wiesel
Sebastião Nogueira Junior (1)
Yoshio Namekata
Yuly Ivete Miazaki

LEVANTAMENTOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS

Diretoria: Salomão Schattan
Luiz Henrique de Oliveira Piva
Ana Maria Montragio
Antonio Fernando Scheibel Padula
Fernando Antonio de Almeida Sever
Francisco Alberto Pino
José Francisco Coluço
José Ferreira de Noronha (1)
Julio Humberto Jimenez Ossio
Lineu Bueno de Moraes
Manuel Joaquim Martins Falcão
Maristela Simões do Carmo (1)
Milton Nogueira de Camargo
Nelson Giuliatti
Nelson Kazaki Toyama (1)
Paulo Tomoo Morimoto (1)
Paulo Varela Sendin
Rosa Maria Carmignani Pescarin (1)
Tulio Teixeira de Oliveira
Wagner José de Barros

BIBLIOTECA

Helena Souza e Silva de Oliveira
Cláudia Maria Diniz Spinelli
Edneuzza Souza Póvoa
Gabriella Menni
Maria Luiza Alexandre Peão

AGRICULTURA EM SAO PAULO
PROGNÓSTICO 1973/74

